

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE FÍSICA
INSTITUTO DE QUÍMICA
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELEN CRISTINA FAHT

Diagnóstico e Análise de Atividades relacionadas à
Educação Ambiental em Escolas Públicas de
São Paulo-SP e Blumenau-SC

SÃO PAULO

2011

ELEN CRISITNA FAHT

**Diagnóstico e Análise de Atividades relacionadas à
Educação Ambiental em Escolas Públicas de
São Paulo-SP e Blumenau-SC**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Física, ao Instituto de Química, ao Instituto de Biociências e à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências

Orientador: Prof. Dr. Paulo Takeo Sano

SÃO PAULO

2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA
Preparada pelo Serviço de Biblioteca e Informação
do Instituto de Física da Universidade de São Paulo

Faht, Elen Cristina

Diagnóstico e análise de atividades relacionadas à educação ambiental em escolas públicas de São Paulo-SP e Blumenau-SC – São Paulo, 2011.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, Instituto de Física, Instituto de Química e Instituto de Biociências.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Takeo Sano

Área de Concentração: Ensino de Ciências – modalidade Biologia

Unitermos: 1. Educação; 2. Tipos de Educação; 3. Educação Ambiental; 4. Ensino; 5. Atividade Escolar

USP/IF/SBI-011/2011

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Clarice Sumi Kawasaki
FFCL – USP Ribeirão Preto

Profa. Dra. Ermelinda Moutinho Pataca
FE - USP

Prof. Dr. Paulo Takeo Sano (Orientador)
IB - USP

*Dedico este trabalho aos meus amados pais,
ao Alisson por todo o apoio.*

Vamos consertar o mundo
Vamos começar lavando os pratos
Nos ajudar uns aos outros
Me deixe amarrar os seus sapatos
Vamos acabar com a dor
E arrumar os discos numa prateleira
Vamos viver só de amor
Que o aluguel venceu na terça-feira

O sonho agora é real
E a chuva cai por uma fresta no telhado
Por onde também passa o sol
Hoje é dia de supermercado

Vamos viver só de amor

E não ter que pensar, pensar
No que está faltando, no que sobra
Nunca mais ter que lembrar, lembrar
De pôr travas e trancas nas portas

Autor: Herbert Vianna
Música: Vamos Viver

Agradecimentos

Ao professor Paulo Sano pela orientação do trabalho e paciência.

A banca de qualificação, as professoras Ermelinda Moutinho Pataca e Clarisse Sumi Kawasaki pelas contribuições realizadas.

Aos diretores, professores e alunos de todas as escolas envolvidas na pesquisa que foram essenciais para a realização do trabalho e que me acolheram com muito carinho.

Aos professores Geraldo Moretto e David Hülse (*in memoriam*) pelas contribuições no aprendizado acadêmico e experiência de vida.

À professora Maria Cristina Arias que me acolheu, assim como todos do laboratório de Sistemática e Evolução de Abelhas, no qual é responsável.

A todo o pessoal do Laboratório de Sistemática Vegetal por me acolher e receber tão bem, dividindo um cantinho disputado.

As amigas queridas Maíra, Hélika, Olga e Vanessa pelos laços de amizade e trocas de idéias durante todo Mestrado.

Aos amigos Elaine, Alexandre (He-man), André Vaquero, Samantha, Marcel, Márcia, Edna, Simone, Paulo, Solange, Tiago, Fabiana e Josely pela amizade construída no Mestrado e que ficará para toda a vida.

Aos professores Paulo César Boggiani, Denise de La Corte Bacci e novamente a Ermelinda que me proporcionaram experiências profissionais e pessoais que levarei para toda a minha vida.

Aos alunos e profissionais do Instituto de Geociências, com as quais convivi tempo suficiente para criar laços de amizade.

Agradeço a Ellen, ao Thomas e a Érica da Secretaria da CPGI que sempre me auxiliaram e orientaram com apreço quando precisei.

De um modo geral, agradeço a todas as pessoas com quem convivi e que de alguma forma contribuíram com minha formação durante o período do Mestrado e que por serem muitos, fica difícil incluir os nomes.

Agradeço especialmente ao meu pai, Osmar Faht e a minha mãe, Luzia Heringer Faht, pelo exemplo de vida, pela força, apoio, incentivo e carinho. Ao meu irmão que também sempre me incentivou a buscar novos desafios. A toda minha família pela compreensão e apoio.

Por fim, mas não menos importante, ao Alisson, amor de minha vida, com quem compartilhei todos os momentos vividos durante o Mestrado e sendo bons ou ruins sempre esteve presente comemorando, ou mesmo oferecendo um abraço.

**Diagnóstico e Análise de Atividades relacionadas à
Educação Ambiental em Escolas Públicas de
São Paulo-SP e Blumenau-SC**

Resumo

A Educação Ambiental apresenta, atualmente, concepções sócio-ambientais que têm modificado a visão naturalista de meio ambiente e natureza, muito mais ligada quase exclusivamente a visão biológica da mesma. No ensino formal, sua prática educativa é capaz de influenciar a comunidade e os educandos, tornando-os críticos e co-responsáveis pela sua construção. Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo verificar as atividades de Educação Ambiental que estavam sendo desenvolvidas em duas escolas públicas do estado de São Paulo e três escolas públicas de Santa Catarina. A partir de tais atividades, traçar um panorama de como estas acontecem e identificar quais concepções estão presentes nos professores e diretores envolvidos. A metodologia utilizada foi qualitativa, com aplicação de um questionário misto para levantamento prévio de idéias e aplicação do método de triangulação, com utilização de observação presencial, análise dos Planos Políticos Pedagógicos e entrevistas semi-estruturadas. Como resultados, encontramos as escolas com preocupações similares relacionadas à produção e ao destino de resíduos sólidos e produção de horta. Algumas mostraram atividades diferenciadas como a organização de uma praça junto a escola, a realização de um evento anual sobre meio ambiente e o desenvolvimento de oficinas com reaproveitamento de materiais diversos. Outro dado significativo e evidente, foi o de que a maioria dos professores são estimulados e apoiados pelos diretores, e vice-versa, no desenvolvimento das atividades relacionadas à Educação Ambiental. As concepções de Educação Ambiental encontradas nas falas dos professores e diretores também foram semelhantes e demonstram uma visão mais integrada a questões sociais, ambientais e educacionais.

Palavras chave: Educação Ambiental, Ensino de Ciências, Educação Básica

Diagnosis and analysis of related activities Environmental Education in Public Schools from São Paulo-SP and Blumenau-SC

Abstract

Environmental education has, currently, socio-environmental concepts that have changed the naturalist view of nature and environment, much more connected to almost exclusively biological view of it. In formal education, their educational practice is able to influence the community and the students, making them critical and co-responsible for its construction. In this context, this research aimed to determine the environmental education activities that were being developed in two public schools in the state of São Paulo and three public schools of Santa Catarina. From such activities, to give an overview of how they occur and to identify which concepts are present in the teachers and principals involved. The qualitative method was used, applying a mixed questionnaire survey prior to implementation of ideas and the method of triangulation, using classroom observation, analysis of Political Pedagogic Plan and semi-structured interviews. As a result, we find schools with similar concerns related to the production and fate of solid waste and vegetable garden produce. Some showed different activities such as organizing a square beside the school, conducting an annual event on environment and development workshops with the reuse of several materials. Another significant and obvious data, was that most teachers are encouraged and supported by principals and vice-versa, the development of activities related to environmental education. Conceptions of Environmental Education found in the statements of teachers and principals were also similar and show a more integrated view to social, environmental and educational questions.

Keywords: Environmental Education, Science Education, Basic Education

Sumário

1 Introdução.....	3
1.1 Justificativa.....	5
1.3 Questões de investigação	8
2 Referenciais Teóricos da Pesquisa.....	9
2.2 A Educação Ambiental no ambiente da Educação Formal	9
2.3 Alguns documentos relacionados à Educação Formal e à Educação Ambiental	14
2.3.1 Política Nacional de Educação Ambiental	14
2.3.2 Parâmetros Curriculares Nacionais	16
2.3.3 Proposta Curricular de Santa Catarina	17
2.3.4 Proposta Curricular do Estado de São Paulo.....	19
2.4 O Ensino de Ciências e a Educação Ambiental	20
2.5 Diferentes olhares da Educação Ambiental	21
3 Aspectos Metodológicos	25
3.1 Contextualização das escolas	25
3.2 Instrumentos de coleta de dados.....	25
4 Resultados e Discussão.....	28
4.1 Desafios	28
4.2 Ambientes escolares.....	30
4.2.1 Unidade Escolar Municipal – São Paulo/SP	30
4.2.2 Unidade Escolar Estadual – Taboão da Serra/SP.....	32
4.2.3 Unidade Escolar Municipal – Blumenau/SC	33
4.2.4 Unidade Escolar Estadual 1 – Blumenau/SC	34
4.2.5 Unidade Escolar Estadual 2 – Blumenau/SC	35
4.3 Temas de Educação Ambiental nas atividades escolares.....	36
4.4 Formas de desenvolvimento e estratégias das atividades.....	64
Referências Bibliográficas	68
ANEXO A- Questionário de levantamento de projeto de Educação Ambiental (EA)	73
ANEXO B - Questões para entrevistar professores envolvidos nos projetos, coordenadores e diretores:	76
Anexo D- Entrevistas dos diretores das escolas	77
Anexo E- Entrevistas dos professores coordenadores dos projetos nas escolas	100

1 Introdução

A Educação Ambiental surge em um terreno marcado por uma tradição naturalista. Superar essa marca, mediante a afirmação de uma visão socioambiental, exige um esforço de superação da dicotomia entre natureza¹ e sociedade, para poder ver as relações de interação permanente entre a vida humana social e a vida biológica da natureza (Carvalho, 2004).

Assim também, questões relacionadas ao meio ambiente são comumente tratadas sob a perspectiva da Ciência, relacionadas aos danos físico-químicos na natureza; na visão do mundo da cultura, o meio ambiente é visto como transformação de comportamentos cotidianos do cidadão comum, como agente poluidor e destruidor (Penteado, 2003).

Mesmo na Educação Ambiental, que apresenta atualmente um enfoque mais social, ainda é muito comum encontrarmos diversos projetos e atividades ligados exclusivamente à perspectiva biológica. Nossa percepção, nossas traduções e reconstruções cerebrais dos conhecimentos ocorrem por meio da linguagem que sofre interferência das emoções (Morin, 2003). O encanto pelo belo, pelas plantas e animais sensibiliza muito mais que a sociedade em que a maioria das pessoas vive o dia-a-dia. Este apelo acaba distanciando a Educação Ambiental mais relacionada à sociedade e para a maioria das pessoas, ela termina por adquirir uma dimensão somente naturalista.

A compartimentalização do “ambiental”, ou a inserção de uma “dimensão ambiental”, inevitavelmente confina o conceito de meio ambiente a uma perspectiva instrumental e o elenco de “problemas ambientais” se reduz à poluição, escassez de recursos naturais, diminuição da biodiversidade, entre outros. A educação ambiental, vista dessa forma, não ultrapassa as fronteiras da velha educação conservacionista e não faz jus, portanto, ao objetivo a que se propõe (Brugger, 2004). Torna-se importante ressaltar que, simultaneamente ao fenômeno de a Educação Ambiental assumir uma visão mais socioambiental, o próprio conceito de meio ambiente vem passando por mudanças, deixando de ser considerado somente por aspectos físicos e biológicos, e incluindo também aspectos econômicos e sócio-culturais, bem como suas interações (Tamaio, 2002). Isto se deve ao fato de sermos seres sociais-biológicos inacabados, numa constante formação histórica (Loureiro, 2006).

¹ Apesar de natureza apresentar vários significados, a autora refere-se na visão de ambiente natural, sem a presença do ser humano e do ambiente urbano.

Importante que o termo conservação e preservação são alvos de debate. Para maior clareza adotamos aqui o conceito adotado pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) de 2000:

“Conservação da natureza: o manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral;

Preservação: conjunto de métodos, procedimentos e políticas que visem a proteção a longo prazo das espécies, habitats e ecossistemas, além da manutenção dos processos ecológicos, prevenindo a simplificação dos sistemas naturais.”

Apesar de muito importante a conservação do meio ambiente e em várias situações ser extremamente necessário, Reigota (1995) cita que ainda é um desafio para a Educação Ambiental não limitar-se ao conservacionismo (biológico e político²) a que se viu confinada e propor alternativas sociais, considerando a complexidade das relações humanas e ambientais. Como é um campo de conhecimento ainda em processo de formação, é permeado por contradições e com um histórico que torna complexo o seu processo de assimilação (Medina, 2001). Em pesquisas recentes, já foi possível perceber uma mudança no enfoque dos trabalhos enviados a eventos de EA, estes de modo geral buscam construir modelos explicativos de maior alcance com campos disciplinares diversos (Kawasaki & Carvalho, 2009).

Na sociedade consumista atual, em que a “dominação social” e o crescimento econômico prezam pela acumulação de bens e o aumento do padrão de consumo baseado na extração de recursos naturais, é de se imaginar que tal comportamento resulte em graves consequências ambientais (Guimarães, 1995). Para Bacci e Pataca (2008), há uma crise geral que pode ser entendida como o resultado deste longo processo de apropriação e destruição da natureza, que se intensificou profundamente com o desenvolvimento do capitalismo industrial.

Atualmente, a Educação Ambiental exige um conhecimento aprofundado nas áreas da Filosofia, Ciências Ambientais e Sociais, História, Economia, Ecologia, entre outras. É importante não confundir as ciências que são utilizadas pela Educação Ambiental com ela própria. Ou seja, a Educação Ambiental utiliza os conhecimentos ecológicos, mas não é

² O conservacionismo no sentido político pode ser entendida quando a conservação fica limitada somente à criação de áreas de conservação ambiental.

Ecologia (Philippi Jr. & Pelicioni, 2005). Este é um dos motivos que justifica a Educação Ambiental como sendo interdisciplinar, ou, como preferem alguns, transdisciplinar. Desta forma, ela permeia essas outras áreas. Logo, para a ocorrência de uma educação efetiva, é necessário o desenvolvimento de uma visão integrada do mundo que nos cerca, visão esta que nos leve a compreender as diversas esferas e suas inter-relações, bem como as interferências geradas pelo homem no meio em que vive (Bacci e Pataca, 2008).

1.1 Justificativa

Cada vez mais escutamos falar sobre meio ambiente e Educação Ambiental em nosso dia-a-dia: nos meios de comunicação de massa, em ambientes educacionais, na literatura em geral e nos mais variados contextos. Vários fatores contribuem para essa realidade, como a influência da mídia que alerta para tais questões relacionando-as com diversos problemas como aquecimento global e desastres naturais; documentos oficiais exigindo que os diferentes ambientes educacionais trabalhem com questões ambientais; entre outros.

A Educação Ambiental apresenta distintas abordagens, em diferentes níveis de envolvimento, apesar de estar muito presente na atualidade devido à necessidade de uma percepção renovada de mundo. Muitas destas abordagens demonstram equívocos resultantes, em parte, do fato de o termo –e, portanto, o conceito- Educação Ambiental ser relativamente recente, proposto em 1977, em Tbilisi (Cascino, 1999).

Vale ressaltar que, desde o surgimento da preocupação ambiental, nas décadas de 1960 e 1970, muitos conceitos e idéias gerais passaram por transformações mediadas pelas mudanças acontecidas na própria sociedade. Mesmo com tais mudanças, ainda permanecem questões muito parecidas com as iniciais, como a preocupação com a contaminação dos seres vivos por aditivos químicos e a extinção de espécies ocasionadas pela interferência humana.

Apesar de a temática ambiental estar presente na sociedade e em alguns ambientes educacionais há várias décadas, os documentos brasileiros oficiais surgiram somente a partir de 1996, com a publicação, pelo Ministério da Educação (MEC), dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e, em 1999, a partir do lançamento da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). É comum verificarmos que a real incorporação de documentos oficiais no âmbito escolar acontece morosamente. O que é justificável, quando refletimos sobre todo o processo que ocorre desde a publicação dos mesmos até sua chegada nas escolas e,

principalmente, o estabelecimento de informações complementares para esclarecer seus usos. Isto exige tempo de reflexão e conhecimento aprofundado sobre tais documentos. Temos que levar em consideração, também, que a variável tempo em nossa sociedade do século 21 é escassa para os cidadãos de modo geral. Para os profissionais ligados à Educação Formal e principalmente inseridos na Educação Básica, o tempo também é essencialmente ocupado com muitas questões relacionadas às funções burocráticas e suas respectivas responsabilidades. As escolas, hoje, agregam muitas responsabilidades e assumem diversos papéis na formação dos educandos, além da função tradicional de ‘transmitir o conhecimento’³. Cabe ressaltar que, mesmo com possíveis lacunas e algumas idéias que podem ser consideradas equivocadas nos trabalhos desenvolvidos em escolas, é importante que estes sejam valorizados, na medida da possibilidade de seu aprimoramento.

O trabalho com questões ambientais nas escolas pode ocorrer de diversas formas, cada educador trabalhando o assunto nas aulas em que leciona, inserido-o aos conteúdos mínimos⁴ ou ainda considerando questões maiores que extrapolam a grade de disciplinas curriculares e vão além das aulas programadas.

Apesar de a obrigatoriedade da Educação Ambiental estar presente no Ensino Fundamental e Médio em todas as disciplinas, comumente ela é encontrada, sobretudo em Ciências e Biologia. Historicamente, pode-se explicar esta associação devido à proximidade dos conteúdos relacionados ao meio ambiente e à Ecologia. Não obstante, cabe ressaltar que a escola representa um espaço de trabalho fundamental para fortalecer as bases da formação para a cidadania, apesar de carregar o peso de uma estrutura desgastada (Segura, 2001).

A necessidade de realizar um diagnóstico no ambiente escolar nasce do fato de que o processo de construção de conhecimento se dá, em parte substancial, nesse ambiente. Tal diagnóstico proporcionará a construção de uma visão mais crítica e abrangente sobre o assunto, já que atualmente a Educação Ambiental envolve a visão de mundo como um todo, e não pode ser reduzida a apenas uma disciplina ou programa específico. Ela está ligada a ações multi- e interdisciplinares e inserida no cotidiano de todos os indivíduos (Viezer e Ovalles, 1994).

É bastante relevante a falta de esclarecimento dos educadores quanto ao real significado dessa interdisciplinaridade (Cascino, 1999), ou mesmo a dificuldade em realizá-la.

³ Apesar de não estar de acordo com o termo ‘transmitir conhecimento’, foi a expressão que mais se aproxima com a realidade encontrada na maioria das escolas no contexto em que aconteceu o trabalho, mesmo que houvesse em uma ou outra escola situações menos tradicionais que caracterizavam a relação de ensino e aprendizagem.

⁴ A Constituição Federal de 1988 cita os conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental a fim de assegurar a formação básica comum e respeito de valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

O diagnóstico proposto visa facilitar a abordagem sobre o tema Educação Ambiental, criando reflexões e procurando com isso a melhoria de práticas. As atividades escolares que serão descritas neste trabalho mostram o quanto vários profissionais envolvidos com a escola demonstram interesse e a iniciativa de se trabalhar com questões relacionadas ao meio ambiente e com a atualidade, preocupados com a melhoria da qualidade educacional e buscando inovações para promover a valorização da educação dentro da realidade em que se encontram.

1.3 Questões de investigação

A compreensão do contexto de Educação Ambiental nas escolas públicas pode nos oferecer dados capazes de auxiliar na construção de um panorama mais amplo da EA bem como subsidiar a proposta de práticas pedagógicas mais efetivas sobre o assunto. Para isso, é necessário, no entanto, um primeiro passo. Ele é representado, aqui, na pesquisa desenvolvida em escolas públicas de São Paulo - SP, Taboão da Serra – SP e Blumenau – SC.

Longe de tentar estabelecer comparações, o que seria praticamente impossível em pesquisas dessa natureza, o que se buscou foi conhecer a fundo a realidade de cada escola e, a partir daí, investigar a diversidade de ações e de concepções relativas à Educação Ambiental nesses diferentes universos. Como pontos de partida foram postuladas as seguintes questões de pesquisa:

- Como acontece a Educação Ambiental nas escolas?

Nosso objetivo, com essa questão, foi verificar como as escolas trabalham EA: se por meio de projetos, se inserida nas disciplinas curriculares, em atividades pontuadas com parcerias externas ou, ainda, se ocorre de outras formas. Esta questão poderia nos mostrar, ainda, qual(is) a(s) motivação(ões) de se trabalhar EA na escola e quem são os principais profissionais envolvidos com esta prática.

- Que concepções de EA e meio ambiente estão presentes nas atividades e nos projetos desenvolvidos nas escolas pelos professores e diretores envolvidos?

Como existem muitas concepções diferentes relacionadas à EA, procuramos traçar um panorama de tais concepções nas escolas analisadas. Obviamente, as concepções adotadas podem interferir na escolha da forma e do conteúdo ao se trabalhar EA. Assim também, as diferentes concepções entre as pessoas envolvidas tanto podem resultar pouco efetivas quanto podem enriquecer e complementar o processo de ensino-aprendizagem.

2 Referenciais Teóricos da Pesquisa

Os referenciais teóricos utilizados permitiram, em um primeiro momento, a compreensão e a contextualização histórica da Educação Ambiental inserida no Ensino Formal especificamente, no Brasil. Tal contextualização nos possibilita comprovar o quão recente é o tema em nossa realidade e como mudanças aconteceram relacionadas ao contexto histórico-social.

Foi possível perceber que, assim como a temática Educação Ambiental aconteceu de modo lento e gradual em nossa sociedade, o mesmo ocorreu quando nos referimos à sua inserção na Educação Formal, já que várias outras questões estão envolvidas nas escolas, tais como a implementação de políticas públicas.

Apresentamos, na sequência, alguns dos que julgamos serem os principais documentos que regem e oferecem parâmetros para o trabalho envolvendo Educação Ambiental de modo geral ou especificamente nas escolas. No âmbito mais geral e regulamentando a temática, há a Política Nacional de Educação Ambiental (1999). No âmbito mais específico das escolas, estão os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) e a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008).

Foram, também, utilizadas e analisadas concepções de diversos autores como Lucie Sauvé (2005), Isabel Carvalho (2004), Marcos Reigota (1995) e Irineu Tamaio (2002) entre outros relacionados à Educação Ambiental e a temas correlacionados, como Natureza e Meio Ambiente. Estas concepções apresentam variações conforme as experiências dos pesquisadores, variações geralmente associadas às diferentes realidades encontradas.

2.2 A Educação Ambiental no ambiente da Educação Formal

Apesar do foco na Educação Formal, alguns aspectos históricos gerais serão citados por vezes como uma forma de contextualizar certos acontecimentos ou mesmo questões ligadas diretamente à escola.

Em 1972, aconteceu a Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano em Estocolmo, na qual a Educação Ambiental foi considerada como um elemento crítico para o combate à crise ambiental no mundo (Dias, 2004). Nessa conferência, ficou nítido o tratamento diferenciado entre os países industrializados e aqueles ainda em desenvolvimento.

Dias (2004) faz o seguinte comentário, deixando clara a situação: “Para espanto do mundo, representantes do Brasil pedem poluição, dizendo que o país não se importa em pagar o preço da degradação ambiental desde que o resultado fosse o aumento do PNB (Produto Nacional Bruto)”.

No ano seguinte a Conferência da ONU, em 1973, o Brasil insere a Educação Ambiental na legislação Nacional, como atribuição da Secretaria Especial do Meio Ambiente, em que citava a promoção da educação do povo para o uso adequado dos recursos naturais a partir da conservação do meio ambiente.

Inserindo o tema Meio Ambiente à Educação, em 1977, realizou-se em Tbilisi, na Geórgia, ex-União Soviética, o Primeiro Congresso Mundial de Educação Ambiental, apresentando os primeiros trabalhos que estavam sendo desenvolvidos em vários países (Casino, 1999).

Na Conferência de Tbilisi, em 1977, quando o tema Meio Ambiente foi inserido no contexto da Educação, foram elaboradas diretrizes que reforçam a necessidade e a urgência da formação de educadores ambientais, na medida em que se deve:

- incluir a Educação Ambiental no programa de formação de professores;
- auxiliar docentes dos centros de formação de professores na área de Educação Ambiental;
- facilitar, aos futuros professores, uma formação em Educação Ambiental adaptada à realidade urbana ou rural;
- tomar medidas necessárias para que a formação em Educação Ambiental esteja ao alcance de todos os professores. (Dias, 2004).

Em 1992, foi realizada a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Unced), que ficou conhecida como Rio 92. Nesta conferência foi formulado o “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global”, na qual cita que a Educação Ambiental deve estar organizada em educação formal, a qual se refere à educação escolar; educação não-formal, referindo-se à educação fora da escola, mas com sistematização metodológica; e educação informal, a educação sem sistematização e metodologia (Tozoni-Reis, 2008). Também foi na Rio 92 que se elaborou a Agenda 21 como um Plano de Ação para a Sustentabilidade humana reconhecendo-se a Educação Ambiental como um processo de promoção estratégico desse novo modelos de desenvolvimento (Dias, 2004).

Vamos tratar aqui da Educação Ambiental no ambiente formal, que inclui uma quantidade muito grande de crianças, adolescentes e jovens em diferentes faixas etárias, posto

que a Educação Básica, que abrange Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio são garantidos e assegurados pelo governo federal (Lei nº11.274/2006).

A escola pode ser considerada um local privilegiado para a realização da Educação Ambiental, desde que dê oportunidade à criatividade (Reigota, 2006). A própria Política Nacional de Educação Ambiental (1999) cita, na Seção II, a inserção da Educação Ambiental no Ensino Formal, que deve ser desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas, englobando toda a Educação Básica, Educação Superior, Educação Especial, Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos.

A dimensão ambiental deve constar nos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas, somente é facultada a criação de uma disciplina específica em cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas aos aspectos metodológicos da educação ambiental (PNEA, 1999).

A prática da Educação Ambiental nas escolas normalmente ocorre sob uma série de problemas, dentre deles, a falta de preparo dos educadores para ações interdisciplinares. Alguns professores fazem o mero cruzamento de disciplinas sem a devida reflexão, pensando ser interdisciplinaridade (Fourez, 2003). A extrema desvalorização faz com que o professor, pelos baixos salários, pelo descaso com sua formação, esteja muito mais preocupado em sobreviver do que em transformar, o que reflete na prática pedagógica (Gouvêa, 2006).

No ensino formal, a Educação Ambiental é geralmente exercida de quatro maneiras, segundo as políticas públicas relativas a esse assunto (Gov. Estado de São Paulo SMA-CEAM (1994) *apud* Tamaio (2002)): vinculada a datas e períodos específicos (efemérides); relacionada a atividades e solução de problemas práticos; utilizando estratégias de observação e estudo numa forma de estimular a conservação de 'áreas naturais'; e, de uma maneira mais ampla, estimulando estratégias que desenvolvam o exercício da cidadania. Em relação à Educação Ambiental nas escolas, a maioria ainda está limitada a aspectos conservacionistas e com ações bastante pontuais (Sato, 2001).

Iniciativas de atividades relacionadas à Educação Ambiental têm ocorrido nos ambientes de Educação Formal, mas sem sistematização do registro, o que dificulta o crescimento da pesquisa na área. Além disso, documentos oficiais dão indícios da desatenção dos órgãos públicos em relação ao que já se faz, ignorando a riqueza das práticas de Educação Ambiental em sala de aula (Mendes e Vaz, 2009).

É comum a escola receber certo grau de responsabilidade no processo de formação de valores e comportamentos, sendo considerada a "salvação da espécie" e não sendo

compreendida, nesta situação, no conjunto de práticas sociais responsáveis também por essa formação (Loureiro, 2006).

A Educação Ambiental é, na sua essência, política. Portanto, ocorre uma falha muito grave quando é tratada de forma meramente instrumental e acrítica. Tal fato pode ser constatado na simples reprodução de assuntos relacionados ao meio ambiente, sem clareza da dimensão política da educação, sem uma atuação educativa, a partir de sua concepção como algo conjugado numa prática para sensibilizar, minimizar ou mitigar os problemas existentes no contexto atual (Loureiro, 2004).

Compiani (2001) aponta uma série de problemas com a Educação Ambiental nas escolas públicas. Uma delas é a falta de estrutura coletiva, de troca e de espaço de trabalho conjunto entre professores. Cita como agravante desta situação, o sistema tradicional de disciplinas e a falta de interdisciplinaridade inclusive na formação inicial desses professores, que tem como objetivo a formação de educadores técnico-especialistas.

Mesmo que não se deva atribuir toda responsabilidade dos problemas apresentados à formação dos professores, tal formação configura-se como elemento fundamental na transformação dos modelos formativos vigentes (Mello e Rego, 2002). O envolvimento de uma série de questões relacionadas à Educação Ambiental demanda significativo tempo de reflexão e amadurecimento de idéias, elemento raro no cotidiano dos professores (Martins *et al.* 2008).

Outra questão de difícil desenvolvimento no trabalho com Educação Ambiental diz respeito à Avaliação. A dificuldade é decorrente de situações como a abrangência do assunto e a forma com que é trabalhado, que pode ser de cunho mais reflexivo. A avaliação tradicionalmente está ligada à medida de conhecimento e este não é o objetivo da Educação Ambiental e, sim, mudança de atitude, formação de pensamento crítico e agente social, elementos que não podem ser medidos num espaço de tempo curto como o normalmente exigido por provas (Reigota, 2006).

A Política Nacional da Educação Ambiental (1999) também coloca que um dos princípios básicos para o trabalho com a Educação é a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade.

A falta de conhecimento em relação à Educação Ambiental como tema interdisciplinar com caráter transversal, garantido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) pelo corpo docente das instituições de ensino em geral, tem levado ao trabalho deste tema por professores de Ciências e Geografia, que têm excluído o caráter interdisciplinar e não atingem

os reais objetivos da Educação Ambiental (Carvalho, 2004). Taglieber (2004) justifica que a Educação Ambiental foi relegada aos conteúdos da ecologia nas disciplinas de ciências naturais e da geografia.

É importante considerarmos o educador como um importante mediador na aprendizagem dos valores democráticos e um facilitador na introdução de práticas comprometidas com os interesses da comunidade na qual está inserido (Benvides, 1996 *apud* Segura, 2001), mediando a construção dos conhecimentos dos alunos, suscitando, neles, os avanços que não ocorreriam espontaneamente (Tamaio, 2002).

A escola desempenha papel fundamental no desenvolvimento da Educação Ambiental, já que os educandos envolvidos nos projetos escolares relacionados ao assunto realizam um efeito multiplicador na comunidade em que vivem (Carvalho, 2004). A expansão da Educação Ambiental da escola para a comunidade assegura o exercício da cidadania, do senso crítico e da melhoria da qualidade de vida dos envolvidos de toda a comunidade.

Professores são potencialmente educadores ambientais, já que a Educação Ambiental deve ser praticada em todos os níveis de ensino (CF, 1988: Cap. VI, Art. 225, parágrafo 1º, inciso VI). Para que isso ocorra, é de suma importância o preparo e o comprometimento dos educadores com relação à responsabilidade da Educação Ambiental e da interdisciplinaridade, assegurada pelos PCNs. A formação em encontros de capacitação para professores pode possibilitar o desenvolvimento de propostas que atinjam os objetivos propostos pela Educação Ambiental.

Capacitar em Educação Ambiental, independentemente do público alvo, é, em um primeiro momento, levar o indivíduo a repensar a sua relação com o meio, a fim de garantir mudanças de atitudes em prol da melhoria da qualidade de vida de sua sociedade (Santos, 2001). Na capacitação dos professores em Educação Ambiental, há uma série de dimensões que devem ser traçadas e consideradas neste processo. E a responsabilidade de tal processo deveria ser coordenada e fomentada pelo Estado, em seus diferentes níveis e instâncias. No entanto, tem-se observado processos variados e muitas vezes desconexos de ações promovidas por ONGs, prefeituras, empresas, entre outros (Sorrentino, 2001). Mesmo na capacitação é importante levarmos em consideração que a Educação Ambiental trabalha, em última análise, na transformação dos valores éticos e para construir uma nova consciência ambiental na sociedade. E, nesse sentido, para o educador ambiental realizar sua função necessita muito mais do que informações científicas. Ele necessita que as informações científicas sejam transformadas em habilidades, valores e principalmente em atitudes (Taglieber, 2004).

Um dos objetivos da Educação Ambiental é desenvolver, nas pessoas, uma consciência da intervenção humana sobre o ambiente, que seja ecologicamente equilibrada. No trabalho de construção de significados em Educação Ambiental, é preciso estar claro que conscientizar não é simplesmente transmitir valores “verdes” do educador para o educando; essa é a lógica da educação “tradicional”. Trata-se, na verdade, de possibilitar, ao educando, questionar criticamente os valores estabelecidos pela sociedade, assim como os valores do próprio educador que está trabalhando em sua conscientização (Oliveira, 2000).

2.3 Alguns documentos relacionados à Educação Formal e à Educação Ambiental

Durante toda a pesquisa, foram recorrentes as consultas a documentos que têm relação com a Educação Formal, visto que os dados foram todos coletados em escolas de ensino básico e com documentos que regem e orientam a Educação Ambiental. Dentre tais documentos, merecem destaque a Política Nacional de Educação Ambiental (1999), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) e a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008).

2.3.1 Política Nacional de Educação Ambiental

A Lei 9795 de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional da Educação Ambiental, refere-se a diversos aspectos em que a Educação Ambiental deve estar envolvida, na Educação Formal, na Educação Não-Formal e em empresas. Segundo Tamaio (2007) a elaboração e implementação da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) é fruto do contexto histórico do percurso de Educação Ambiental. Mesmo não representando todas as aspirações de segmentos da educação ambiental, sobretudo aqueles referenciados pela abordagem crítica emancipatória.

A Política Nacional de Educação Ambiental (1999) foi o principal documento considerado na pesquisa, já que rege tanto escolas municipais quanto estaduais em todo o território nacional. O Art. 1º pode ser considerado como aquele que estabelece o fundamento da Educação Ambiental no país:

“Art. 1º Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.”

Alguns princípios básicos da Educação Ambiental, citados na PNEA (1999), merecem certo destaque, como o enfoque humanista, democrático e participativo; a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural; o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade; a permanente avaliação crítica do processo educativo; a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais; o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

Os quatro primeiros objetivos fundamentais da Educação Ambiental descritos no Art. 5º também são de extrema importância e precisam ser considerados neste trabalho, por isso estão transcritos na íntegra abaixo:

- I – o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, econômicos, científicos, culturais e éticos;
- II – a garantia de democratização das informações ambientais;
- III – o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social;
- IV – o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania; (...)

Na Seção II da PNEA (1999), a Educação Ambiental é tratada especificamente no Ensino Formal, sendo desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino, públicas e privadas, na educação básica, na educação superior, na educação especial, na educação profissional e na educação de jovens e adultos. Nesta mesma Seção, o Art. 10º descreve que a Educação Ambiental deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente, não podendo ser uma disciplina específica no currículo de ensino⁵.

⁵ No caso de cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da educação ambiental é facultada a criação de disciplina específica.

A PNEA (1999), ainda, descreve que os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da mesma.

2.3.2 Parâmetros Curriculares Nacionais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) citam a Educação Ambiental junto aos temas transversais Meio Ambiente. Há um caderno específico para o tema Ética e Meio Ambiente. Não há uma clara diferenciação dos temas meio ambiente e Educação Ambiental, há momentos em que há a citação do termo “área ambiental” expressando uma idéia mais geral. O subtítulo “Ensinar e Aprender Educação Ambiental” inicia com uma citação bastante abrangente: “A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global.”

Por vezes, cita a dificuldade de se trabalhar temas das áreas ambientais e relembra que a formação dos alunos acontece de diversas formas, em vários espaços e sob várias influências. Ressalta que este campo do conhecimento é novo e que necessita de estudo, inclusive pelos professores, para sua formação.

Faz um apanhado mostrando a visão global e local, abordando diferentes metodologias, como a resolução de problemas, e focando no equilíbrio ambiental. Ressalta a importância da atuação e do envolvimento da comunidade local com o tema transversal Meio Ambiente para a formação de valores sociais em todos os envolvidos.

Apesar de todas essas recomendações, é difícil conseguir trabalhar transversalmente o tema meio ambiente nas séries finais do Ensino Fundamental, já que há uma fragmentação dos professores de acordo com a área de conhecimento. Por isso, é extremamente importante que haja projetos ligados à Proposta Pedagógica da escola.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a visão apresentada do meio ambiente e da Educação Ambiental é intimamente ligada aos seres humanos, como parte integrante das relações humano/humano e humano/natureza. O documento cita vários objetivos que deverão contribuir para que os alunos sejam capazes de:

“ – identificar-se como integrante da natureza e sentir-se afetivamente ligados a ela, percebendo os processos pessoais como elementos

fundamentais para uma atuação criativa, responsável e respeitosa em relação ao meio ambiente;

- perceber, apreciar e valorizar a diversidade natural e sociocultural, adotando posturas de respeito aos diferentes aspectos e formas do patrimônio natural, étnico e cultural;
- observar e analisar fatos e situações do ponto de vista ambiental, de modo crítico, reconhecendo a necessidade e as oportunidades de atuar de modo propositivo, para garantir um meio ambiente saudável e a boa qualidade de vida;
- adotar posturas na escola, em casa e em sua comunidade que os levem a interações construtivas, justas e ambientalmente sustentáveis;
- compreender que os problemas ambientais interferem na qualidade de vida das pessoas, tanto local quanto globalmente;
- conhecer e compreender, de modo integrado, as noções básicas relacionadas ao meio ambiente;
- perceber, em diversos fenômenos naturais, encadeamentos e relações e causa/efeito que condicionam a vida no espaço (geográfico) e no tempo (histórico), utilizando essa percepção para posicionar-se criticamente diante das condições ambientais de seu meio;
- compreender a necessidade e dominar alguns procedimentos de conservação e manejo dos recursos naturais com os quais interagem, aplicando-os no dia-a-dia.

Tais objetivos deixam clara a visão de meio ambiente e Educação Ambiental relacionados diretamente aos seres humanos: ambos integrados mas apresentando certa dicotomia.

2.3.3 Proposta Curricular de Santa Catarina

A proposta é formada de várias versões e cada qual com uma temática própria, sem uma organização clara, o que dificulta encontrar o exemplar que trata com mais profundidade a Educação Ambiental. A Proposta Curricular de Santa Catarina é importante na medida em que as escolas estaduais de Santa Catarina utilizam do documento orientação para planejamento e organização educacional.

O Parâmetro apresenta uma visão bastante ampla e socioambiental da Educação Ambiental como um todo. Cita problemas históricos relacionados ao tema, como seu tratamento somente pela área das Ciências Naturais ou, mais especificamente, a alguns

campos da Biologia. Ressalta a compreensão da Educação Ambiental na formação de cidadãos e chega e equipara o conceito da mesma com a Educação Escolar no sentido mais amplo:

“Se a principal função da educação ambiental é contribuir para a formação de cidadãos conscientes e críticos, capazes para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, esta assume uma ampla dimensão, atingindo praticamente todas as áreas do currículo, podendo ser entendida como um sinônimo do que se entende, hoje, por educação escolar.”

A Proposta cita a preocupação no respeito com as peculiaridades de cada região do Estado de Santa Catarina, mantendo a identidade com o todo acompanhando os avanços da Educação Ambiental no Brasil e no mundo.

Ao longo de todo o documento, são citadas questões socio-históricas e destaca-se a abordagem sistêmica que permite diversas relações, bem como a construção do pensamento complexo no processo de ensino-aprendizagem crítico, dialógico e afetivo.

A Proposta Curricular de Santa Catarina apresenta algumas conceituações e definições em torno de Ambiente, Meio Ambiente e Educação Ambiental. Cita diversos autores e enfoca sempre a abordagem histórico-cultural e socioambiental. Apresenta a concepção de Meio Ambiente apresentada também por Reigota (1995):

“O meio ambiente pode definir-se como sendo o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relação dinâmica e em interação. Essas relações implicam em [*sic*] processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído.”

Como em bibliografias anteriores, cita três grandes tendências das concepções de meio ambiente: a primeira como ecológica preservacionista, com preocupação centrada na natureza; a segunda, que enfatiza problemas de degradação ambiental, considera o homem em abstrato como responsável pelos danos ambientais, sem considerar a contextualização histórico-espacial; e a terceira, que chama de socioambiental, que contextualiza historicamente os problemas, considerando o ser humano como um ser social concreto.

A Proposta Curricular apresenta um diálogo com outros documentos como os PCNs, o Programa Nacional de Educação Ambiental, a Agenda 21 entre outros, citando aspectos que assume como relevantes, tais como a situação de crise ambiental, o conceito de desenvolvimento sustentável, e dá especial atenção à qualidade de vida. Afirma ser

importante o caráter multi- e interdisciplinar das práticas pedagógicas envolvendo Educação Ambiental e que esta deve assumir responsabilidades interagindo com a sensibilização e a capacitação dos alunos para uma tomada de consciência e ações concretas.

A Proposta Curricular apresenta um breve histórico da Educação Ambiental, justificando sua necessidade pelo fato de que a Educação Ambiental é uma opção de vida, sempre voltada para a construção do futuro. Apresenta também sugestões metodológicas, com o desenvolvimento de projetos multi- e interdisciplinares envolvendo uma metodologia problematizadora e participativa.

2.3.4 Proposta Curricular do Estado de São Paulo

A Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) é formada por vários cadernos separados de acordo com áreas gerais de ensino e também pelas disciplinas específicas. Todos apresentam um texto introdutório em comum e os conteúdos específicos são os elementos que variam. Em nenhum dos cadernos disponibilizados foi encontrada alguma referência específica relacionada para Educação Ambiental. O termo Meio Ambiente só aparece relacionado como um dos temas da disciplina de Ciências. Foram encontrados alguns aspectos que podem se relacionar com Educação Ambiental na introdução do material e também junto a explanação de conteúdos da disciplina específica de Ciências. O documento menciona a importância e a necessidade da construção de valores de pertencimento e responsabilidade como essenciais para a inserção cidadã na sociedade. Chega a citar a importância e a necessidade da escola em desenvolver alfabetização científica para o exercício pleno da cidadania. Estas informações são bastante abrangentes e também podem ser encontradas na Educação Ambiental de modo geral.

A partir da observação da Proposta Curricular de São Paulo foi possível verificar uma preocupação grande com os conteúdos curriculares propostos em cada área de conhecimento específico. Projetos de modo geral ou conteúdos relacionados aos temas transversais (PCN, 1998) não foram contemplados.

2.4 O Ensino de Ciências e a Educação Ambiental

A Educação Ambiental muito frequentemente esteve e ainda é associada quase exclusivamente ao Ensino de Ciências, principalmente quando relacionada, ainda, a ambientes de Educação Formal. Isso acontece devido à proximidade de diversos assuntos relacionados à Educação Ambiental e a temas também trabalhados em Ensino de Ciências.

Outro equívoco importante de se considerar é a falta de clareza do que exatamente é Ensino de Ciências. O uso do termo “Ensino de Ciências” pela maioria das pessoas leigas e, inclusive, muitos profissionais relacionados à Educação é associado unicamente à disciplina de Ciências, que é lecionada em todo o Ensino Fundamental. Por vezes, esta idéia disciplinar chega a se estender inclusive à disciplina de Biologia lecionada no Ensino Médio e que possui conteúdos muito próximos a Ciências.

Quando se cita a Educação Ambiental nas escolas, é muitas vezes compreendida como tema e/ou conteúdo inserido na disciplina de Ciências Naturais, Biologia e, menos frequentemente, a Geografia (Carvalho, 2004) . Segundo Kawasaki e Carvalho (2009), tal fato ocorre pois a Ecologia e a Geografia chamam a atenção para as inter-relações dos seres humanos e a natureza. A Geografia muitas vezes associa a Educação Ambiental aos conteúdos relacionados mais ao estudo de características físicas do meio ambiente do que nas relações dos seres humanos.

Martins *et al.* (2008) realizam uma reflexão com diversos autores e chegam a sugerir que a Educação Ambiental, para ser trabalhada na escola de maneira adequada, deveria ter o ensino de ciências modificado, para que ambas se complementassem. Isso porque ambas objetivam o desenvolvimento do senso crítico e a cidadania dos envolvidos. A alfabetização científica é uma ferramenta importante para o exercício da cidadania, que é um dos objetivos da Educação Ambiental.

Há, ainda, as pessoas que defendem a abordagem da história das ciências em associação com a educação ambiental, servindo como uma metodologia de ensino que revele uma complexidade de fatores e de elaboração de novas possibilidades para a inversão do contexto atual (Bacci e Pataca, 2008).

2.5 Diferentes olhares da Educação Ambiental

Pessoas ao longo de toda história sempre tiveram opiniões e idéias diferentes umas das outras sobre os mais diversos assuntos. Tal não foi diferente também na área da Educação, de um modo geral, e mais especificamente na Educação Ambiental, que desde seu efetivo surgimento sofreu constantes mudanças e a agregação de novos conceitos (é possível e provável que antes mesmo do uso do termo já tenha havido ações e idéias de Educação Ambiental sem o uso do termo específico). Tamaio (2007) comenta que as linhas teóricas, concepções e critérios da Educação Ambiental encontram-se em permanente processo de construção. Vários trabalhos publicados apontam a necessidade de pensar a Educação Ambiental e sua relação com a problemática ambiental numa perspectiva mais ampla do que a sua dimensão biológica.

Compreender diferentes idéias, conceitos relacionados e subdivisões classificatórias em torno do tema Educação Ambiental, é importante para tentar entender como ele se encontra inserido no contexto educacional e social atual. Reunimos a seguir, várias referências relacionadas aos diferentes olhares dados a Educação Ambiental.

A Política Nacional de Educação Ambiental (1999) define, em seu primeiro capítulo, nos três artigos a Educação Ambiental como:

“(...) processos por meio do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (...) componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. (...) parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental (...).”

Dias (2004), após uma reflexão em torno do que chamou “evolução dos conceitos de Educação Ambiental”, e descrevendo os diferentes significados que o termo foi adquirindo ao longo de sua história, afirma: “Essas definições se completam. Acredito que a Educação Ambiental seja um processo por meio do qual as pessoas apreendam como funciona o ambiente, como dependemos dele, como o afetamos e como promovemos a sua sustentabilidade.”

Loureiro (2002) definiu EA da seguinte forma:

“A Educação Ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores

sociais individuais e coletivos no ambiente. Nesse sentido, contribui para a tentativa de implementação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza.” (69)

Com pensamentos muito parecidos aos de Loureiro (2002) a respeito da relação social e política com a Educação Ambiental, Castro e Baeta (2002) conceituam:

“A educação ambiental constitui uma área de conhecimento eminentemente interdisciplinar, em razão dos diversos fatores interligados e necessários ao diagnóstico e à intervenção que pressupõe. Historicamente, ela vem se impondo às preocupações de vários setores sociais como um campo conceitual, político e ético.” (p.99)

Para Medina (2001), a Educação Ambiental é definida como:

“(…) processo que consiste em propiciar às pessoas uma compreensão crítica e global do ambiente, para elucidar valores e desenvolver atitudes que lhes permitam adotar uma posição consciente e participativa a respeito das questões relacionadas com a conservação e a adequada utilização dos recursos naturais, para a melhoria da qualidade de vida e a eliminação da pobreza extrema e do consumismo desenfreado.” (p.18)

Complementando a idéia de construção de valores, atitudes e preocupações no campo político e ético da Educação Ambiental, enfatizamos que o processo educativo não é neutro; assim, estamos engajados numa luta política, na qual diversos atores e atrizes sociais exercem suas funções e seus campos de poder (Sato, 2001).

Duvigneaud (1980) descreve que, para a educação básica, é necessário que se faça a sensibilização do ambiente local com a participação dos estudantes em atividades que lhes façam adquirir uma visão interdisciplinar da complexidade dos problemas ambientais.

Reigota (2006) afirma que só é possível trabalhar com Educação Ambiental com um grupo de pessoas cujas concepções de meio ambiente sejam anteriormente conhecidas, já que ambos estão intimamente interligados. Conforme o conceito de meio ambiente encontrado, a Educação Ambiental também irá variar. Reigota (2006) apresentou diversas concepções de meio ambiente de diferentes autores, por fim definiu meio ambiente como:

“um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade.” (p.21)

Esta definição de meio ambiente apresentada por Reigota (2006) também é citada e considerada como tal na Proposta Curricular de Santa Catarina (2008).

Sauvé (2005) relata que sempre teve uma preocupação com o meio ambiente e com o papel da educação para a melhoria do mesmo. Nesse intuito, identificou e descreveram diferentes “correntes” em Educação Ambiental referindo-se às maneiras de se conceber e praticar a Educação Ambiental. Sauvé (2005) também enfatiza que, conforme a proposição da prática de Educação Ambiental, esta pode corresponder a mais de uma corrente, divididas em dois grupos distintos. Um grupo tem uma longa tradição em Educação Ambiental (naturalista, conservacionista/recursista, resolutiva, sistêmica, científica, humanista e moral/ética) e outro, que abriga as correntes mais recentes (holística, biorregionalista, práxica, crítica, feminista, etnográfica, da eco-educação e da sustentabilidade). Dessa forma, podem ser identificadas diversas correntes em Educação Ambiental (Sauvé, 2003 *apud* Sauvé, 2005):

Correntes	Concepções do Meio ambiente	Objetivos da Educação Ambiental
Naturalista	Natureza	Reconstruir uma ligação com a natureza. (costuma envolver atividades lúdicas, imersão e jogos sensoriais)
Conservacionista/ Recursista	Recurso	Adotar comportamentos de conservação. Desenvolver habilidades relativas à gestão ambiental.
Resolutiva	Problema	Desenvolver habilidades de resolução de problemas (RP): do diagnóstico à ação. (costuma envolver estudo de caso)
Sistêmica	Sistema	Desenvolver o pensamento sistêmico: análise e síntese para uma visão global. Compreender as realidades ambientais, tendo em vista decisões apropriadas.
Científica	Objeto de estudos	Adquirir conhecimentos em ciências ambientais. Desenvolver habilidades relativas à experiência científica. (costuma estudar fenômenos, demonstração e experimentação)
Humanista	Meio de vida	Conhecer seu meio de vida e conhecer-se melhor em relação a ele. Desenvolver um sentimento de pertença (costuma realizar estudo do meio).
Moral/ética	Objeto de valores	Dar prova de ecocivismo. Desenvolver um sistema ético.
Holística	Total, Todo, O ser	Desenvolver as múltiplas dimensões de seu ser em interação com o conjunto de dimensões do meio ambiente. Desenvolver um conhecimento “orgânico” do mundo e um atuar participativo em e com o meio ambiente.
Biorregionalista	Lugar de pertença, Projeto comunitário	Desenvolver competências em ecodesenvolvimento comunitário, local ou regional. (costuma abranger exploração do meio e criação de ecoempresas)
Práxica	Cadinho de ação/reflexão	Aprender em, para e pela ação. Desenvolver competências de reflexão. (costuma envolver pesquisa-ação)
Crítica	Objeto de transformação, Lugar de emancipação	Desconstruir as realidades sócio-ambientais visando transformar o que causa problemas.
Feminista	Objeto de solicitude	Integrar os valores feministas à relação com o meio ambiente.
Etnográfica	Território, Lugar de identidade, Natureza/Cultura	Reconhecer a estreita ligação entre natureza e cultura. Aclarar sua própria cosmologia. Valorizar a dimensão cultural de sua relação com o meio ambiente.
Ecoeducação	Polo de interação para formação pessoal. Cadinho de identidade.	Experimentar o meio ambiente para experimentar-se e formar-se em e pelo meio ambiente. Construir uma melhor relação com o mundo.
Projeto de desenvolvimento sustentável	Recursos para o desenvolvimento econômico. Recursos compartilhados.	Promover um desenvolvimento econômico respeitoso dos aspectos sociais e do meio ambiente. Contribuir para esse desenvolvimento.

As concepções citadas por (Sauvé, 2003 *apud* Sauvé, 2005) apesar de estarem separadas podem e normalmente são encontradas de modo concomitante, conforme a prática de Educação Ambiental realizada. Elas demonstram de modo didático uma ampla variedade dos tipos de concepções que podem ser encontrados normalmente de forma concomitante variando com o foco e ambiente de trabalho.

As demais concepções apresentadas pelos demais autores são mais abrangentes e podem ser aplicados envolvendo todas as “correntes” citadas por (Sauvé, 2003 *apud* Sauvé, 2005). Neste caso trata-se apenas de mostrar uma pequena diversidade de concepções encontradas, a forma como estas são abordadas e principalmente diferentes formas que podemos encontrar.

Muitas outras concepções de Educação Ambiental, meio ambiente e até de natureza são possíveis de encontrarmos. Várias delas podem ser diferentes e outras também semelhantes. Tamaio (2007) cita que diante dessa pluralidade de Educação Ambiental, o que interessa não é avaliar qual é a boa ou ruim, pois todos esses pressupostos tiveram ou ainda têm a sua importância para a construção do campo da Educação Ambiental.

Acreditamos que as concepções citadas no presente trabalho são as mais indicadas para analisar as atividades encontradas nas escolas. Partimos do pressuposto de Tamaio (2007), de que todas as visões destacam e reconhecem o potencial da educação como elemento de gestão e enfrentamento da crise ambiental com a proposição de outro modelo de desenvolvimento.

3 Aspectos Metodológicos

3.1 Contextualização das escolas

Os critérios para seleção das escolas analisadas foram: a) a afirmação de estar desenvolvendo algum projeto e/ou atividade relacionado com Educação Ambiental; e b) a receptividade para com a pesquisa e a pesquisadora. A quantidade de escolas inicialmente abordadas teve como critério prévio, serem públicas e, preferencialmente, uma municipal e uma estadual, em cada um dos Estados trabalhados.

Ao iniciar a pesquisa era proposto que somente escolas com projetos relacionados com Educação Ambiental fossem abordadas, no entanto percebe-se que diretores, gestores, professores, coordenadores na maioria das vezes não especificava o que era uma atividade incluída em alguma aula, ou mesmo extraclasse do que era atividade exclusiva de um projeto maior. Tudo costumavam chamar de atividade⁶, independente da forma em que acontecem, por isso adotou-se a utilizar o termo de atividade a todo tipo de prática envolvendo meio ambiente e Educação Ambiental.

3.2 Instrumentos de coleta de dados

Foi utilizada uma metodologia de pesquisa qualitativa para buscar respostas às questões levantadas e auxiliar no cumprimento dos objetivos propostos.

Conforme já detalhado anteriormente, a pesquisa foi realizada em uma escola pública do município de São Paulo-SP, uma escola pública de Taboão da Serra-SP e três escolas públicas do município de Blumenau-SC. As escolas foram selecionadas considerando a presença de atividades relacionadas à Educação Ambiental declaradas pelos (as) diretores durante um contato inicial e a receptividade apresentada pelos (as) mesmos (as). Até a escolha, várias escolas foram abordadas. Muitas alegaram não desenvolver atividades de Educação Ambiental ou mesmo relacionadas ao Meio Ambiente, outras não autorizaram a

⁶ Na verdade houve exceções, já que em algumas escolas diretores e principalmente professores falavam de projetos em específico. Mas durante as observações foi possível perceber que o grau importância dada para as atividades de maneira geral foi o mesmo que aquelas desenvolvidas inseridas num projetos. Muitos desses momentos não foi possível fazer uma distinção clara do que era atividade de projeto e o que seria atividade em si.

entrada de uma pesquisadora externa do ambiente educacional daquela escola para acompanhar as atividades desenvolvidas. Algumas escolas afirmaram que os projetos educacionais foram prejudicados em função da implementação da Nova Proposta Curricular do Estado de São Paulo e, portanto, não estavam sendo desenvolvidos.

Podemos descrever que a metodologia utilizada assemelhou-se com a descrita por Flick (1998) apud Morgan *et al.*,(2009) envolvendo ferramentas como observação participantes, análise de documentos escolares e entrevista semi-estruturada, além de um questionários para levantamento prévios do que seria encontrado na escola. A triangulação a partir da coleta de dados por meio de múltiplas ferramentas possibilita uma visualização melhor dos dados pesquisados se comparado quando é utilizada somente uma forma (Flick, 2008 apud Morgan *et al.*, 2009).

Foi aplicado um questionário, baseado em Segura (2001), nas escolas selecionadas (Anexo 1). Para assegurar sua compreensão e eficiência, tal questionário foi submetido a uma pré-testagem com diversos professores de outras escolas, que não as selecionadas, que estivessem realizando alguma atividade relacionada à Educação Ambiental com seus alunos. A partir das respostas, foram feitos ajustes e o questionário, em sua versão final, foi aplicado nas escolas-objeto de estudo.

Sempre que possível, e com a autorização prévia da direção, foi realizado o acompanhamento e a observação presencial das atividades que as escolas estavam desenvolvendo com relação à Educação Ambiental. O acompanhamento deu-se por meio de visitas periódicas, combinadas com o professor responsável pelo projeto. Normalmente aconteciam em momentos de intervenção com os alunos e nos momentos mais convenientes para o professor e para a pesquisadora. Como Laville & Dionne (1999) recomendam, as observações foram feitas com um olhar atento e ativo, não meramente contemplativo, estruturadas nos objetivos de contextualizar os locais e os sujeitos da pesquisa, bem como suas reais condições, atitudes e gestos empregados.

As observações, por alguns momentos foram participativas, já que, por vezes, as anotações analíticas juntaram-se às descritivas somando-se às reflexões pessoais da pesquisadora (Laville & Dionne,1999).

Paralelamente, também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. Na realização das entrevistas, procurou-se manter as mesmas questões em todas as escolas entre os envolvidos, respeitando singularidades de cada atividade. Em anexo, podem ser encontradas as questões-base para as entrevistas com diretores, professores e alguns alunos envolvidos no

projeto de Educação Ambiental da escola. O objetivo de tais entrevistas era o entendimento das concepções sobre Educação Ambiental de cada nível hierárquico escolar.

Todos os profissionais envolvidos nos projetos de Educação Ambiental nas escolas participaram das entrevistas semi-estruturadas gravadas em áudio, totalizando cinco professores, cinco diretores, uma coordenadora, uma vice-diretora e vinte e cinco alunos (que foram indicados pelos professores). As entrevistas totalizaram em torno de 8 horas de gravação. Para análise, as entrevistas com os alunos foram usadas somente como complemento, já que estes eram indicados pelos professores segundo sua disponibilidade. Muitas vezes, eram alunos de uma mesma série, sendo que as atividades envolviam muitos outros alunos.

A escola de São Paulo/SP, de Taboão da Serra/SP e duas escolas de Blumenau/SC disponibilizaram o Projeto Político Pedagógico (PPP) para análise, já que nos questionários quase todas as escolas afirmaram que o Projeto de Educação Ambiental está inserido no mesmo. Somente uma das escolas de Blumenau/SC não tem o projeto incluso no PPP.

Na escola de Taboão da Serra, foram realizadas também entrevistas com a vice-diretora e a coordenadora envolvida no projeto. As entrevistas sempre foram feitas com autorização dos entrevistados e, para os menores de 18 anos, com autorização dos responsáveis legais, garantindo sigilo de identidade. Por esse motivo, os nomes foram aqui modificados.

A análise posterior dos dados coletados (questionário, observações feitas, entrevistas e documentos escolares) teve caráter qualitativo utilizando as diversas referências bibliográficas que conceituam e classificam a Educação Ambiental de diferentes formas.

4 Resultados e Discussão

4.1 Desafios

De início, a abordagem nas escolas em geral não foi fácil, parece haver certa resistência inicial em receber e aceitar um(a) pesquisador(a) nas mesmas.

Outro problema enfrentado na entrada às escolas estaduais de São Paulo foi a implantação do projeto da Nova Proposta Curricular de São Paulo, na qual o governo envia um caderno com os conteúdos a serem trabalhados com os alunos num determinado período. Segundo relato dos professores e alguns coordenadores, esse projeto restringe as aulas. Alegaram ter dificuldade em trabalhar outros assuntos que não estejam nos cadernos, como o caso da Educação Ambiental. A parte da Proposta Curricular destinada aos professores apresenta documentos dirigidos com orientações e cadernos organizados por bimestre e por disciplina organizados por série com conteúdos, habilidades e competências (Proposta Curricular do Estado de São Paulo, 2008). Tal proposta acabou sendo a principal justificativa das escolas estaduais por não terem projetos envolvendo Educação Ambiental, tendo o argumento sido, inclusive, utilizado por pessoas envolvidas na Diretoria de Ensino da região do Butantã. Apesar de o documento citar a organização associada diretamente aos conteúdos específicos de cada disciplina, cita também que cada caderno apresenta sugestões para estratégia de trabalho nas aulas, experimentações, projetos coletivos, atividades extraclasses e estudos interdisciplinares (Proposta Curricular do Estado de São Paulo, 2008).

Em um contato inicial com uma escola estadual, numa reunião, foi exposta a falta de trabalhos relacionados à Educação Ambiental no local e um interesse para que a pesquisadora executasse um projeto envolvendo plantio de hortaliças, jardinagem e coleta seletiva com os professores e alunos na escola, o que fugia do foco do projeto.

Houve outro momento específico, em que a falta de receptividade de uma secretária da escola, impedindo o contato com a diretora, chegou ser bastante ofensiva.

Um dos fatores que contribuíram para minimizar essas questões foi o fato de a pesquisadora possuir experiência anterior como docente de escolas públicas de Blumenau, o que permitiu reconhecer uma série de dificuldades que compreendem a rotina escolar.

Devido às questões acima relatadas, a receptividade dos diretores e professores foi um dos critérios essenciais para a escolha das escolas a serem acompanhadas.

A abordagem inicial sempre foi feita pessoalmente ou por telefone, na qual procurei falar com o(a) diretor(a) explicando o projeto, questionando a presença de projetos e/ou atividades regulares relacionadas a Educação Ambiental e solicitando autorização de acompanhar os trabalhos que a escola tivesse em desenvolvimento. Nessa abordagem, muitas respostas negativas foram escutadas, muitas alegando não haver nenhuma atividade relacionada a Educação Ambiental ou que não estavam dispostos a receber nenhuma pesquisa. Tal fato levanta a questão de que, se realmente não há atividades de Educação Ambiental em várias das escolas abordadas, não acontece o cumprimento do 3º artigo da Política Nacional de Educação Ambiental, em que todas as instituições educativas devem promover a Educação Ambiental junto aos programas educacionais que já desenvolvem.

Outra situação preocupante é a falta de sincronismo entre a Proposta Curricular Estadual (de São Paulo) com a Política Nacional de Educação Ambiental. Apesar de não ter sido feita uma análise mais aprofundada sobre a Proposta Curricular Estadual de São Paulo nesse trabalho, muitas reclamações aconteceram sobre suas restrições para o desenvolvimento de projetos relacionados à Educação Ambiental. Uma terceira situação é as escolas não aceitam o acompanhamento das atividades que realizam muitas vezes por subestimarem o que fazem.

Em todas as escolas envolvidas, foram acompanhadas as atividades dos projetos ali desenvolvidos. O acompanhamento foi ora mais intensivo, ora menos, em função do estágio de desenvolvimento do projeto em cada escola e da conciliação possível entre os horários das atividades realizadas e o momento da pesquisa. Em uma das escolas de Blumenau não foi possível acompanhar a atividade, pois ela normalmente acontece em momentos mais pontuais, dificultando o agendamento.

4.2 Ambientes escolares

4.2.1 Unidade Escolar Municipal – São Paulo/SP

Localizada na região Oeste da cidade de São Paulo, próximo ao campus Butantã da Universidade de São Paulo. É frequentada por cerca de 750 alunos, do Ensino Fundamental I e II, no período matutino e vespertino, e poucas turmas de Educação de Jovens e Adultos no período noturno com boa infra-estrutura. Além das salas de aula, possui uma biblioteca, uma sala de informática, uma quadra coberta e área externa bastante arborizada. Logo no muro da escola há um mosaico construído e os portões tem entrada controlada para uma questão de segurança, uma vez que entrando no portão já se tem acesso a áreas que levam ao pátio da escola. Há plantas em canteiros e vasos pelos pátios coberto e descoberto da escola. Em diversas paredes há dizeres relacionados a cultura e em outras há azulejos pintados. As salas são distribuídas no térreo, no primeiro andar e segundo andar. Duas salas de aulas apresentam características bastante diferente das que estamos acostumados a ver. Tanto no primeiro andar quanto no segundo andar há três salas de aula que formam uma única sala, são chamadas de salões. Todas as salas apresentam as carteiras organizadas em grupos de cinco a seis alunos.

Apresenta uma metodologia de ensino diferenciada, baseada na Escola da Ponte de Portugal, em que os professores trabalham roteiros de pesquisa integrando diferentes áreas de conhecimento. Segundo relatos da diretora, professores e outros profissionais a escola não chega a se igualar e apresenta características próprias. Por desenvolver uma metodologia diferenciada da que estamos acostumados e por estar tão próxima da Universidade de São Paulo, costuma ter muitas visitas de acadêmicos, receber vários estagiários e pesquisadores.

As turmas de 2º ano à 8ª série desenvolvem atividades em grupos de cinco alunos do(a) mesmo(a) ano/série. Estes grupos ficam determinados momentos em salas amplas e realizam as atividades. Estas atividades estão organizadas em roteiros separados por temas como “Nosso país”, “Nosso planeta”, “Identidade e alteridade”, “Nosso mundo”, “Saúde” e “Matemática”. Nas disciplinas de Inglês e Matemática os roteiros são feitos agrupados em quantidades menores de grupos numa sala menor com um professor específico da área.

As aulas de Educação Física também acontecem com quantidade média de 5 grupos de 5 alunos. Com uma quantidade média proporcional as aulas de Educação Física, acontecem oficinas de Informática, Artes, Capoeira, Expressão Corporal, Música e Teatro. Estas oficinas estão integradas na grade de horário.

Disciplinas como Português, Ciências, História e Geografia estão contempladas nos roteiros de pesquisa separadas não como componentes curriculares, mas como temas. Os roteiros envolvem objetivos e indicação de realização de atividades como leitura de textos, exercícios para serem respondidos, entre outros. Estas atividades normalmente utilizam livros didáticos disponibilizados na escola.

Periodicamente acontecem oficinas de finalização de roteiros pelos professores. Nestas oficinas professores fazem atividades e dialogam com os alunos sobre o determinado roteiro finalizado, retiram dúvidas abrangentes e relacionam todos os assuntos do mesmo.

Semanalmente em torno de 5 grupos reúnem-se com um professor durante todo o período de aula. Este professor é chamado de tutor e acompanhará os mesmos grupos de alunos durante todo o ano.

No final do ano os alunos organizam e entregam um Portifólio ao professor tutor apresentando de modo sucinto idéias dos roteiros feitos. Estes portifólios são avaliados, junto ao acompanhamento dos roteiros (e a rotina de modo geral).

A diretora tem formação em Pedagogia e chegou a iniciar o curso de Filosofia, mas devido ao trabalho como coordenadora pedagógica assumida nesta época, não conseguiu concluir o curso. É uma pessoa muito presente na escola, muito requisitada e que se envolve com todas as questões que referem-se a escola. A sala da diretora é grande, além de uma estante cheia de livros que ocupa uma parede inteira, tem uma mesa com formato elíptico com várias cadeiras ao seu redor onde frequentemente são feitas reuniões com professores, pequena quantidade de pais, alunos e outras pessoas. Além disso, tem um computador, uma impressora, um grande armário, que parece estar acoplado na parede onde são guardados os mais variados objetos como aparelho de som, uniforme escolar, instrumentos musicais entre outros. A sala ainda conta com um banheiro privativo e diversos objetos de artesanato pendurados nas paredes.

Apesar de a sala ser da diretora, é comum encontrar a sala aberta com a secretária ou outras pessoas utilizando-a. Assim como é comum a circulação de pessoas por ela. Enquanto a mesma conversava durante a entrevista, várias pessoas foram até a mesma para solicitar algo, fazer alguma pergunta ou até perguntar sobre outra pessoa. A todas as pessoas tentou resolver e responder as questões levantadas ou encaminhar para solução por outra pessoa. Outro aspecto observado foi a ausência do uso do pronome de tratamento, todos a chamam pelo primeiro nome, inclusive as crianças.

Durante as conversas ela demonstrou muito carinho pela escola. Nos relatos demonstrou preocupação com as crianças, com a comunidade, com os professores e com os

funcionários de maneira geral. Comentou sobre a necessidade de mudança na educação que a motivou em abraçar a idéia da mudança da proposta pedagógica da escola.

A professora coordenadora do projeto de Educação Ambiental já apresenta uma postura um pouco diferente da diretora. Ela é uma pedagoga que encontra-se no momento readaptada. Divide uma sala com outra professora readaptada e a copiadora. Nesta sala há uma delimitação muito clara de até onde é o espaço que ocupa. Tem muitos objetos que são utilizados com frequência nas oficinas de Educação Ambiental. Estes objetos despertam certo interesse pelos alunos e várias vezes estes entram e começam a mexer. Normalmente são convidados a se retirar pela professora que alega estarem fazendo bagunça ou atrapalhando as reuniões e conversas. Percebe-se uma forte centralidade nas atividades com a horta e é de sua completa responsabilidade as atividades propostas e desenvolvidas nas oficinas de Educação Ambiental. Ainda presa muito por organização, beleza estética e silêncio. O silêncio, a organização e o capricho são constantemente solicitados durante os trabalhos que desenvolve com os alunos.

4.2.2 Unidade Escolar Estadual – Taboão da Serra/SP

Encontra-se no município de Taboão da Serra, ainda dentro da área metropolitana de São Paulo-SP. Atende cerca de 2000 alunos do Fundamental II, nos períodos matutino e vespertino e do Ensino Médio nos períodos matutino e noturno. Segundo informações da Direção, 70% dos alunos são oriundos de São Paulo e os demais 30% são de Taboão da Serra. Além da sala de aula, também apresenta uma boa infra-estrutura com biblioteca, laboratório e ginásio de esportes.

A escola apresenta um rigoroso controle de acesso para garantir a segurança. Todos que desejam entrar precisam primeiro conseguir entrar num portão de pedestres que fica aberto em horários pré-estabelecidos e identificar-se num balcão de atendimento, para só então entrar na escola em si. A construção é grande com dois pavimentos e vários corredores. As carteiras costumam estar dispostas enfileiradas nas salas de aula. As paredes apresentam uma pintura clara e há vários portões ou portas de grades de acesso a diversas partes da escola, inclusive a praça anexa a mesma.

A diretora tem como formação Licenciatura em Matemática e uma especialização na área de Gestão escolar. Ela exerce o cargo de diretora por vários anos e tem com a vice-diretora uma relação de cumplicidade muito grande. Desenvolvem um trabalho em comum

acordo. Apresenta uma postura muito séria e comprometida. Foi nítida a relação de respeito que tem com as demais pessoas. O acesso a ela normalmente acontece pelos outros profissionais, sejam coordenadores, secretários e outros funcionários. Dificilmente alunos dirigem-se diretamente a diretora. Sua sala é bastante pequena com uma mesa, algumas poucas cadeiras, um computador, alguns armários pequenos e estantes com livros e pastas. Demonstra muita vontade de realizar atividades diferenciadas para/com os alunos, comunidade e professores nas falas. Está sempre na busca por melhorias, mas relatou certa tristeza ao comentar sobre as dificuldades encontradas na implementação do projeto, além da falta de apoio de um grupo de professores.

A professora de Biologia que coordena maior parte das ações do projeto de implementação da praça e outras atividades relacionadas à Educação Ambiental e meio ambiente de modo geral, tem formação no curso de Ciências Biológicas. Relatou o desejo em cursar uma pós-graduação envolvendo a temática das plantas medicinais, mas como tem quase todos os turnos ocupados por aulas com jornada em duas escolas não dispõe de tempo para a realização da mesma.

Gosta de trabalhar com projetos na escola e desenvolver atividades que utilizem outros espaços diferentes da sala de aula. Parece estabelecer uma relação de respeito e ao mesmo tempo amizade com os alunos do Ensino Médio⁷. Essa relação foi percebida durante as observações na forma de agir e tratar tanto a professora quanto os alunos. Demonstra grande interesse em atividades que possam gerar mudanças e utilizem de metodologias diferenciadas das tradicionais, como a aula expositiva.

4.2.3 Unidade Escolar Municipal – Blumenau/SC

Localiza-se no bairro Progresso, de Blumenau-SC muito próxima a Unidade Escolar 2 Estadual de Blumenau/SC. A escola encontra-se entre um cemitério e um posto de saúde. Cerca de 800 crianças do Ensino Fundamental I e II e Pré escola estudam no turno matutino e vespertino. A escola apresenta uma boa infraestrutura, com biblioteca, sala de informática, sala de tênis de mesa, ginásio de esportes, auditório, sala de artes, além das salas de aula usuais. A escola é de fácil acesso e apesar de haver um guarda na entrada, sempre foi possível entrar sem haver intervenção ou qualquer questionamento. A secretaria da escola encontra-se

⁷ Especificam-se alunos do Ensino Médio, pois a professora trabalha nesta escola somente com este grupo de alunos.

na área central do pátio. As salas de aula ficam ao redor do pátio. A escola tem uma pintura clara e apresenta vários canteiros com flores, verduras e árvores. A sala dos professores apresenta uma disposição diferente da maioria, com uma pequena cozinha logo no início da mesma, uma mesa retangular grande e no espaço anexo a sala dos professores, foi organizado um espaço em que os professores organizaram materiais didáticos, um computador e livros para uso comum entre os professores.

O diretor é pedagogo e demonstra um interesse e um grande entusiasmo em desenvolver atividades ligadas a plantio e preparo de horta. É muito presente tanto com os alunos como com os professores. É possível perceber a exigência de uma postura correta e organizada aos alunos pelo diretor. Foi fácil encontrá-lo na escola, assim também como conversar por telefone, apesar do diretor circular muito pela escola. Tem uma sala anexa a secretaria, a sala é espaçosa e divide com a vicediretora. Somente entrou-se na sala do diretor para realizar a entrevista semi-estruturada.

O professor com formação em Ciências Biológicas apresenta uma postura muito séria, organizada e metódica. Tem muitos anos de experiência como professor da rede municipal em Ciências e mesmo já estar trabalhando vários anos como professor deixa claro o constante interesse em projetos diferenciados das aulas regulares. Demonstrou interesse em desenvolver atividades diferenciadas com os alunos tanto do Fundamental 1 como no Fundamental 2.

4.2.4 Unidade Escolar Estadual 1 – Blumenau/SC

Encontra-se no bairro Água Verde, interior⁸ do município de Blumenau-SC. Atende cerca de 450 crianças do Ensino Fundamental I e II, além de Pré-escola, nos turnos matutino e vespertino. Além das salas de aula usuais, possui uma biblioteca, sala de Ciências, sala de informática e ginásio de esportes. Um detalhe bastante importante nesta e nas demais escolas analisadas é a área verde que todas apresentam, em maior ou menor proporção. Nos fundos da escola existe um talude que já desbarrancou na área da escola quase comprometeu casas de moradores acima do mesmo. Devido a este talude há um trabalho “especial” com o mesmo, uma vez que tenta-se resolver o problemas do desbarrancamento com a proteção do solo utilizando árvores nativas.

⁸ Entende-se interior como sendo longe do centro do município. Neste caso a terminologia não deve ser entendida como da zona rural, mas apenas como em bairro periférico ao centro de Blumenau.

A diretora é uma pessoa muito bem relacionada na escola, muito requisitada e muito envolvida nas questões escolares. Foi possível encontrá-la desde na sala dela, quanto no depósito de alimentos da escola, sempre resolvendo questões referentes a escola e fazendo encaminhamentos para melhorias da mesma. Ela tem formação na área de Educação Física e Pós-Graduação em nível de Especialização em Gestão Escolar. A partir do contato com a diretora ficou nítido o propósito de busca constante por melhorias e aprimoramento. Para tanto apóia o projeto da semana do meio ambiente coordenado pela professora de Ciências, além dos demais coordenados por outros professores. Mesmo sem haver uma descrição clara do que os demais professores desenvolvem todos são considerados, respeitados e na medida em que a procuram são orientados nas atividades.

Ela também demonstrou a partir dos relatos, envolvimento pessoal com questões relacionadas ao meio ambiente, comentando na entrevista a respeito da infância e comparando com os demais alunos.

A professora é extremamente organizada, com formação em Licenciatura em Ciências Biológicas e também Pós-Graduação em nível de Especialização em Gestão Escolar. Demonstrou ser uma pessoa extremamente envolvida com as questões relacionadas ao meio ambiental. Sempre na busca por inovações e melhorias para com a escola e as crianças em si. Falou a respeito do profundo interesse em voltar a estudar e cursar um mestrado.

4.2.5 Unidade Escolar Estadual 2 – Blumenau/SC

Situada no interior do município de Blumenau-SC, perto da área de entorno do Parque Nacional Serra do Itajaí. Atende cerca de 450 alunos do Ensino Fundamental I e II nos turnos matutino e vespertino. Além das salas de aula, possui uma biblioteca e uma quadra descoberta. Apesar do terreno da escola em si não tem muita área verde, os arredores da escola apresentam uma vasta vegetação, principalmente nos fundos da quadra descoberta. Esta última fica muito próximo de uma margem de um ribeirão (muito próxima a mata ciliar), sendo esta aberta a toda comunidade, uma vez que a invasão seria constante, caso fosse cercado e trancado, uma vez que a quadra não é cercada e fica no final da rua de fácil acesso a comunidade.

O diretor tem formação em Educação Física, mas há muitos anos já atua como diretor ou outro cargo administrativo escolar. Difícil de encontrá-lo na escola, quando isso acontecia, estava resolvendo algum problema específico a escola. Apesar do interesse nas atividades

deixa claro, o fato de apoiar o desenvolvimento das atividades para arrecadação de fundos (no caso da coleta seletiva) e de complementação da merenda escolar (no caso da horta). A partir das falas e contato há certo distanciamento entre o diretor e a professora coordenadora das atividades. Esse distanciamento pode ser atribuído as visões diferenciadas que cada qual tem em relação ao assunto.

Já a professora tem Licenciatura em Educação Física e alguns anos de experiência na área de docência, principalmente na mesma escola. Demonstra um constante interesse em procurar melhorar o que é feito e mais ainda em melhorar a vida dessas crianças, seja no aprendizado por assuntos praticamente só tratados na escola como também da satisfação que as crianças demonstraram em desenvolver as atividades relacionadas ao meio ambiente. Tem uma atitude de liderança, sempre envolvida na coordenação e elaboração de atividades extracurriculares como gincanas, campeonatos e festas.

4.3 Temas de Educação Ambiental nas atividades escolares

No início do acompanhamento e observação das atividades e visitas nas escolas foi aplicado um questionário aos professores coordenadores das atividades relacionadas à Educação Ambiental. A idéia inicial era de que o questionário fosse aplicado antes mesmo de iniciar o acompanhamento das atividades para mostrar um panorama breve de como seria o projeto acompanhado pela pesquisadora, mas alguns professores por falta de tempo ou ainda com dúvidas de como a pesquisa seria realizada preferiram preencher o questionário no decorrer das atividades. Outra situação que surgiu com o questionário foi de que cada um seria preenchido com dados de um projeto em específico, mas não foi o que de fato aconteceu. Os professores escreveram sobre todas as atividades conhecidas e que eram realizadas na escola sobre a temática Educação Ambiental no mesmo questionário. Pensávamos que haveria alguns professores coordenando diferentes projetos relacionados à Educação Ambiental, dessa forma cada um preencheria um questionário, como ficou demonstrado durante a pré-testagem do questionário com professores que eram estudantes de graduação e pós-graduação de escolas diversas e que desenvolviam projetos de Educação Ambiental nas escolas em que lecionavam.

O questionário formulado com questões abertas e objetivas, sempre oferecendo oportunidade nos casos de múltipla escolha em completar com alguma opção caso o professor

julgasse necessário complementar com informações não contempladas nas opções. A maior parte das questões pede que o projeto seja descrito de modo sucinto que ofereceria um panorama do que se encontraria na escola. O questionário de três páginas tinha o verso das mesmas em branco e ao serem entregues aos professores foram dadas as instruções de que poderiam utilizar este verso para incluir alguma informação caso fosse necessário, o que não aconteceu.

Somente a professora da UE-M São Paulo não quis ficar com o questionário e entregá-lo respondido outro dia. Esta mesma professora marcou um dia para preencher o questionário junto a pesquisadora e entregou-o logo após o preenchimento do mesmo. Os demais professores ficaram com o questionário e entregaram em outro dia. Dois professores, um da UE2-E Blumenau e outro da UE-M Blumenau fizeram o preenchimento do questionário junto a pesquisadora no dia em que entregaram.

A partir dos dados coletados a partir do questionário foi construído o quadro a seguir:

	UE-M São Paulo/SP	UE-E Taboão da Serra/SP	UE-M Blumenau/SC	UE1-E Blumenau/SC	UE2-E Blumenau/SC
Área do professor responsável	Profa. de Educação Ambiental (pedagoga readaptada)	Profa. de Biologia	Prof. de Ciências	Prof. de Ciências	Prof. de Educação Física
Tema/assunto trabalhado	Resíduos sólidos, poluição sonora e riscos ambientais.	Resíduos sólidos, mudanças climáticas, recursos hídricos, riscos ambientais e saúde da população.	Resíduos sólidos, mudanças climáticas, biodiversidade e outros: saúde, alimentação saudável e compostagem.	Resíduos sólidos, mudanças climáticas, recursos hídricos e biodiversidade.	Resíduos sólidos, saúde da população.
Turmas que desenvolvem o projeto	1º a 5º ano.	Todas as séries do Ensino Médio regular - matutino.	Todas as séries/anos.	Pré à 8ª série dos turnos matutino e vespertino.	4ª e 5ª séries do matutino.
Abrangência do projeto	Toda escola.	Várias classes diferentes.	Toda a escola e comunidade.	Toda a escola, comunidade, colaboradores e parceiros do projeto.	Toda a escola.
Profissionais envolvidos no projeto	Não assinalou Basicamente a própria professora coordenadora, uma professora voluntária e a diretora.	Professores do E.M. turno matutino	Prof. de E.F. – Séries iniciais, Diretor e Professor Coordenador Pedagógico	Prof. de E.F. – Séries iniciais e finais, diretor, Assistente Técnico Pedagógico e prof. Coordenador Pedagógico.	Prof. de E.F. – Séries iniciais e finais.
Disciplinas envolvidas	Interdisciplinar	Biologia	Ciências, Artes e Inglês	Ciências	Ciências e Educação Física
Fonte motivadora	Diretor	Professor, diretor e alunos	Diretor	Professor, alunos e necessidades comunitárias	Professor e alunos.

Quadro 1 de resposta do questionário aplicado às escolas

	Escola 1 – São Paulo/SP	Escola 2 – Taboão da Serra/SP	Escola 3 – Blumenau/SC	Escola 4 – Blumenau/SC	Escola 5 – Blumenau/SC
Local de desenvolvimento do projeto	Na própria escola, sala de aula e na própria escola, no jardim, no pátio ou outra dependência	Na própria escola, no jardim, no pátio ou outra dependência	Na própria escola, no jardim, no pátio ou outra dependência (horta).	Na própria escola, em sala de aula, no jardim, no pátio ou outra dependência	Na própria escola, no jardim, no pátio ou em outra dependência.
Objetivos do projeto	Sensibilizar a comunidade sobre a importância de cuidar do meio ambiente	Envolver toda a comunidade escolar e relacionar saúde (...) a ambientes agradáveis em contato com a natureza.	Incentivar as crianças a plantar e comer frutas e hortaliças, reciclar o lixo.	- Proporcionar interação entre educandos e palestrantes que trazem temas atualizados; - Renovar e firmar parceiros que promovam ensino-aprendizagem.	Não escreveu.
Duração	Permanente	Permanente	Permanente	De maio a julho, anualmente , desde 2004.	Ano letivo
Instituições parceiras	Não preencheu	Não preencheu	Não preencheu	Faema, FURB, Horto-florestal, Rigesa, Unimed, PET-BIO-FURB, Fatma.	Não tem.
Dificuldades encontradas	Infra-estrutura, recursos financeiros e falta de parcerias	Reunir toda a comunidade escolar e representantes da prefeitura para em conjunto tomar decisões.	Demora na liberação de um profissional para o projeto, mau tempo, falta de apoio da prefeitura na liberação de materiais, falta de interesse de alguns alunos, pouco envolvimento de alguns professores e falta de um servente	Horário para algumas atividades.	Falta de incentivo e participação da comunidade escolar.



Quadro 1 de resposta do questionário aplicado às escolas (continuação)

	Escola 1 – São Paulo/SP	Escola 2 – Taboão da Serra/SP	Escola 3 – Blumenau/SC	Escola 4 – Blumenau/SC	Escola 5 – Blumenau/SC
EA faz parte do PPP	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Documentos presentes na UE que auxiliam no projeto	Agenda 21, a educadora trabalha com EA desde a ECO-92	Livros e revistas, inclusive títulos voltados para questões ambientais	PCNs	Agenda 21, Artigo 225, Proposta Curricular de SC.	PCNs.
Escola está elaborando a Agenda 21 da própria escola	Não	Não	Não	Sim, foi elaborada em 2006, mas por falta de colaboração não funcionou.	Não
Importância da EA na escola	Por ser interdisciplinar a EA deve estar presente para a construção de cidadãos éticos, críticos e conscientes	Não respondeu	Mostrar aos alunos um caminho seguro para a preservação e conservação do meio ambiente como parte integrante do mesmo. Orientar para cultivar plantas de forma orgânica	Extrema importância pois só através da EA é que formamos cidadãos críticos e conscientes da sua função neste planeta.	Conscientização, diminuição do Aquecimento Global, melhorar a qualidade de vida.
Temas que a EA deve tratar	Artes, cultura e cidadania	Não respondeu	Reciclagem, compostagem, poluição da água e do solo, desenvolvimento sustentável	Qualidade ambiental, conhecer a realidade ambiental da sua comunidade, monitorar níveis de qualidade ambiental, trabalhar assuntos de SC (conhecer os parques existentes, animais, plantas), do Brasil e da nossa cidade.	Preservação do meio ambiente, reciclagem.

Quadro 1 de resposta do questionário aplicado às escolas (continuação)

	Escola 1 – São Paulo/SP	Escola 2 – Taboão da Serra/SP	Escola 3 – Blumenau/SC	Escola 4 – Blumenau/SC	Escola 5 – Blumenau/SC
Como estes temas podem ser tratados	Através de oficinas, atividades lúdicas envolvendo as questões ambientais	Não respondeu	Palestras, confecção de folders, construindo e cuidando de composteiras, da horta, pomar, jardins e floreiras, montando aquários, terrários, minhocários, pintando cartazes, camisetas, criando murais, peças teatrais, etc.	Através de visitas, vídeos, textos com figuras, palestras, pesquisa nos livros, na internet.	Não respondeu.

Quadro 1 de resposta do questionário aplicado às escolas (continuação)

-  Questões objetivas de múltipla escolha, havendo possibilidade de complementação caso os coordenadores do projeto julgassem necessário.
-  Questões descritivas

Grifos em vermelho: grifos meus, observados ou relatados no contato inicial que julguei importantes para análise do projeto e das atividades desenvolvidas.

Há um predomínio de professores de Ciências e Biologia que trabalham com questões relacionadas ao meio ambiente nas escolas em que foi aplicado o questionário, confirmando o que Machado (2007) também registrou em sua pesquisa. Das cinco escolas aqui analisadas, em três delas, os professores que desenvolviam o(s) projeto(s) de Educação Ambiental eram professores de Ciências e Biologia; uma pedagoga readaptada e, em outra, uma professora de Educação Física.

Campos (2007) afirmou que o professor de Biologia que incorpora na sua prática docente elementos da Temática Ambiental acredita estar trabalhando com EA. Isto ocorre pelo fato dele realizar um processo educativo e, principalmente pelo fato de a EA ser, antes de tudo, Educação, ainda que o entendimento de EA que o professor possui não seja aquele que os especialistas entendem por EA.

Quando observarmos o acesso e/ou procura por livros para pesquisa nas escolas, podemos considerar pequeno. Em uma das questões abordadas sobre a fundamentação teórica dos projetos, houve o predomínio do uso dos documentos norteadores da Educação como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Proposta Curricular de Santa Catarina. Em duas escolas (uma de São Paulo/SP e uma de Blumenau/SC) a Agenda 21 foi citada como material de pesquisa para a elaboração do(s) projeto(s) de Educação Ambiental da escola. Contudo, em nenhuma das escolas existe a Agenda 21. Uma das escolas de Blumenau/SC referiu que desenvolveu a Agenda 21 nos anos anteriores, mas por falta de adesão dos professores, foi arquivada.

Tal dado nos faz refletir que, na construção e aplicação das políticas públicas, é necessário disponibilizar livros também aos professores. É importante e necessário, a estes profissionais, que haja um espaço de pesquisa bibliográfica nas escolas, com livros que tratem de dados atuais e que sejam uma fonte de aprendizado confiável. Freire (2008) já comentou sobre o problema de acessos a livros aos professores, alegando que, com o salário baixo, não há como adquiri-los. Além disso, a maioria das bibliotecas acessíveis aos professores não dispõe de bibliografia adequada para sua formação continuada. Isso é agravado pelo pouco tempo disponível para leitura, em função da alta carga de trabalho assumida.

O incentivo à leitura também é importante para os professores, a fim de estimular a reflexão sobre a própria prática e a construção de novos conhecimentos a partir de referenciais teóricos confiáveis. Sabe-se que, hoje, na maioria das escolas públicas, as bibliotecas permanecem fechadas grande parte do tempo, chegando a serem usadas, algumas vezes, como depósitos, resultado da falta de profissionais para atendimento e manutenção das mesmas.

Uma das informações que chamam atenção no questionário são os temas/assuntos apontados como os trabalhados pelas atividades desenvolvidas nas escolas, expostos a seguir:

Temas/Escolas	UE-M São Paulo	UE-E Taboão da Serra	UE-M Blumenau	UE1-E Blumenau	UE2-E Blumenau
Resíduos Sólidos					
Poluição Sonora					
Mudanças Climáticas					
Recursos Hídricos					
Riscos Ambientais					
Saúde da População					
Biodiversidade					
Saúde					
Alimentação Saudável					
Compostagem					

Quadro 2- Temas apontados pelas escolas que são trabalhados nos projetos/atividades de EA pelas escolas. Espaço colorido indica o(s) tema(s) escolhido(s) pelas escolas no questionário preenchido pelos professores.

É importante observarmos que os professores coordenadores das atividades relacionadas a Educação Ambiental⁹ das escolas UE-E Taboão da Serra e UE-M Blumenau foram os que citaram mais temas, sendo que a última incluiu os temas “Saúde”, “Alimentação Saudável” e “Compostagem”. Associando as observações aos dados do quadro anterior é possível afirmar que ao preencherem esta questão os professores associaram as práticas desenvolvidas na escola relacionadas a Educação Ambiental. Um exemplo muito claro foi a UE2-E Blumenau que associou a atividade de Coleta Seletiva com o tema Resíduos Sólidos e Horta com Saúde da População.

Se considerarmos os temas mais citados como mostra no gráfico a seguir, os de maior relevância para as escolas são Resíduos Sólidos que tem extrema importância, uma vez que foi citado por todas as escolas. Este é um tema, e na maioria das vezes um problema, muito presente no cotidiano de todas as pessoas, já que somos produtores de resíduos e muito se tem discutido atualmente sobre o assunto. Este tema tem relação com o parágrafo VI do Artigo 3º da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA, 1999) que cita o direito que todos têm à Educação Ambiental, incluindo a prevenção, a identificação e a solução de problemas ambientais. Hoje a questão dos resíduos sólidos é considerada um grande problema, considerando a quantidade produzida diariamente em todo o mundo.

⁹ Mesmo que alguns pesquisadores ao analisarem as atividades não as considerem com de Educação Ambiental, decidimos manter as considerações feitas pela escola.

O segundo tema que mais apareceu foi Mudanças Climáticas. Durante conversas as observações foi um tema muito comentado uma vez que revistas semanais de grande circulação na população e programas de televisão aberta comentaram sobre o tema de forma bastante catastrófica. Com imagens simulando inundações em todas as partes do mundo, inclusive e principalmente no Brasil¹⁰ em consequência do Aquecimento Global. Este tema esteve presente inclusive com outros professores que citavam e comentavam a respeito em alguns intervalos na sala do professores durante o intervalo das aulas. Os comentários sempre expressavam preocupação e espanto pelos dados divulgados na mídia.

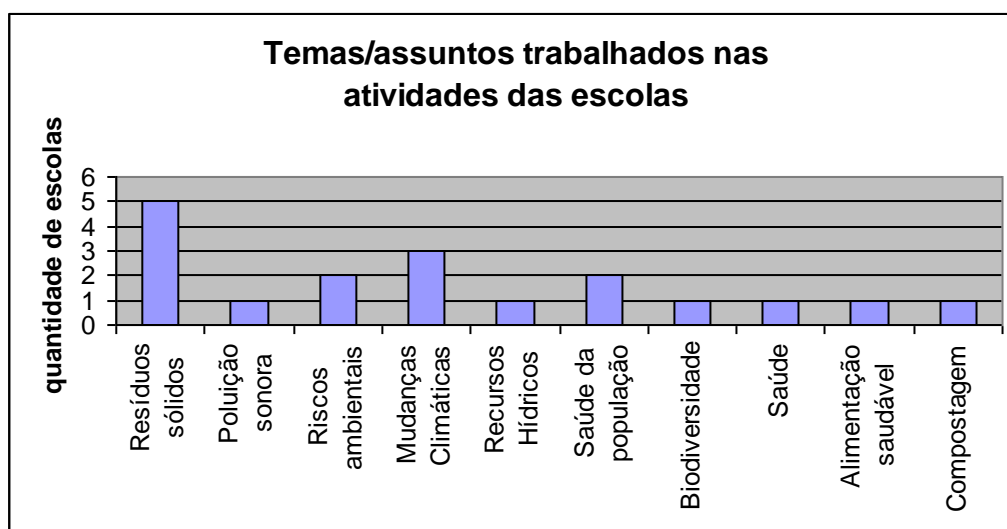


Gráfico 1: Visualização de temas mais citados pelas escolas no questionário.

Podemos relacionar os temas citados diretamente as atividades desenvolvidas nas escolas e considerada pelas mesmas como de Educação Ambiental. A partir das observações, das conversas durante as mesmas e com as entrevistas pudemos verificar todas as atividades desenvolvidas nas escolas e que estão relacionadas abaixo:

¹⁰ Apesar de pesquisas e relatórios internacionais serem citadas, como as revistas e os programas foram produzidos no Brasil e apresentaram foco no mesmo país.

Atividades/Escolas	UE-M São Paulo	UE-E Taboão da Serra	UE-M Blumenau	UE1-E Blumenau	UE2-E Blumenau
Oficinas diversas					
Coleta seletiva					
Horta					
Organização de área					
Atividades em sala					
Projeto UNIMED					
Semana do meio ambiente					
Plantio de mudas de árvores nativas					

Quadro 3: Atividades encontradas nas escolas relacionadas a Educação Ambiental. Em azul as atividades citadas pelos professores e diretores, em amarelo as atividades desenvolvidas no passado ou de forma indireta.

A partir do quadro 3 é possível verificar o quanto a coleta seletiva e o desenvolvimento de horta são atividades muito presentes na maioria das escolas envolvidas. Na escola UE-E Taboão da Serra houve relatos de atividades como a horta e a coleta seletiva que foi feita no ano anterior, por isso foi marcado no quadro 3 em amarelo, marcando o fato de ter sido encontrado em algum momento referência a este tipo de atividades. Há inclusive a idéia e a vontade de se desenvolver uma horta, além do cultivo de plantas medicinais na praça construída e que ainda não havia sido possível naquele ano. Houve relatos dos alunos comentando uma atividade de cultivo de ervas medicinais e de coleta seletiva que foi feito no ano anterior. A própria professora comentou durante as observações sobre estas atividades anteriores que foram desenvolvidas. Relatou a vontade de retomar o projeto com plantas medicinais, justificou não realizar este projeto neste ano pois o projeto da construção da horta tomou muito tempo além dos novos cadernos do Estado de São Paulo que segundo a professora dificultaram a realização de atividades diferenciadas. Na entrevista ela relatou “[...] o que atrapalhou bastante foi essa nova proposta pedagógica do governo que deixou todo mundo louco, muita coisa aconteceu. O que não deu para fazer porque tinha que cumprir a proposta”.

A atividade de horta em quase todas as escolas (somente a UE-E Taboão da Serra isso não acontece) é desenvolvida com um dos objetivos de reaproximar os alunos do contato com a terra e as plantas. Relato dos professores e alguns diretores citam que a maioria das crianças e dos adolescentes da atualidade não tem a experiência de cultivar plantas e de mexer na terra. Alegam que brinquedos tecnológicos e internet são focos dos mesmos atualmente. Outro objetivo citado pela professora UE2-E Blumenau proposto com a horta na escola foi de

complementar a merenda, o que também aconteceu em outras escolas, mas com outra perspectiva como exposto pela diretora da UE-M São Paulo “[...] a idéia é fazer uma horta num determinado momento, é preparar alguma comida com o que foi colhido nesta horta, as crianças apresentam o que prepararam, o que colheram, o que plantaram”. Na UE-M São Paulo a idéia de complementação veio como um alimento que teve participação direta do aluno.

O diretor da UE2-E Blumenau na entrevista citou a horta também como idéia de estimular e mostrar a dinâmica de uma horta “Saber como plantar, como fazer um canteiro, como é a questão de mudas, o que é que pode ser plantado com semente, o que se planta com mudas. Então também é uma coisa que... e com finalidade até de dar uma melhorada na própria merenda escolar”.

Acompanhando as atividades relacionadas com horta na maioria das escolas UE-M São Paulo, UE-M Blumenau e UE-E Blumenau foi nítido perceber a satisfação das crianças em desenvolver a atividade. Esta satisfação pode ser atribuída a vários fatores, um deles muito perceptível a partir das falas era de acompanhar o desenvolvimento das plantas que plantaram e cultivaram, ao verem as plantas costumavam comentar: “Nossa como a cenoura cresceu!” “Quando poderemos tirar da terra as cenouras para comer?” “O alface já dá pra colher?” “Quanto mato cresceu no nosso canteiro!”. As crianças demonstravam interesse pelas sementes e/ou mudas que plantavam. Durante as atividades era visível que os adolescentes não demonstraram tanta satisfação na atividade quanto as crianças. Estas demonstravam preocupação em se sujarem e algumas vezes ficava nítida a satisfação maior em sair do espaço de sala de aula, normalmente taxado como ambiente enfadonho.

Na UE1-E Blumenau a atividade da horta é coordenada por uma pessoa voluntária da comunidade escolar. Esta pessoa desenvolve a atividade com apoio da direção e funcionários (inclusive os professores) da escola envolvendo alguns outros alunos. A professora mostrou o espaço da horta que é bastante pequeno, por isso restrito a poucas pessoas. Apesar de haver um predomínio de temperos, havia todo tipo de hortaliças. Durante as visitas, crianças relataram que em anos anteriores professores desenvolveram atividades em sala sobre germinação e crescimento de plantas. Mesmo sendo uma atividade muito simples as falas expressavam satisfação em verem plantas que eles plantaram crescer e no caso de alguns alunos que trabalharam com alface a alegria aumentava quando relatavam o fato de levarem para casa mudas e envolverem toda a família na atividade acompanhando do crescimento e as condições ideais para isso acontecer. Algumas crianças desta mesma escola chegaram a relatar que as verduras que plantaram pareciam mais gostosas que outras. A partir deste

último relato fica mais claro o quanto a participação muda o olhar e a forma de ver algo que se não tivesse o envolvimento da mesma receberia outro tratamento e outro grau de importância. A participação como mudança de olhar e de atitude também fica claro nas conversas com o professor e a partir da entrevista do diretor de UE-M Blumenau quando descrevem que a partir do trabalho com a horta, junto com um trabalho envolvendo questões de saúde. Neste trabalho envolvendo um projeto maior da prefeitura e junto a uma faculdade da região mediram IMC (Índice de Massa Corpórea) das crianças, conseguiram requisição para exames de sangue de todos os alunos. Envolvendo questões de saúde, trabalharam com a importância do consumo de verduras. Na entrevista o diretor atribui uma mudança de comportamento dos alunos em função da elaboração da horta aliado aos demais projetos já descritos como podemos ver na entrevista em que comenta *“Não sobra mais merenda. Não sobra mais, e nós temos uma riqueza muito grande no cardápio. Nós temos frutas, nós temos saladas e as filas são quilométricas e eles repetem duas, três vezes, até acabar com a merenda. E eles adoram a merenda! Não gostavam de alface, tão comendo alface. Não gostavam de beterraba, tão comendo beterraba; repolho, cenoura.”*

Na UE-M São Paulo o acompanhamento das atividades foi maior devido a pesquisadora morar próximo do local, já ter trabalhado por um curto período auxiliando a professora de Matemática e ser convidada pelos professores de acompanhar e auxiliar nas propostas. Algumas vezes foi necessário que algum professor conversasse com crianças que não estavam envolvidas nas atividades com a horta, pois as mesmas arrancaram algumas plantas para brincar ou sem razões aparentes. É interessante que a horta desta escola fica num canto na área aberta do pátio da escola, acessível a todos. Nesta área é comum que durante o início, intervalo e em algumas vezes durante as aulas de Educação Física os alunos tenham acesso livre. Diferente das demais escolas que tinham suas áreas cercadas. A UE-M Blumenau desenvolvia a horta de plantio e cultivo de sementeiras numa área aberta, acessível a comunidade mas bastante recolhida, nos fundos do posto de saúde que fica ao lado da escola. A horta da UE2-E Blumenau a horta encontrava-se ao lado de um corredor de janelas de salas de aula. Segundo relatos da professora no início das atividades muitos papéis e embalagens de balas e chicletes eram encontrados na horta que eram jogados pelas crianças pela janela. Em acordo com os professores regentes a professora que coordenava as atividades na horta jogava este lixo de volta pela janela da sala, numa medida bastante extrema, mas que resultou na diminuição do lixo na área. Alunos que jogaram o lixo pela janela por vezes chegavam a ir até a janela pedir desculpas.

Na horta desta escola, enquanto ajudava a cercar, delimitar os canteiros com garrafas PETs que a pesquisadora acompanhou uma das conversas entre as crianças que mais chamou a atenção. Uma das crianças da 5ª série perguntou para a professora quando teriam salada na merenda, fazendo referência ao fato de terem salada fresca somente quando havia colheita na horta. A professora fez uma estimativa em semanas, observando as plantas crescendo. Neste momento uma criança questionou o porquê da propaganda do governo mostrar uma escola com crianças comendo merenda com um prato cheio de salada. Outra criança sem perder tempo e antecipando-se a uma resposta da professora respondeu dizendo que provavelmente a equipe de filmagem foi a escola capturar as imagens num dia em que fizeram colheita na horta daquela escola. A outra criança aceitou a resposta, mas reclamou dizendo que deveriam filmar em “dia normal”, numa referência de que normalmente não há salada todos os dias e que os dias em que há colheita na horta e salada na merenda são dias especiais. A professora um pouco sem graça com a presença da pesquisadora diz as crianças que nem sempre o que passa na televisão é realmente a verdade que acontece em todos os lugares. As crianças aceitaram o que a professora disse, comentando e repetindo falas que escutaram dos pais ou outros adultos sobre políticos.

O último fato relatado mostra o quanto uma atividade de horta resultou em reflexões que estimulam o exercício da cidadania. O fato das crianças associarem a vivência com as imagens mostradas na televisão relacionarem a vida das mesmas, refletirem e criticarem a situação mostra o desenvolvimento do senso crítico e conseqüentemente a cidadania. Uma vez que entendemos cidadania como um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. E que quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social (Dallari, 1998).

Com relação a atividade de coleta seletiva, muito presente na maioria das escolas do presente trabalho (como também fica claro no quadro 2) podemos afirmar que normalmente é desenvolvido aliando a idéia de destino correto aos resíduos sólidos como uma forma de contribuir com o meio ambiente e aliado a isso complementar a renda da escola. Em geral foi dada importância pequena a esta atividade e muito mais falado sobre outras atividades. Esse grau de importância menor parece colocar esta atividade como já fazendo parte da rotina de toda escola. Dá uma impressão de que só importante mostrar e falar sobre coisas diferentes ou que dão resultados bonitos.

A professora UE-E Taboão da Serra também comentou aspectos interessantes relacionados a tentativa de realizar coleta seletiva no ano anterior, por isso marcado em

amarelo no quadro 2. No ano anterior houve distribuição de lixeiras seletivas por toda a escola com o intuito de recolher separadamente materiais recicláveis para dar destino adequado aos materiais, mas a escola teve muita dificuldade de conseguir alguém que coletasse esse material separado. Segundo a vice-diretora e a professora não encontraram em Taboão da Serra alguém que recolhesse todos esses materiais na escola. As pessoas que se propuseram a recolher pagando um valor, queriam quantidades muito grandes para compensar o deslocamento do veículo. O mesmo relato ocorreu na UE2-E Blumenau, a professora também se queixou do fato de ter que acumular uma quantidade muito grande de materiais recicláveis para só então poder chamar a pessoa que compraria este material e o retiraria da escola. Esta mesma professora citou o fato de mesmo instruído para os alunos trazerem somente materiais higienizados, nem todos o fazem. Assim, os materiais exalam mal cheiro e atraem insetos (como formigas e baratas) e outros animais (como ratos). Para haver um local para depósito deste material foi construída uma pequena área coberta ao lado da horta, trata-se de um local para depósito para guardar os materiais recicláveis até o momento de serem recolhidos com dimensões médias de 2m², com três paredes (duas dessas paredes fazendo parte dos muros da escola), com um telhado de eternite há uma altura de aproximadamente 1,5m. A construção foi relatada em entrevista pela própria professora da UE2-E Blumenau: *“A gente sempre recebia o reciclável numa sala. Como esta sala ficava com cheiro, aí as pessoas não traziam sempre no mesmo dia, né? No dia da entrega, esqueciam traziam um dia depois, dois dias depois. Aí tinha o problema da pessoa que vinha receber que não vinha, pois não estava sempre disponível pra vir. Aí com dinheiro disso a gente fez o local mesmo apropriado para depositar este reciclável. Então se tem alguém fora daquela data ou da comunidade, ou aluno que vem fora da data trazer fora da data a gente também recebe.”*

Em Taboão da Serra um relato chamou atenção de que mesmo os “carroceiros” ou “coletores informais” só recolhem materiais que geram um lucro maior deixando materiais recicláveis menores e/ou de baixo valor. Devido a estes problemas a UE-E Taboão da Serra resolveu deixar a atividade de coleta seletiva sem atividade até encontrarem uma solução.

A UE-M São Paulo faz a coleta seletiva somente de papéis junto ao grupo “Vigilantes da Natureza” que semanalmente se reúnem para participar de uma oficina de Educação Ambiental. Esse papel é acumulado num local específico e periodicamente vendido pela direção. O dinheiro obtido revertia para a compra de materiais para o grupo. Por essa característica de selecionar papel, apresentam uma dinâmica semelhante com a UE2-E Blumenau e diferente das demais escolas. Tanto a UE-M São Paulo quanto a UE2-E

Blumenau tem nas salas de aula caixas onde os alunos depositam o papel para serem recolhidos.

A presença das caixas nas salas de aula pode dinamizar a coleta, uma vez que elas separam com mais facilidade o material escolhido. Outro aspecto observado é que a indicação nas caixas como coletoras de papel faz os alunos pensarem a respeito do assunto e comentarem entre si. Acompanhando algumas aulas com turmas do Fundamental II nesta escola pude perceber que alguns alunos comentaram sobre o fato de haver um local específico para o depósito de papel. Isso provocou falas e questionamentos sobre o destino final de outros materiais como sacolas plásticas, guardanapos, pontas de lápis. Ficou claro que muitos alunos não sabiam o que era possível de reciclar e o que não era possível de reciclar. Estas conversas normalmente ocorriam paralelamente as atividades de roteiro e/ou quando iriam depositar algum papel na caixa. Também foi possível ver alunos jogando chicletes, balas e outros materiais como se quisessem sujar o que já estava lá dentro, não houve uma explicação lógica para este tipo de ação. Normalmente estas atitudes eram associadas a bagunça e ao desrespeito as regras (como a de colocar papéis nas caixas coletoras e demais materiais nas lixeiras comuns). Um relato de uma professora chamou a atenção para outra idéia que as caixas coletoras acabaram provocando numa turma de 1º ano, turma do Fundamental I. Estes alunos quando viram as caixas quiseram enchê-las o mais rápido possível dando uma idéia de gincana. Sendo alunos novos na escola e não conhecendo a dinâmica das caixas coletoras, os mesmos interpretaram a presença da caixa da forma que mais pareceu familiar aos mesmos. Tal fato mostra uma falta de integração entre a professora regente do 1º ano com o grupo “Vigilantes da Natureza” ou a professora coordenadora deste grupo que desenvolve a atividade de coleta de papel.

Na UE1-E Blumenau a coleta seletiva também é feita conforme relato e observação, mas de modo bastante tímido. A professora da UE1-E Blumenau citou que fez um curso envolvendo o Sistema de Gestão Ambiental que deve ter na escola. Ano anterior o projeto foi implementado, mas não foi de total sucesso, uma vez que as lixeiras destinadas a coleta seletiva foram utilizadas para lixo orgânico, já que nem todas as pessoas tinham clareza do funcionamento. Sobre o assunto, esta professora relatou o seguinte em entrevista: *“Sistema de Gestão Ambiental está previsto para gerir seus resíduos, então cada escola ou cada empresa tem o seu SGA. Então aqui a gente tinha, separação do lixo, claro com comercialização, mas enfim infelizmente as pessoas enxergam esta questão de dinheiro. Se a gente conseguisse pelo menos separar aí tinha, aí tinha aquele “Troque lixo por livro”, que eles traziam pra escola.”*

Assim como descreve a professora da UE1-E Blumenau é nítido o interesse geral das escolas em trabalhar com a questão do lixo com uma idéia de complementar a renda. É comum vermos gincanas de arrecadação de material reciclável nas escolas. Muitas vezes este tipo de ação é bastante questionável, uma vez que a Reciclagem envolve outras questões que devem ir além do destino dos resíduos. Promover gincanas oferecendo premiação ou outros tipos de recompensa para aqueles que trouxeram mais materiais recicláveis pode incentivar o consumo sem a devida reflexão em torno dos ciclos envolvidos no meio ambiente. Segundo Brugger (2004), é muito provável haver problemas nesse tipo de atividade, por gerar o que ela chama de “adestramento ambiental”. Além de estimular a competição entre os alunos o que é uma atitude contrária à idéia de coletividade difundida junto a Educação Ambiental.

As UE-M Blumenau e UE2-E Blumenau relataram desenvolver gincana de arrecadação de materiais recicláveis entre os alunos. Na UE1-E Blumenau a arrecadação de materiais recicláveis participava no ano anterior de um projeto externo que tinha como idéia incentivar a leitura, assim quando a criança trazia uma quantidade de materiais recicláveis recebia um livro. No ano de 2008 o projeto já não estava mais na escola e a mesma continuou arrecadando materiais recicláveis de modo mais tímido e sem recompensas. Assim como a professora da UE1-E Blumenau que criticou o projeto outras entidades ligadas ao meio ambiente também fizeram críticas relacionadas ao projeto. Acreditamos que a iniciativa de tentar algo diferente é válida, mas a forma como foi realizada não necessariamente traz resultados significativos, uma vez que o incentivo ao consumo sem devida reflexão e o recebimento de livros pelas crianças pode não aumentar o gosto pela leitura. Sabemos que hoje a aquisição de bens e produtos é incentivada em nossa sociedade para ganho de status social.

O projeto UNIMED vida ou também citado por muitos profissionais e alunos nas escolas como simplesmente projeto UNIMED desenvolvido nas UE-M Blumenau e UE1-E Blumenau é incentivado pela Empresa UNIMED com caráter de desenvolver qualidade de vida, prevenção a acidentes e cidadania. A empresa oferece cursos relacionados aos temas para os diretores, coordenadores, professores e também aos alunos, orienta e propõe o trabalho na escola de determinados temas e organiza uma mostra de trabalhos de todas as escolas envolvidas no projeto. Além dos cursos a empresa oferece assistência médica gratuita a todas as escolas de Blumenau, independentemente da adesão ou não ao projeto, assim qualquer problema ou acidente ocorridos nas escolas que necessite de intervenção médica pode ser solicitado atendimento médico. Todas as escolas envolvidas no projeto recebem “prêmios” para utilização de todos na Unidade Escolar, como aparelhos de som, televisores,

máquinas fotográficas, entre outros. Periodicamente profissionais envolvidos no projeto da empresa visitam as escolas envolvidas para reuniões e vistorias. Nas reuniões costumam repassar informações, verificar o desenvolvimento do projeto nas escolas e nas vistorias verificam as condições das escolas, apontando possíveis problemas que possam provocar algum dano a integridade física dos alunos e funcionários das escolas. Quando detectado algum problema nas instalações físicas, apontam possíveis ações para melhorias e conforme as necessidades encaminham junto à escola solicitação para os órgãos competentes.

Ambas as escolas associam o projeto a questões ambientais, uma vez que promove a saúde, a qualidade de vida e trabalho e desenvolvem a cidadania, segundo conversas com os professores e diretores. Acompanhando os trabalhos na UE-M Blumenau foi possível participar de uma mostra de trabalhos relacionados ao projeto UNIMED. Dentre as várias apresentações que ocorreram, a apresentação central foi da “Rádio Jovem”, formada por alunos da escola, que atuaram como mestres de cerimônia, apresentando e comentando a respeito das apresentações feitas pelos colegas.

As apresentações, em geral, foram animações produzidas pelos alunos sobre prevenção de acidentes na escola, em casa e no caminho de casa para a escola e da escola para casa; fotos sobre o projeto de plantio de horta, plantas ornamentais, plantas frutíferas e plantas medicinais; ilustração fotográfica e interpretação de poema de Mario Quintana; além de os alunos cantarem a música tema da Rádio Jovem: “É preciso saber viver” de autoria Erasmo Carlos e Roberto Carlos, na versão do grupo “Titãs”.

Mesmo com os inúmeros trabalhos interessantes expostos, não foi possível verificar em que contexto estes foram construídos e produzidos pelas crianças. Estes trabalhos, isoladamente, não permitem uma análise mais ampla. Algo extremamente perceptível foi o sentimento de posse e orgulho dos alunos aos trabalhos expostos, produzidos por eles mesmos. Foi possível ver e ouvir várias vezes comentários como: “Esse trabalho aqui fui eu quem fez.”

Na UE2-E Blumenau o projeto UNIMED aconteceu até ano anterior a este trabalho. Quando questionada sobre o motivo do afastamento da escola no projeto, a professora relatou que em reunião com os demais professores foi colocado em votação e a maioria votou contra a continuidade alegando cansaço e repetição em trabalhar todos os anos temas iguais ou muito semelhantes.

As oficinas desenvolvidas na UE-M São Paulo acontecem em horário extraclasse, após o horário das aulas regulares do período vespertino, o grupo participante é chamado de “Vigilantes da Natureza”. As oficinas são coordenadas por uma professora pedagoga

readaptada com a ajuda de uma professora voluntária (que já é aposentada e amiga da professora e da diretora). As oficinas envolvem alunos do 2º ano a 8ª série que se reúnem uma vez por semana, durante uma hora, após o horário de aula do período vespertino. Nessas reuniões, os alunos participam de ações planejadas pelas professoras responsáveis. As atividades normalmente envolvem a confecção de artesanato utilizando materiais alternativos, como recicláveis e/ou materiais obsoletos. Muitas vezes, tais materiais eram adquiridos por doações feitas pela própria comunidade. Também realizam plantio, manuseio e colheita na horta, além de dinâmicas e brincadeiras envolvendo a temática Meio Ambiente.

Quando a escola estava organizando alguma comemoração ou festividade, esse grupo de alunos normalmente se envolvia em alguma atividade relacionada. Por exemplo, para a festa junina, os alunos produziram e organizaram bandeirolas para decoração; para o campeonato esportivo entre pais, produziram as medalhas; para construção da decoração de Natal, confeccionaram esculturas em papel-machê para o presépio; e assim por diante.

Sempre antes dos encontros, duplas ou trios de alunos assumem a responsabilidade de esvaziar a caixa de coleta de papel reciclável como já foi descrito anteriormente.

Normalmente, ao final de cada encontro, o grupo realiza uma “roda de conversa”. Nela, todos os participantes sentam em círculo e discutiam sobre acontecimentos diversos ocorridos nos encontros e na escola em geral, na tentativa de solucionar problemas. As crianças participam de forma democrática expondo opiniões, reivindicando ações e comentando propostas. É um espaço coordenado pela professora coordenadora, mas com forte estímulo a participação de todos. Esse momento integra os alunos de diferentes faixas etárias, em geral comprometidos com temas diretamente relacionados a eles. Muitas vezes, as discussões focavam em resolução de problemas que incluíam desde um vazamento detectado por alunos, quantidade de lixo produzido durante os intervalos, desperdício de merenda, preconceito e muitos outros. Muitos dos problemas e propostas de soluções eram levados por uma comissão de alunos a direção. Vários pontos de vista eram desenvolvidos pelos alunos, assim como o senso de democracia, o poder do voto, já que, para determinadas ações, realizavam votações, desenvolvendo o senso crítico e político, tal como já foi citado por Loureiro (2002) e Castro e Baeta (2002).

Além do grupo “Vigilantes da Natureza”, acontecem oficinas semanais dos alunos do primeiro ano no turno vespertino com a mesma professora que coordena as atividades do grupo “Vigilantes da Natureza”. Os encontros eram inseridos no horário normal de aula dos alunos. Também envolviam atividades lúdicas e de artesanato, relativas à temática de Meio Ambiente. As oficinas são ministradas em horário específico pré-determinado e normalmente

as atividades não estavam vinculadas com aquelas trabalhadas pelas professoras alfabetizadoras regentes das turmas.

Nos encontros em si, está muito presente a questão do reaproveitamento de materiais que normalmente seriam considerados lixo. Esse fato vem ao encontro do que Layrargues (2002) coloca sobre os trabalhos com lixo, bem como o discurso da reciclagem como um modismo muito comum de se encontrar nos trabalhos relacionados ao meio ambiente. Além do modismo em torno do tema, há a facilidade da disponibilidade dos materiais pela professora.

Em geral, as crianças e os adolescentes demonstraram, durante as atividades, muita disposição e divertimento. Em alguns encontros dos Vigilantes da Natureza foi possível verificar uma reação de certa desaprovação e falta de integração de um grupo de alunos mais velhos, talvez devido à grande diferença de idades entre eles. Lemke (2005) já sugeria a integração entre crianças de diferentes faixas etárias em atividades educacionais. Mas há certa dificuldade de se conseguir a integração de grupos de idades diferentes devido aos interesses, que também são diferentes.

O grupo “Vigilantes da Natureza” atinge diretamente uma quantidade pequena de alunos, os participantes apresentam um perfil diferenciado por demonstrar maior sensibilidade com as questões ambientais. Já nos encontros com grupo dos primeiros anos, todos os alunos participam. Por vezes as oficinas acabam funcionando quase como uma disciplina, e não são integradas às demais atividades educacionais, tal como apontam os princípios da Educação Ambiental.

Na UE1-E Blumenau é comum ocorrerem oficinas de Educação Ambiental e/ou meio ambiente, uma vez que durante o evento que chamam de “Semana do Meio Ambiente” contam com parceiros que desenvolvem diversas atividades com os alunos. Como o propósito da escola não é necessariamente desenvolver oficinas, a atividade na UE1-E Blumenau foi marcado na cor amarela no quadro 2. Segundo relatos, fotos e documentos relacionados várias oficinas foram ministradas aos alunos de diferentes turmas por diferentes colaboradores. Nesta UE o foco da atividade desenvolvida é a “Semana do Meio Ambiente” que já acontece há vários anos, sempre em torno do dia 5 de junho, e tem o principal objetivo de sensibilizar os alunos para questões ambientais, com palestras, oficinas e outros tipos de atividades coordenadas por profissionais de instituições “parceiras”. A cada ano, o fim das atividades resulta num relatório que foi analisado e continha dados como: cronograma, convites, cartas de agradecimentos, fotos, descrição das atividades realizadas e trabalhos dos alunos.

Segundo a professora da UE1-E Blumenau, a motivação vem decaindo nos últimos anos de acontecimento do evento. Comentou que a semana está incluída no PPP e que, no início, todos os professores, ou pelo menos vários deles, estavam envolvidos, opinavam e ajudavam a organizar. Porém, ao longo dos anos, foi diminuindo o interesse destes outros professores, limitando muito o trabalho dela e da direção. Podemos associar o problema de falta de motivação e associado a repetição do tema a ser trabalhado relatado nesta escola com a UE2-E Blumenau no projeto UNIMED que aconteceu o mesmo até o descredenciamento da escola no projeto.

Apesar de o projeto da Semana do Meio Ambiente ser pontual, envolve ações de diversos professores da escola e acaba resultando em diversas atividades secundárias durante todo o ano. É possível identificar o Art. 1º da PNEA (1999) nas atividades escolares, pois ainda que a Semana do Meio Ambiente seja pontual e envolva alguns profissionais da escola, abrange os demais nas atividades recorrentes e que acontecem ao longo de todo o ano.

Uma fala significativa da professora responsável da UE1-E Blumenau foi a justificativa que apresentou para a importância que se tem de trazer pessoas de fora da escola para desenvolver as atividades com os alunos durante a Semana do Meio Ambiente. Segundo a professora, os alunos prestigiam mais pessoas que não estão no convívio diário e, por isso, acabam prestando mais atenção nos assuntos que estes trazem. Alegou, inclusive, que normalmente tais pessoas trazem materiais e atividades diferentes das que os professores usualmente propõem ou desenvolveriam, o que enriquece a prática pedagógica dos professores. A mesma aponta que estas atividades surgiram junto à necessidade de promover a formação continuada dos professores, como fica claro na seguinte fala: *“Foi uma coisa que eu sempre pensei, assim, a questão do diferente. Trazer algo diferente pra eles, uma novidade sempre todo o ano e o conhecimento de fora, né? Porque a gente sempre precisa de capacitação, precisa de aperfeiçoamento e a gente nunca tem. Então, chamando as parcerias a gente poderia estar conseguindo agregar conhecimentos, agregar mais coisas na escola. Então o objetivo principal foi ser diferente mesmo.”* Essa preocupação com a “capacitação” ou também formação continuada vem ao encontro do que a Conferência de Tbilisi de 1977 e da própria Política Nacional de Educação Ambiental de 1999 de garanti-la e ainda ser assegurada pelo Estado. É provável que esta professora sinta necessidade de mais cursos de formação, além dos oferecidos pelo governo, e que em nenhum momento foram citados durante o trabalho.

A organização demonstrada das Semanas do Meio Ambiente foi impressionante. Cada ano foi relatado com tudo o que foi desenvolvido e arquivado como dados da programação.

Inclusive, no primeiro ano, em que a disponibilidade de computadores ainda era restrita, há muitos relatos manuscritos pela própria professora. Inclusive o fato da Semana do Meio Ambiente não ocorrer na semana que envolve o dia 05 de junho e sim na semana seguinte foi justificado pela professora, já que tiveram problemas quando desenvolveram nesta data uma vez que os parceiros assumiam outros compromissos e não compareciam.

A avaliação dos trabalhos envolvendo Educação Ambiental e meio ambiente relatada pela professora da UE1-E Blumenau é coincidente com as demais escolas, na conversa com os demais colegas quando possível. Um dos problemas relatados sobre o aspecto da avaliação e que envolve o planejamento é a falta de tempo, como relata: “[...] *não tem tempo pra sentar e conversar com ninguém. Não existe momento. A maior dificuldade que a gente tem, é sentar e conversar. Talvez até este projeto poderia ser muito melhor, eu penso. Poderia ter muito mais coisas, só que não tem gente que senta e conversa.*” A falta de tempo também foi relatada como uma das dificuldades para execução de projetos e atividades, em específico a organização da praça na UE-E Taboão da Serra, como afirmou a professora: “[...] *o horário do professor dentro da escola é muito assim,... muito fechadinho. E o dia em que eu estou o outro professor não está. Tem aqueles professores que realmente não gostam de se envolver.*”

A UE-E Taboão da Serra apresentou como principal atividade a organização de uma praça no terreno junto a escola que estava abandonado e havia sido murado numa tentativa de isolar o terreno. Esse terreno trazia problemas para a comunidade, pois muitas pessoas passaram a depositar lixo e entulho nele. Também houve relato de ocupação por mendigos e usuários de drogas. Com isso, a escola resolveu organizar o terreno como uma praça anexa a ela. Durante conversas informais foi possível observar a satisfação de alguns dos professores que apóiam e auxiliam o projeto. Normalmente as falas e comentários centravam no progresso alcançado na retirada do matagal, organização da praça com grama, árvores, bancos e pista de atletismo, além de uma pequena quadra de areia¹¹.

A forma de implementação da praça chamou-nos a atenção, uma vez que procuraram envolver os interesses dos alunos. A possibilidade de opinar e expressar os interesses naquele espaço, pelos alunos, possibilitou uma postura de responsabilização maior destes pelo espaço montado. Isso ocorreu na medida em que os alunos apresentaram projetos de o que fazer e como organizar a área. Foi realizada uma eleição entre os alunos e um

¹¹ Esta ainda a ser construída, mas já com previsão de conclusão.

arquiteto cedido pela prefeitura, chegando a uma adaptação possível de como realizar o projeto.

As observações e conversas informais mostraram que, na organização da praça, houve uma integração maior da escola com a comunidade. Nas visitas ocorridas na escola, a praça normalmente estava sendo usada. Há um sentimento de pertencimento dessa praça por alguns professores, gestores e alguns alunos da escola. Tal sentimento está muito presente nos que moram na região há mais tempo. Este sentimento de pertencimento foi descrito em entrevista pela professora quando questionada se percebia alguma diferença com dos professores e/ou alunos relacionados a praça: *“Acho realmente que eles acham que é um espaço deles. Eu estava no pátio dando aula no mês passado ou retrasado pro terceiro. Daí tinha outros alunos com outro professor pra correr na grama e a gente tinha na semana anterior colocado a grama lá. Os alunos falavam: “Não professora, a gente colocou, sujou toda a camisa, toda a mão, agora eles vão correr lá, vai soltar tudo, né?” Então assim, isso demonstra que eles têm interesse de que a coisa fique preservada né? Daí eu descii, falei com a professora que não poderia deixar fazer aquilo, porque eles estavam chutando, estavam fazendo muita [inaudível] e como ainda não está pronto. Então eu achei legal isso!”*

É possível perceber, nas falas de diferentes professores, que há uma forte tentativa de integrar os conteúdos escolares às questões ambientais. Nas conversas, os professores sempre comentavam possibilidades de trabalhos relacionados à praça e à disciplina que lecionavam. Alguns comentavam que o espaço, em si, seria mais uma alternativa de uso para atividades diferenciadas e que abria a possibilidade de sair da rotina de dentro da sala de aula.

Na construção da praça também foi realizado o plantio de árvores nativas. A UE-E Taboão da Serra conseguiu mudas de árvores nativas. Como a quantidade de árvores recebidas pela UE era maior do que a quantidade possível de se plantar na área da praça distribuiu-se as mudas em excesso para a comunidade. Assim como as árvores, a grama também foi doação e foi plantada pelos alunos. Como o plantio das árvores aconteceu em decorrência da construção da praça, foi marcado no quadro 2 em amarelo. Já na UE1-E Blumenau, o plantio de árvores nativas foi uma iniciativa da escola, pois houve um desbarrancamento do talude aos fundos da escola. Seguindo recomendações de órgãos ambientais do município foram plantadas árvores nativas que também foram recebidas de instituições como Faema (Fundação do Meio Ambiente) e do Horto Florestal da Fundação Universidade Regional de Blumenau. Conforme a professora a escola também recebeu ajuda de uma empresa privada que além de doar mudas maiores também auxiliou no plantio das mesmas.

Tanto na UE-E Taboão da Serra como na UE1-E Blumenau o plantio aconteceu como uma necessidade. Na primeira para organizar de modo adequado a praça e na segunda para tentar evitar um desbarrancamento maior do talude e interditar a escola.

Na UE-E Taboão da Serra, a professora de Biologia também desenvolveu diversas atividades relacionadas ao meio ambiente em sala de aula. Trabalhos em grupo sobre temas diversos como poluição, combustíveis fósseis, Amazônia, entre outros foram tratados. O tema Mudanças Climáticas também foi tratado numa atividade que simulava um júri que defendiam diferentes pontos de vista relacionados ao assunto e encontrados em diferentes tipos de referências bibliográficas disponibilizadas pela professora. Algumas dessas referências pertencentes à própria professora. A professora da UE-E Taboão da Serra foi a única escola que afirmou desenvolver atividades relacionadas ao meio ambiente e a Educação Ambiental de modo independente a praça. As demais escolas desenvolviam atividades em sala que relacionavam-se a atividades externas já citadas e descritas anteriormente.

Com relação a questão sobre o que é Educação Ambiental, ficou clara a visão integrada com as questões socio-histórico-culturais, como citam tanto a PNEA (1999), como os PCNs (1997), e também a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998). Na maioria das falas a preocupação com o meio ambiente e com o papel da educação para a melhoria do mesmo como relata Sauvé (2005). Foi possível verificar que a no ção de Educa o Ambiental e meio ambiente estão integradas, não havendo clara distin o de uma para outra. Para exemplificar estas observa es apresentamos alguns recortes das falas nas entrevistas:

“Educa o Ambiental, ela faz parte da vida,   tudo,   tudo que se faz,   a perspectiva de mundo,   como você se coloca no mundo (...).” diretora da UE-M São Paulo

“Eu acho que basicamente, pra mim,   encontrar o equilíbrio, ter um benefício da beleza, que a gente possa voltar às origens e não ter aquelas coisas, tem ênfase, uma qualidade boa de água, que a gente possa usar com racionalidade, que a gente não polua, que a gente possa manter esse equilíbrio. Usar o ambiente em benefício, para melhoria da qualidade de vida.” diretora UE-E Taboão da Serra

“Não sei, eu acho que   a conscientiza o daquilo que a gente faz com a natureza, (inaudível) querendo ou não da natureza, do meio ambiente (inaudível) uma série de mudanças climáticas que   uma questão que o que não trabalhar essa questão ambiental que quase não se falava, muito pouco ou quase nada. Porque não tinha essa preocupa o com o meio ambiente que queria são o crescimento, o crescimento das cidades sem se preocupar com a questão do meio ambiente, o que   que iria acontecer. De repente, nós estamos pagando

caro por não termos a consciência, de não termos tido a consciência de que tudo.” diretor da UE2-E Blumenau.

“Consciência, consciência. Começa pela consciência, não adianta eu falar uma coisa e praticar outra né?! Não adianta eu ensinar o meu aluno e chegar lá fora no portão e ver o que eu via e que hoje não vejo mais. Isso eu acho que é uma consciência ambiental, eles cuidarem primeiro da onde eles estão. Depois, eles têm que cuidar de longe, de fora. Como é que eu vou poder pensar na mata ciliar, da área de preservação se eu não cuido nem da minha casa, se eu não cuido da escola.” diretor da UE-M Blumenau

“É a consciência mesmo sobre a importância do meio em que vivemos. Se nós falamos meio ambiente, é o lugar onde nós moramos, então é a nossa casa, a nossa morada. Então é o bem que nós temos que cuidar, da nossa morada, do lugar que a gente vive.” diretora UE1-E Blumenau.

“Educação Ambiental perpassa as instâncias sociais, econômicas, políticas, culturais, além da Educação formal.” Profa. UE-M São Paulo

“Acho que ninguém realmente sabe o que é Educação Ambiental, né? Mas eu acho que é você desenvolver no aluno um respeito e ao mesmo tempo um gostar da natureza, né? Eu acho assim que... e fazer com que ele preste atenção no mundo que está ao seu redor pra ele preservar do jeito que está ou tentar melhorar, né? Eu acho que Educação Ambiental é isso. Educação Ambiental eu acho que uma coisa para a vida inteira (...).” Profa. UE-E Taboão da Serra

“Olha um conceito mais bonitinho de Educação Ambiental... Eu fiz um conceito muito bonitinho né: “É a conscientização das pessoas em relação ao mundo em que vivem e que passamos a ter uma melhor qualidade de vida.” [antes da entrevista, pediu para ver o que seria perguntado e antes das perguntas em si, pesquisou e rascunhou o conceito de Educação Ambiental que leu] *O que é que eu quis colocar, que Educação Ambiental também é qualidade de vida, sendo que qualidade de vida também está relacionado à Educação Física. Então a gente tem que educar, na minha concepção, nós temos que educar os nossos alunos. Deixar que eles tenham uma consciência ambiental que tanto se fala, não estar jogando a latinha na quadra de futebol que ali ao redor é grama, é não estar jogando a sua garrafinha plástica de refrigerante quando vem jogar o seu futebolzinho lá embaixo no rio.”* Profa. UE2-E Blumenau

“Educação Ambiental é o instrumento que nós temos em mãos pra mostrar pro aluno que nós estamos vivendo neste meio e temos que cuidar deste meio, não só pra nós, mas também adiante, pras outras gerações. É aqui que nós vivemos, então é aqui que a Educação

Ambiental deve trabalhar todos estes aspectos negativos que vem acontecendo devido à própria ação do homem. Na realidade, Educação Ambiental é um termo bastante abrangente, mas pra mim, aqui na escola, é conscientizar os alunos da importância que eles têm de preservar, né? De conservar o meio ambiente.” Prof. UE-M Blumenau

“É uma coisa muito ampla, que a gente tem que trabalhar todos os dias, em todos os momentos a gente faz Educação Ambiental. (...) É muito importante e só com Educação Ambiental a gente vai conseguir construir os futuros cidadãos do nosso país.” Profa. UE1-E Blumenau

Opinião unânime entre todos os abordados e que vem ao encontro do que Loureiro (2002) comenta é de que a Educação Ambiental tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente.

Mesmo que algumas atividades desenvolvidas e acompanhadas nas escolas possam ser consideradas por alguns pesquisadores como ilustrações de aulas de ciências, precisamos atribuir o mérito aos professores envolvidos com estes projetos. As iniciativas em desenvolver e buscar o aprimoramento destas atividades faz com que se destaquem. O destaque fica maior ainda quando sabemos que as atividades são desenvolvidas sem obrigatoriedade, ou seja, foram iniciativas dos professores e/ou diretores; pois, mesmo com a recomendação de se trabalhar Educação Ambiental nas escolas, não há fiscalização ou norma que regulamente a forma com que se deve trabalhar. Tal fato fica claro nas falas referentes as iniciativas de desenvolver as atividades:

“Surgiu totalmente da professora coordenadora do projeto¹². A professora é muito interessante porque ela vai fazendo empreitadas muito legais e ela vai dando corpo pra escola, as crianças, elas sabem quem é a Rosa, elas sabem quem é que cuida. Elas têm ela como referência.” diretora da UE-M São Paulo

“[...] eu venho de uma outra escola do Embu [município próximo de Taboão da Serra], era uma escola que ficava numa região rural, praticamente rural. [...] Então a gente começou a fazer um trabalho porque eles não tinham nenhuma perspectiva. [...] Então a gente começou lá um trabalho de preservação do meio ambiente, cuidado, respeito, trabalhar um pouco a ética, cidadania, e aí fazer com que eles tivessem outras ambições, e mostrar pra eles que eles tinham outras possibilidades, que precisavam se reunir pra poder conseguir

¹² Apesar de na entrevista ter sido citado o nome, procurou-se modificar. Neste caso foi alterado para o papel que a professora desempenha junto a atividade, nos demais nomes que surgirem no decorrer do texto serão nomes fictícios.

alguma coisa melhor. [...] na hora que a gente conseguiu terminar a agenda 21 da escola e vim pra cá, e vim com essa intenção de montar essa agenda 21 aqui na escola [...].” diretora da UE-E Taboão da Serra

“[...] a horta já vinha acontecendo [...]. A gente só deu uma continuidade tanto da horta quanto do lixo reciclável. Esses já eram projetos que existiam dentro da escola que a gente está dando continuidade.” diretor da UE2-E Blumenau

“Enquanto professor das quartas-séries no ano de 2005. Como a SEMED [Secretaria Municipal da Educação], a Unimed estavam incorporando na escola vários projetos e esses projetos estavam sendo trabalhados isoladamente [...] eu percebi a necessidade de estar fazendo uma junção destes projetos todos de um projeto único. E aí assim, observando, vendo o espaço, a área da escola, começaram a surgir idéias. [...] assim, eu estruturei o projeto, apresentei pra coordenação e direção.” diretor da UE-M Blumenau

“Eu acho que foi pra acordar um pouquinho mais nossas crianças, porque para muitas crianças passa despercebido. [...] As crianças acham tudo normal o que vem fazendo, mas se não tem esta consciência por natureza de orientação de casa, quando a gente faz uma semana que mobiliza todos eles [...]. A professora coordenadora do projeto conseguiu sensibilizar todo mundo, mobilizar todo mundo e todo mundo se envolver e se empenhar.” diretora da UE1-E Blumenau

É possível destacar, nas falas dos diretores da UE-M Blumenau e da UE-E Taboá da Serra, que a iniciativa e a idéia surgiram deles próprios. Mesmo nas falas dos demais, que comentam as iniciativas dos professores, há demonstração de admiração e apoio. Apenas o diretor Vieira apresentou falas mais diretas e demonstrou um posicionamento mais neutro.

Aos professores coordenadores dos projetos foram feitas praticamente as mesmas questões e, na maioria dos casos, as respostas foram bastante similares. Quando questionados sobre a motivação inicial e a idéia de iniciar o projeto houve respostas bastante peculiares.

“Essa coisa de grupo pra mim faz a diferença, é através de grupo que você cresce, então eu senti que precisava criar um grupo e o nome veio... E assim... Mas a idéia é que todo mundo seja Vigilante da Natureza, né? Mas a gente, é... É difícil porque o adolescente, ele agride muito o meio ambiente no seu contexto assim de adolescência, ele precisa protestar, ele precisa agredir, então ele faz isso pixando, quebrando planta, né? E eu sofro muito vendo isso acontecer, mas é reflexo da sociedade.” Profa. UE-M São Paulo

“Quando eu cheguei aqui, eu sempre quis trabalhar numa escola que tivesse um laboratório e uma área verde que eu pudesse trabalhar com os alunos; e quando eu cheguei aqui, eu olhava pra lá e era um matagal só e eu já tinha feito outras experiências em outra

escola que eu trabalho também, lá eu dou aula de Ciências e aqui eu dou aula de Biologia e... A gente começou a fazer junto, mas a gente não tinha conversado. A diretora e eu, então eu propus que os alunos se organizassem em grupos, tanto o 2º colegial, quanto o 3º e fizessem um projeto do que eles gostariam que fosse feito dessa área aí. E daí a primeira idéia foi a seguinte, que o melhor projeto seria executado. Quando eu fui levar este projeto pra direção, a diretora já estava, já tinha entrado em contato com a prefeitura para fazer algo parecido. Então os alunos fizeram os projetos e a prefeitura, como estava envolvida, os engenheiros pegaram todos os projetos e transformou em um só e a gente colocou em execução.” Profa. da UE-E Taboão da Serra.

“A construção da horta, meio que entrei de gaiato. Uma professora de Ciências começou a levar os alunos, aí capinavam, faziam os canteiros e tal. Estava meio parado e eu, pra dar uma injeção de ânimo, me propus a ir buscar com carro as mudinhas e levei alguns alunos pra lá pra fazer o plantio dessas mudinhas e aí a outra professora foi se afastando e eu fui tendo que tomar conta. Daí as mudinhas já estavam ali, já estava acontecendo, né? A horta já estava... As verduras já estavam crescendo e tal e eu consegui alguns alunos pra gente sempre ir dando uma olhada, regando, capinando. Aí alguns alunos meio desestimulados iam desistindo, daí eu ia conseguindo outro grupo e assim a gente foi levando até que começou a parte da colheita [...]. A reciclagem começou como uma gincana de arrecadação, pra nós estarmos vendendo pra arrecadar fundos pra escola e aí foi formando um processo em que os pais acharam muito bacana porque as crianças estavam se conscientizando, não jogando nas ruas, na escola, jogar o papel fora que estava ocupando [...].” Profa. da UE2-E Blumenau

“Ano passado já havia uma certa divisão, os alunos da pré-escola trabalhavam com flores, os canteiros. A horta estava meio parada, um senhor da comunidade, que vinha pra trabalhar na horta e não tinha nenhuma pessoa específica pra trabalhar isso, aí por necessidade da própria escola, o diretor conversando com os professores, achou melhor montar este projeto e pegar uma pessoa específica pra trabalhar nele.” Prof. da UE-M Blumenau

“Foi uma coisa que eu sempre pensei, assim, a questão do diferente. Trazer algo diferente pra eles, uma novidade sempre todo o ano e o conhecimento de fora, né? Porque a gente sempre precisa de capacitação, precisa de aperfeiçoamento e a gente nunca tem. Então, chamando as parcerias, a gente poderia estar conseguindo agregar conhecimentos, agregar mais coisas na escola. Então o objetivo principal foi ser diferente mesmo.” Profa. da UE1-E Blumenau

Dentre todas as respostas, as que certamente chamaram mais atenção foram as do profa. da UE2-E Blumenau e do profa. da UE1-E Blumenau. A primeira, por admitir que assumiu o projeto sem clareza inicial e, a segunda, por associar a idéia do projeto da Semana do Meio Ambiente como formação continuada, com a vinda dos profissionais de fora da escola, fato que já foi comentado anteriormente.

Além da observação presencial, questionário, entrevistas também tínhamos previsto a análise dos documentos escolares, os Planos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas para verificar como as atividades relacionadas a Educação Ambiental e ao meio ambiente estão inseridos nestes documentos. A UE-M Blumenau apesar de comentar no questionário que tinha o projeto e as atividades incluídas no PPP, mas na entrevista com o diretor, este revelou que por questões burocráticas junto a Secretaria Municipal de Educação ainda não havia conseguido incluí-lo no documento.

Em dois Planos Político-Pedagógicos, a Educação Ambiental foi citada como propósito das respectivas escolas (UE2-E Blumenau e UE-M São Paulo). No PPP da UE2-E Blumenau foi citado especificamente o projeto envolvendo a horta. Na UE-E Taboão da Serra, o termo não foi utilizado, mas o trabalho relatado de reconhecimento da comunidade, levantamento de anseios dos professores e da comunidade, bem como a proposta de objetivos e ações a serem alcançadas para melhoria do local, estas atividades vêm ao encontro do Artigo 1º da PNEA (1999), no que diz respeito à construção de valores sociais e ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e competências ligadas ao bem comum e à preocupação com a qualidade de vida.

Todos os Planos Político-Pedagógicos citaram, como um dos propósitos, a formação da cidadania para com os educandos, refletindo tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais quanto a Proposta Curricular de Santa Catarina. A UE-E Taboão da Serra, por se tratar de uma escola que envolve Ensino Médio, citou também a formação para o mundo do trabalho que é expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.

Todos os Planos Político-Pedagógicos citaram a importância da coletividade, da formação cidadã e integrada dos educandos, a participação e o envolvimento de todos os professores, bem como a promoção de uma educação participativa e democrática. Estes princípios, além de repercutirem os documentos gerais que regem a Educação, também fazem parte de princípios básicos da Educação Ambiental. Quando são citados os aspectos gerais da educação que promovem a coletividade, há a tendência de que estejam correlacionados com os princípios básicos da educação ambiental. No entanto, é perceptível que a preocupação

com o meio ambiente, a qualidade de vida e a sustentabilidade são aspectos, em vários casos, pouco lembrados nos documentos escolares.

A UE-E Taboão da Serra chama a atenção para vários aspectos presentes em seu Plano Político Pedagógico por apresentar várias idéias relacionadas com o que Paulo Freire (2008) postulou, principalmente nas questões relacionadas à contextualização e à construção de conhecimentos, levando em consideração e respeitando a realidade local. Inclusive, algumas atividades descritas no PPP revelam os esforços de integração entre escola¹³ e comunidade. Vários trabalhos de aproximação foram realizados, sempre visando à coletividade e ao estreitamento de laços entre ambos, na tentativa de garantir maior benefício para ambas as partes.

A UE-M São Paulo apresenta um Plano Político Pedagógico muito focado na metodologia de ensino adotada pela escola, baseada na Escola da Ponte, mas revelando, também, muitas coincidências relacionadas a Paulo Freire (2008). O enfoque, nesse caso, está muito vinculado ao desenvolvimento da autonomia pelos estudantes, além da promoção da solidariedade e do espírito democrático.

A EU2-E Blumenau e a UE1-E Blumenau possuem os Planos Político-Pedagógicos muito mais técnicos, com dados mais informativos relacionados aos índices de aprovação e às normas das escolas nestes últimos anos. Para estas, valem os comentários gerais relacionados aos propósitos na formação da cidadania. Questões mais específicas são pouco comentadas e, por vezes, somente citadas. Talvez essa seja uma característica mais relacionada aos direcionamentos dados pela Secretaria de Educação de Santa Catarina, visto que ambas as escolas são estaduais.

4.4 Formas de desenvolvimento e estratégias das atividades

As estratégias de desenvolvimento das questões da Educação Ambiental e do meio ambiente foram as mais diversas. Sempre centralizadas em professores que organizam e administram estas atividades. A idéia de que a Educação Ambiental ou mesmo questões relacionadas ao meio ambiente sejam tratadas como projetos integrados entre diferentes professores de diferentes áreas e inclusive entre diferentes séries não foi a realidade encontrada. Foram nítidos vários aspectos, como a centralização das atividades em torno de um(a) professor(a). Assim como o que foi observado é que nem sempre a Educação

¹³ Entende-se escola como todos os que a integram: diretores, coordenadores, professores, alunos e demais funcionários.

Ambiental e/ou o meio ambiente é trabalhado em forma de projetos, na maioria das vezes acontecem atividades dispersas que não necessariamente se relacionam.

Sabemos que a Educação Ambiental deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, mas já nos questionários feitos inicialmente somente a UE-M São Paulo citou como interdisciplinar o projeto desenvolvido. As demais escolas citaram disciplinas específicas que normalmente estavam relacionadas as disciplinas dos professores coordenadores das atividades. Apesar de não ser o propósito do trabalho a discussão em torno da interdisciplinaridade em si, a UE-M São Paulo mesmo apresentando uma proposta de educação diferenciada que sugere novas perspectivas de trabalho a que se estamos acostumados, a observação mostrou que tal fato não acontece. As atividades são feitas centradas em determinados momentos e na professora coordenadora. A convivência com demais professores durante o período de observação possibilitou verificar que estes não acompanhavam nem participavam das atividades. Foi possível ver muitos alunos alheios aos grupos específicos envolvidos nas atividades não estavam integrados ao que era feito pelos mesmos, alguns conheciam por questionarem o que estes alunos faziam no horário de saída da escola no átrio e alguns por conhecerem colegas que participavam das atividades ou mesmo terem participado em algum momento. Mesmo entre os professores não havia envolvimento, apenas o respeito, o reconhecimento pelo trabalho e por momentos traziam objetos que julgavam poder ser interessantes para a professora coordenadora ou encaminhavam alunos em roteiros que exigissem materiais diversos para montagem de algum experimento.

Assim como acontece na UE-M São Paulo, a UE2-E Blumenau também utiliza em diversos momentos horários diferentes aos das aulas regulares para desenvolver as atividades. Já nas UE-E Taboão da Serra, UE-M Blumenau e UE1-E Blumenau as atividades relacionadas a Educação Ambiental e/ou meio ambiente são desenvolvidas durante o horário de aula regular. O fato das atividades acontecerem durante o horário regular de aula possibilita uma participação de um número maior de alunos, quando as atividades ocorrem em horário diferente é comum haver alunos que não podem participar, pois é necessária autorização prévia dos pais que normalmente já tem estabelecido uma rotina semanal que dificulta a participação dos alunos em horários diferentes as aulas. Importante comentar que na UE2-E Blumenau os horários de atividades nem sempre são fora do horário regular das aulas, tal fato acontece esporadicamente. Já na UE-M São Paulo um grupo de alunos voluntários participam das atividades em horário posterior as aulas do turno vespertino e outro grupo de alunos participa de outras atividades durante o período de aulas, incluída na grade de horário.

As atividades também se diferem das usualmente encontradas nas salas de aula, sendo estas consideradas na maioria das vezes atividades extras e não complementares as aulas. As atividades predominantes como horta e coleta seletiva acontecem quase que exclusivamente fora do espaço da sala de aula. É possível perceber falas que indicam estas atividades como de menor importância¹⁴ as que acontecem nos componentes curriculares obrigatórios. Na UE-M São Paulo isso não acontece uma vez que as atividades acontecem semanalmente em dia da semana e horário fixo tanto no grupo de alunos voluntários quanto com as crianças do 1º ano. Na UE-E Taboão da Serra foi relatado que algumas vezes a aula planejada foi substituída por uma atividade vinculada a construção e organização da praça, uma vez que a escola dependia de doações. Quando estas doações de solo, grama e árvores nativas chegaram foi necessário organizar os alunos o mais rápido possível para organização dos materiais para agilizar o processo de organização da praça.

Em alguns poucos momentos na UE-M Blumenau houve relatos de atividades em sala de aula vinculadas a horta, como observação de diferentes sementes em lupa, observação da granulometria de diferentes tipos de solo, além de pesquisa e produção de texto sobre diferentes hortaliças e verduras. Nesta mesma UE houve relatos de desenvolvimento do tema alimentação saudável por diversas turmas vinculada a atividade da horta.

A coleta seletiva da maioria das UEs acontece durante o período de aulas, só como um momento de recolher o que os alunos trouxeram, sem estar inserido no contexto de desenvolvimento das aulas regulares em si. Na UE-M São Paulo houve um momento que foi confeccionado papel reciclado a partir do papel coletado. Esta foi a única atividade referente a coleta de materiais recicláveis visualizada, nem uma outra foi observada ou mesmo relatada. Muitas crianças inseridas na atividade de confecção do papel reciclado demonstraram dificuldades em diferenciar os termos: reciclável e reciclado, durante a atividade esta dúvida foi esclarecida. As crianças envolvidas na atividade de produção de papel reciclado demonstraram muito envolvimento e interesse, sendo necessário organizar uma fila de uso dos materiais. Cerca de quatro crianças que aguardavam os pais de vir buscá-los também se envolveram na atividade, tamanho foi o interesse. Nem mesmo o manuseio com água num dia de inverno as inibiu de participarem de modo ativo na atividade.

¹⁴ O termo “menor importância” neste caso não deve ser entendido no sentido depreciativo, mas na situação de que se houver pouco tempo e o professor tiver que optar entre trabalhar conteúdos definidos no planejamento anual ou desenvolver atividades relacionadas a Educação Ambiental ou meio ambiente, este deverá escolher a primeira opção. Já que em todos os casos analisados do presente trabalho não havia vínculo entre os conteúdos dos componentes curriculares obrigatórios com as atividades de Educação Ambiental e /ou meio ambiente.

Em todas as demais UEs não foi vista nenhuma atividade relacionada a coleta seletiva e mesmo os relatos relacionados foram feitos de modo bastante tímido.

As atividades relacionadas ao plantio de mudas de árvores nativas sempre foram feitas associadas a outras atividades como a resolução do desbarrancamento de um talude e da montagem e organização de uma praça. Em ambas as UEs que desenvolveram a atividade de plantio das árvores nativas houve uma preocupação de terem orientação adequada das espécies adequadas, assim como do distanciamento entre o plantio das mudas. O que demonstra uma preocupação de não plantar qualquer espécie e buscar orientação adequada.

As atividades nas oficinas da UE-M São Paulo tanto que envolve as crianças voluntárias (em que as oficinas acontecem em horário posterior quanto das crianças do primeiro ano envolvia o desenvolvimento de artesanato a partir do reaproveitamento de materiais. Normalmente as atividades tinham seu início e seu fim no mesmo dia. Como já foi relatado a prática de rodas de conversa, numa conversa participativa e democrática em que todos tinham a oportunidade e o direito de falar.

Já as atividades em sala desenvolvidas nas aulas de Biologia da UE-E Taboão da Serra, mesmo sendo em sala as atividades foram diferentes de aulas expositivas tradicionais. Uma das atividades envolvia a apresentação de trabalhos variados sobre diversos assuntos relacionados ao meio ambiente. Como os grupos de alunos tiveram liberdade da forma como gostariam de expor os trabalhos, houve alunos que expuseram com o uso de cartazes e também houve quem produzisse um vídeo exibido aos demais colegas. Neste tipo de trabalho os materiais consultados foram bastante variados como livros paradidáticos, livros didáticos, revistas, jornais e sites. Outra atividade foi coordenada pela professora que inclusive disponibilizou os materiais de consulta, foi uma espécie de júri com um grupo de alunos contra a teoria de o homem está acelerando o aquecimento global e outro a favor. Esta atividade promoveu uma ampla discussão e a construção de vários argumentos sobre o assunto.

Ressaltamos que mesmo escolas distantes geograficamente apresentaram muitas similaridades de idéias e desenvolvimento de atividades. Preocupações e temáticas foram semelhantes e as diferenças encontradas correspondiam às realidades de cada escola, normalmente envolvendo preocupações com a promoção da saúde e do bem estar das pessoas, tanto no sentido físico e biológico como no emocional. Os professores foram unânimes, sejam nos estados de São Paulo ou Santa Catarina, em se queixar da falta de verbas e tempo.

Referências Bibliográficas

BACCI, Denise de La Corte e PATACA, Ermelinda Moutinho. Educação para a água. **Estudos Avançados**, 22 (63), p.211-226. 2008.

Brasil. SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. MMA/SBF, Brasília. 2000.

Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. Constituição do Brasil – 1988.

Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais**, Brasília, MEC, 1997.

BRUGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental**. 3ed revisada e ampliada. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

CAMPOS, Daniela Bertolucci de. **A temática ambiental e o ensino de Biologia: o professor enquanto sujeito ecológico**. Dissertação. Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Campus de Rio Claro. Rio Claro, 2007.

CASCINO, Fabio. **Educação ambiental: princípios, história, formação de professores**. São Paulo: SENAC, 1999.

CASTRO, Ronaldo Souza e BAETA, Anna Maria. Autonomia intelectual: condição necessária para o exercício da cidadania. IN: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pumier e CASTRO, Ronaldo Souza. **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

COMPIANI, Maurício. Contribuição para reflexões sobre o panorama da Educação Ambiental no ensino formal. IN: Secretaria de Educação Fundamental. **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental**. Brasília: MEC; SEF, 2001.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos Humanos e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1998.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DUVIGNEAUD, Paul. *La Synthèse Écologique*. Tradução: Isabel de Loura, Fátima Gaspar e Carlos Gaspar. 2ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1980.

FOUREZ, G. Crise no ensino de Ciências? **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v.8. n.2, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Ed. Especial. Coleção Leitura. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2008.

GOUVÊA, Giana Raquel Rosa. Rumos da formação de professores para a Educação Ambiental. **Educar**. Curitiba: Editora UFPR, n.27, p.163-179, 2006.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

KAWASAKI, C.S. & CARVALHO, L.M. Tendências da pesquisa em Educação Ambiental. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. V.25, n.03, p. 143-157, dez.2009.

LAYRARGUES, Philippe Pumier. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. IN: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pumier e CASTRO, Ronaldo Souza. **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**; tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEMKE, J. Research for the future of Science Education: new ways of learning, new ways of living. *Plenária de abertura do VIIth International Congress on Research in Science Teaching*, Granada, Spain, 2005. Disponível em: <http://www-personal.umich.edu/~jaylemke/papers/Granada%20Future%20Science%20Education.htm> acessado em 08/07/2009.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Crítica ao fetichismo da individualidade e aos dualismos na educação ambiental. **Educar**, Curitiba: Editora UFPR, n.27, p. 37-53, 2006.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação Ambiental Transformadora. IN: LAYRARGUES, Philippe Pomier (org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. IN: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier e CASTRO, Ronaldo Souza. **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MACHADO, Julia Teixeira. **Um estudo diagnóstico da Educação Ambiental nas escolas de Ensino Fundamental do município de Piracicaba/SP**. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”- Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2007.

MARTINS, Isabel; OLINISKY, Maíra Jansen; ABREU, Teo Bueno e SANTOS, Laísa Maria Freire. Contribuições da análise crítica do discurso para uma reflexão sobre questões do campo da Educação Ambiental: olhares e educadores em ciências. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.3, n.1, p. 129-154, 2008.

MEDINA, Naná Mininni. A formação dos professores em Educação Ambiental. IN: Secretaria de Educação Fundamental. IN: **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental**. Brasília: MEC; SEF, 2001.

MELLO, Guiomar Namó; REGO, Teresa Crisitna. **Formação de Professores na América Latina e Caribe: A Busca por Inovação e Eficiência**. Conferência Internacional: Desempenho de professores na América Latina, Tempo de Novas Prioridades. Brasília, 2002.

MENDES, Regina e VAZ, Arnaldo. Educação Ambiental no Ensino Formal: Narrativas de professores sobre suas experiências e perspectivas. **Educação em Revista**, v.25, n.03, p.395-411, dez, 2009.

MORGAN, Susan Conlon; HAMILTON, Susan L.; BENTLEY, Michael L.; MYRIE, Sharon. Environmental Education in Botanic Gardens: Exploring Brooklyn Botanic Garden's Project Green Reach. **The Journal of Environmental**, v.4, n.4, p. 35-52, Summer 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Elísio Márcio de. **Educação ambiental**: uma possível abordagem. 2ed. Brasília: IBAMA, 2000.

PENTEADO, Heloísa D. **Meio ambiente e formação de professores**. 5ªed. São Paulo: Cortez, 2003.

PHILIPPI JR., Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. Barueri: Manole, 2005.

Política Nacional de Educação Ambiental – Lei N° 9.795, de 27 de abril de 1999, disponível em <http://www.lei.adv.br/9795-99.htm>, acessado em 08/07/2009.

Proposta Curricular do Estado de São Paulo – pesquisado em site: http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/18/arquivos/PropostaCurricularGeral_Internet_md.pdf acessado em 19 de janeiro de 2011.

Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Temas Multidisciplinares. Florianópolis: COGEN, 1998.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. Coleção primeiros passos, São Paulo: Brasiliense, 2006.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. Coleção Questões da Nossa Época, vol. 41. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Silvia Aparecida Martins dos. Reflexões sobre o panorama da Educação Ambiental no ensino formal. IN: **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental**. Brasília: MEC; SEF, 2001.

SATO, Michèle. Formação em Educação Ambiental – da escola à comunidade. IN: **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental**. Brasília: MEC; SEF, 2001.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle e CARVALHO, Isabel Cristina Moura (Org.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SEGURA, Denise de Souza Baena. **Educação ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

SORRENTINO, Marcos. Reflexões sobre o panorama da Educação Ambiental no ensino formal. IN: **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental**. Brasília: MEC; SEF, 2001.

TAGLIEBER, José Erno. Reflexões sobre a formação docente e a Educação Ambiental. In: ZAKREZEVSKI, S. B.; BARCELOS, V. (Org.) **Educação Ambiental e compromisso social: pensamento e ações**. Erechim: EdiFAPES, 2004.

TAMAIIO, Irineu. **A Política Pública de Educação Ambiental: sentidos e contradições na experiência dos gestores/educadores da Diretoria de Educação Ambiental no Ministério do Meio Ambiente – Gestão do Governo Lula (2003-2006)**. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

TAMAIIO, Irineu. **O professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental**. São Paulo: Annablume: WWF, 2002.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Pesquisa-Ação em Educação Ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.3, n.1, p. 155-169, 2008.

VIEZZER, Moema & OVALLES, Omar (org.). **Manual Latino-Americano de Educação Ambiental**. São Paulo: Gaia, 1994.

ANEXO A- Questionário de levantamento de projeto de Educação Ambiental (EA)

ESCOLA: _____

DIRETOR: _____

TIPO DE ESCOLA:

- () Ensino Fundamental
 () Ensino Fundamental e Médio

EM RELAÇÃO AO(S) PROJETO(S) SOBRE EA, RESPONDA:

OBS.: Se houver mais de um projeto, responda um questionário para cada projeto.

1. Nome do responsável pelo projeto: _____

2. Função: _____

3. Nome do projeto: _____

4. Este projeto é: () Disciplinar () Inter ou multidisciplinar

5. Tema/assunto trabalhado:

- | | |
|---|------------------------|
| () Resíduos sólidos (reciclagem, etc.) | () Recursos hídricos |
| () Poluição do ar | () Riscos ambientais |
| () Poluição sonora | () Saúde da população |
| () Moradia | () Biodiversidade |
| () Mudanças climáticas | |
| () Outros. Especifique: _____ | |

6. Em que série(s)/ano(s) está(ao) desenvolvendo o trabalho de EA?

Série/Ano - Turno

7. As ações do projeto em E.A. abrangem:

- () Somente a(s) classe(s) que está(ao) desenvolvendo o projeto.
 () Uma outra classe. Qual? _____
 () Várias classes diferentes.
 () Toda a escola.
 () Escola e comunidade.
 () Outro grupo de pessoas. Qual? _____

8. Profissionais envolvidos neste projeto:

Professor de Ensino Fundamental – Séries Iniciais

Professor de Ensino Fundamental – Séries Finais

Diretor

Vice-diretor

Professor Coordenador Pedagógico

Outros. Quais? _____

Qual(is) a(s) disciplina(s) envolvida(s): _____

9. Fonte motivadora:

Professor

Necessidades comunitárias

Diretor

Universidades

Alunos

Outra. Qual? _____

10. Onde está sendo desenvolvido o projeto?

Na própria escola, em sala de aula.

Na própria escola, no jardim, no pátio ou outra dependência.

No bairro.

Outro local. Qual? _____

11. Objetivos do projeto: _____

12. Etapas do projeto: _____

13. Duração do projeto: _____

14. Dificuldades encontradas: _____

15. Se houver, relacione quais as instituições parceiras: _____

16. Se houver, indique quais as formas de parceria: _____

17. Descreva sucintamente o desenvolvimento do projeto até o momento:

18- A Educação Ambiental faz parte o Plano Político Pedagógico (PPP) da escola?

Sim Não Não conheço o PPP

19. Qual(is) documento(s) encontram-se na unidade escolar e subsidia(m) o projeto em Educação Ambiental (como: Agenda 21, PCNs, Carta da Terra, etc.)?

20. A escola está elaborando ou elaborou a Agenda 21 da própria escola?

Sim Não

21. Qual a importância da Educação Ambiental na escola?

22. Quais os outros temas que a Educação Ambiental deve tratar?

23. Como esses temas podem ser trabalhados?

ANEXO B - Questões para entrevistar professores envolvidos nos projetos, coordenadores e diretores:

- 1- O que é Educação Ambiental?
- 2- O que é meio ambiente?
- 3- Você tem alguma formação em EA? Qual?
- 4- O que o(a) levou a trabalhar em EA na escola?
- 5- Como foi a elaboração do projeto? Coletiva ou por um responsável?
- 6- Quais foram os resultados já percebidos no projeto?
- 7- Quais foram e/ou são as dificuldades no desenvolvimento do projeto? Como foram ou estão sendo solucionadas?
- 8- Houve redefinição dos objetivos ao longo do projeto? Por quê?
- 9- Como sentem (ou vocês percebem) os alunos nos trabalhos com o projeto de EA?
- 10- Como é a relação com os colegas de trabalho a respeito do projeto?
- 11- Como está sendo registrado o projeto?
- 12- Como é feita a avaliação do projeto?
- 13- Quais são as expectativas para o futuro do projeto?

Questões para entrevistar os alunos envolvidos no projeto:

- 1- Idade e série:
- 2- O que é Educação Ambiental?
- 3- Por que você participa do projeto?
- 4- Há quanto tempo participa do projeto?
- 5- O que você faz no projeto?
- 6- O que você mais gostou de fazer no projeto até hoje?
- 7- O que você acha do projeto?
- 8- O que você percebe na escola de diferente com o projeto?
- 9- Como são seus amigos que não participam do projeto com relação ao meio ambiente?

Anexo D- Entrevistas dos diretores das escolas

Para preservação da identidade, todas as pessoas terão seus nomes alterados nas entrevistas. No caso dos(as) diretores(as) terão parte do nome da escola que representam.

Entrevista com a diretora da **Unidade Escolar Municipal de São Paulo/SP**, neste caso chamada de Diretora UE-M São Paulo e a entrevistadora será identificada por **E**. Para preservar a identidade dos professores, todos foram identificados na entrevista como Prof.(a) coordenador(a) das atividades de EA.

A diretora um pouco constrangida em participar da entrevista pediu que fosse feito de maneira diferente. Na qual ela veria as questões e na medida em que fosse esquecendo de falar a respeito de uma das questões, a entrevistadora iria lembrando-a.

E: Em sua concepção, o que é Educação Ambiental?

Diretora UE-M São Paulo: É assim..., se a gente pensar numa perspectiva, assim como eu pensei a escola aqui é uma coisa assim... é tudo, tudo: é o espaço físico, a sala de aula, é o menino, é a menina. É o ambiente que a gente vive, como a gente vai cuidar desse ambiente. Eu acho que é pensar em Educação Ambiental, pensando no projeto da escola, quando a gente pensou na escola há 12 anos atrás a situação era muito ruim. Só pra você ter uma idéia, primeiro que a escola era toda cinza, todas as paredes eram cinza, cinza quase preto de tão escuro que era. As camisetas das crianças era cinza. É... Nesse lugar que hoje é o jardim era na escola, tinha um (inaudível) ali e ali indicando com a mão para o jardim ao lado de sua janela. Era um horror! E a vista desta janela era um lixo, era um depósito de lixo mesmo, hã... todos os lugares que tinham na escola que era possível guardar alguma coisa, tinha alguma coisa guardada, todas as (inaudível) velhas possíveis de serem guardadas da escola, tinham coisas guardadas. E nas salas dos professores tinha um sofá que tinha uns buracos que tinha sido uma doação que a escola tinha recebido e que era aquele sofá cama que tinha uns gavetões, então ali era lotado de papel velho, a escola inteira era papel velho. Tudo velho! Era muito horrível! E aí, quando eu cheguei aqui eu levei o maior susto, hã, primeiro por causa desta perspectiva da escola (inaudível) Porque as crianças sujam e cinza não aparece tanta sujeira, (inaudível) E por que as camisetas são cinzas? Ah! Porque elas não lavam muito, daí esconde a sujeira. E tudo aquilo começou a me incomodar muito. Então quando eu cheguei em janeiro e vi aquela escola daquele jeito. E não tinha muito luz do sol. Então meio ambiente pra mim, vai nessa trilha pra você entender que você deve estar num lugar com luz do sol, que tem que ter planta, que tem que ter lugar (inaudível) decente, que o banheiro tem que ser decente e tudo tem que ser decente, como a merenda tem que ser boa. E de certa forma (inaudível) porque não dá pra acreditar que se dá aula de educação ambiental. Eu tenho certa restrição, eu acho que você não faz uma formação que não for na prática. Educação ambiental você não ensina simplesmente na teoria. Na universidade até dá pra fazer isso, mas com as crianças de ensino fundamental isso tem que ser uma vivência do dia-a-dia pra você ver a diferença de estar num lugar bonito, agradável, onde tem planta, onde tem cor. A gente começou a mexer nestas coisas básicas, por exemplo, quando eu cheguei aqui não tinha dinheiro na escola, aí eu cheguei e falei, vamos pintar uma coisa então (inaudível) Daí eu peguei a Rosinha que era a única pessoa aqui, quando eu cheguei. (inaudível) pelo amor de Deus, esta escola está um horror (inaudível) aí a gente pegou uma tinta amarela, não, laranja, na verdade a gente misturou um monte de cor que deu laranja. Aí a gente pintou todas as portas da escola de laranja, ficou assim, cinza com laranja, já melhorou. Olha, era uma (inaudível) tão grande que já parecia ter melhorado um pouco. De certa forma, melhorou

porque deu um susto em todo mundo, né? Tinha uma marca de que alguma coisa estava mudando. E, desde então o que a gente começou a fazer, foi limpeza na escola porque (inaudível) e jogar um monte de cacareco fora, tudo que tinha na escola que não servia a gente foi começando a jogar fora. Papel velho, cadeira velha e... junto com minha vinda, veio a Profa. coordenadora das atividades de EA, que é uma professora muito preocupada com isso, uma professora que tem tempo de fazer isso dentro da escola e que é interessante porque ela não é uma professora que ta todo dia com as crianças, então ela fica num lugar meio inter, né? Inter o tempo todo, ela ta no meio de tudo, então eu acho que isso é bom porque ela pode ir constituindo um projeto que (inaudível) um projeto de formiguinha, né? Foi um projeto que foi assim, cada coisinha, cada (inaudível) era um monte e ela tem essa, essa coisa dentro dela de não desistir. Então ela, por exemplo se ela acha que vai fazer um quadro com os alunos porque ela acha que é importante como o Calendário do Advento, ela se dedica ao máximo para aquilo e quantas crianças participam dos Vigilantes que vão receber o Calendário do Advento. Se pensarmos numa proporção dos 750 alunos que a gente tem na escola, parece que é uma bobagem e eu acho que com isso a gente foi constituindo um projeto. Não um projeto, mas uma idéia de cuidado com a escola, de cuidado com o meio ambiente, de cuidado com os outros. Óbvio que a gente também não conseguiu resolver o problema do papel, do lixo no chão que é uma questão importante que a gente tem na escola pra ser trabalhada. A gente não conseguiu resolver o problema de falta de hã, hã cuidado com as coisas, mas a escola tem uma, um cinturão vamos dizer de alguma coisa que é cuidada, de um espaço que é cuidado, de um parque que é preservado. A gente pensa que não é nada quando a gente está vivendo isso. Mas quando as pessoas vem de outros lugares, de outras escolas, elas percebem uma diferença bastante grande nessa escola em relação as outras escolas públicas. Daí a gente percebe que tem uma questão (inaudível) sendo feita e outra, eu sempre vejo assim, porque a Profa. coordenadora das atividades de EA faz tudo com muito amor. Né então assim, mais do que com técnica, com conhecimento, ela fez com amor. Lógico que ela sabe um monte de coisas, mas não é nessa área que ela circula porque ela mistura arte com a questão da Educação Ambiental, pra fazer a horta, ela prepara lá, faz a mureta, põe tampinha, pra (por água) ela faz um bebedouro com todo cuidado, todo pintado, (inaudível) ela manda eles trazerem o azulejo a partir do que eles estão trabalhando, enfim. A Educação Ambiental, não é vamos dizer, uma disciplina na escola, mas é uma perspectiva que a escola tem. Enfim, é o pensamento que começa a surgir na escola, e é o único jeito de se fazer na escola, já que não dá pra educar com aula teórica, não se educa criança assim. Você tem que educar a criança para uma vivência nessa perspectiva, então quando você vê uma menina da sétima vindo para os Vigilantes da Natureza, ela se arruma toda, ela vem. E a idéia dela é que ela seja monitora, mas ela não agüenta ser monitora porque ela participa ativamente do processo, né? Então é isso que eu acho bonito neste trabalho que vem sendo constituído na escola. Óbvio que há muito que ser feito, há muito cuidado que as crianças precisam aprender, mas eu acho que é um processo, porque Educação Ambiental não pode ser só na escola também. Eles jogam papel no chão, porque eles jogam papel no chão em qualquer lugar, né? É a gente enquanto cidadã, a gente é educada assim, né? A educação do brasileiro é essa. É um costume jogar papel no chão. Estou comendo uma bala e eu não me preocupo se tem lixo, eu jogo, não eu né? Mas tem uma preocupação com a sociedade de ser assim, né? Pra se construir uma preocupação com o meio ambiente é uma tarefa bastante árdua, principalmente na escola, porque ela acha que tem um monte de coisas que é importante de se aprender de conteúdo, que precisa fazer e tal e quando se fala de Educação Ambiental na escola, ela tem que estar na escola mas de outro jeito, né? Então é difícil, é muito difícil para os educadores, nos livros a gente encontra um capítulo sobre Educação Ambiental e se a gente trabalha só isso, não faz diferença nenhuma para as crianças, é ridículo. É o mesmo que Educação Sexual tem um capítulo de Educação Sexual e daí a gente vê este monte de meninas que sai do Ensino

Fundamental e engravada logo depois com 14 anos, com 15 anos no Ensino Médio. Então, não é isso, não é assim, a gente já sabe que não é assim que a gente aprende principalmente estas coisas que fazem parte da vida. Porque o que é Educação Ambiental, ela faz parte da vida, é tudo, é tudo que se faz, é a perspectiva de mundo, é como você se coloca no mundo, quando você vai numa praia, num piquenique, quando você está na sua casa, quando você vai à escola. Então no fundo o projeto da escola, foi sendo uma coisa muito, ela tem um fundo e não é uma linha que só fica num (inaudível) Ela tem várias frentes. E isso vai fazendo uma diferença (inaudível) os estudantes que participam do projeto de Educação Ambiental, a gente consegue que eles participem muito mais até o quarto ano, quando eles vão pro quinto ano, eles já acham bobeira. (inaudível) Eles já começam a achar isso uma bobagem. Então porque existe Educação era mais forte que a questão ambiental. (inaudível) Ela encontra uma cultura, mas é uma cultura muito sedimentada, que faz a gente não pensar nestas coisas, que não dá bola pra essa questão do lixo, que a gente não cuida da luz, a gente não cuida da, da... enfim, de tudo que a gente joga, papel no chão. Às vezes, até o menino que é vigilante joga papel no chão, e aí a gente vai vendo que não é uma questão só aula, é uma questão muito mais de política, vamos dizer assim, política da escola. Como é que a gente vai agir politicamente, como é que a gente vai construir uma cultura política, como é que a gente vai construir (inaudível) Construção numa perspectiva que tem haver com cidadania, que tem haver com a pessoa que está no mundo, como cidadão. Eu acho que é isso é que é a questão. Por exemplo, vem junto esta questão da cultura que a gente preza aqui na escola que é essa questão da identidade. Então tudo isso, vem no mesmo bojo, é as oficinas de cultura, as oficinas de música, de capoeira, elas são nesta perspectiva de viver, de fazer vivências com as crianças. Nestas oficinas elas tem oportunidade de viver e mesmo vivendo a gente sabe que elas não mudam, porque a mudança é um processo muito maior, por exemplo, eu vou usar o exemplo da cultura. Por exemplo, ela tem programas de educação para se discutir por exemplo essa questão do racismo, e aí a gente acha que estes problemas vão (inaudível) ou não, mas aqui na escola a gente optou em discutir a cultura porque dentro da cultura brasileira a gente encontra as diferentes raças, as diferentes pessoas e isso vai dando um outro sentido, por exemplo, quando a gente começou o trabalho de capoeira, o mestre de capoeira sendo negro, tinham alunos que diziam assim, eu não faço aula com esse negro. Diziam isso! Então aqui no Brasil é algo que está posto e a gente finge que não tem. Um processo discriminatório e que a gente tem que trabalhar. Se a escola tem que trabalhar do ponto de vista institucional, ela não vai trabalhar. Essa é que é a questão, a gente não trabalha com questões que estão na nossa raiz como instituição, a gente tem que trabalhar isso numa perspectiva muito mais solta, numa (inaudível) que tem que ser a política da escola. Como é que a política vê uma criança, como é que a política vê o adolescente, como é que a política da escola pensa numa sala de informática, ou seja, a alimentação diária dele. O que é que a gente atende (inaudível) toda escola. Lógico que tem um monte de coisas que faltam que a gente não tem dinheiro que a gente queria ter, porque se a gente tivesse dinheiro era tudo muito mais fácil, né? Por exemplo, uma coisa que quebra na escola e eu tivesse a possibilidade de repor tudo no mesmo minuto, tudo isso seria muito mais fácil, mas eu não tenho. E é tudo uma cultura que não é só da criança, mas também do adulto que também está com ela, do educador, da outra pessoa que limpa a escola, da pessoa que serve merenda, do (inaudível) pra todos nós. Então é em todos nós que temos que mexer, não dá pra só mexer no aluno, no estudante, porque se a gente mexe só no estudante você não muda. O educador pode falar blá, blá, blá, blá de Educação Ambiental e (inaudível) mais isso. Porque (inaudível) o cara de fato fala blá, blá, blá ou de fato a pessoa sente e acredita e busca por determinadas coisas. Isso a gente (inaudível) ah porque as crianças têm que ler, os professores falam que todas as crianças têm que ler, as pessoas falam, que tem que ler, tem que ler, tem que ler; o problema que é um dos motivos, porque que a gente, lógico não é o único, mas um dos motivos que a gente não consegue fazer

a criança ler e que a gente não lê. Não é à toa! Tem uma mensagem que ela é (inaudível) que a gente faz e é como se a gente não fizesse. Tem um discurso que ele tá escondido e as crianças que são muito mais sensíveis elas conseguem detectar isso muito mais fácil que a gente. Então eu penso que o trabalho aqui na escola de Educação Ambiental foi um trabalho pautado em cuidar da escola, cuidar das pessoas, com coisas muito simples, mas a gente viveu numa época que a gente viveu uma reforma grande aqui na escola e assim era tudo caótico, era uma sujeirada, era sala reformando e a gente (inaudível) que a gente ia plantar algumas árvores. Quando a gente começou este exercício de plantar estava tudo aquele barulhão, aquela loucura na escola. Aquela loucura toda e a gente tinha que plantar, daí a Profa. coordenadora das atividades de EA na hora de plantar, sozinha, sozinha não, tinham milhares de pessoas em cima dela, mas ela tinha que plantar a árvore, ela resolveu e ela já tinha ensaiado todo o repertório que ela ia fazer, aí na confusão toda, mesmo assim, ela cantou a musiquinha com as crianças que ela tinha ensaiado. Isso tem um valor, lá pras crianças que participam que a gente pensa que não é nada, mas que isso vai dando uma outra perspectiva pras crianças. Lógico que passou por uma experiência assim, tudo muda, a gente tem que entender que muda, mas é muito a longo prazo. A educação quer resultado, o resultado é amanhã. Educação não é assim! Pode ser que essa educação aqui vá fazer uma diferença daqui a dez anos (inaudível) Quando elas tiverem que assumir uma família ou assumir outra posição na vida, quando eles forem adultos.

E: Mas nestes dez anos já foram conquistadas bastantes coisas?

Diretora UE-M São Paulo: Sim, houve absoluta mudança, por exemplo, se você antes arrumava uma coisa eles destruíam; hoje eles destroem, mas não é com a intensidade que se tinha. Hoje já tem uma cultura de cuidado que eu acho importante. Mesmo que ele destrua, ele sabe que está fazendo errado.

E: É isso é verdade, eu já percebi até com os ventiladores. Eu estava explicando que se colocar o botão para um lado o ventilador gira para um lado, então não gostou, pára, coloca o botão no meio, espera o ventilador parar, daí muda pro outro lado. Porque se mudar o botão enquanto o ventilador estiver girando, pode queimar e vai todo mundo passar calor...

Diretora UE-M São Paulo: Pois é, antigamente a primeira vez que a gente pôs ventiladores, eles quebraram num minuto os ventiladores. Lógico, pode acontecer de quebrar um ou outro, mas eles já têm uma coisa de mais cuidado. Eles já se sentem mais donos da escola, que eles têm orgulho da escola. Talvez eles até tenham, mas (inaudível) eles já têm, por exemplo, eles conseguem hoje dizer o que é bom e o que é ruim, como uma perspectiva do ambiente. Então isso vai fazer uma diferença absoluta, óbvio que a gente quer muito mais, mas a gente já fez o ponto de água lá fora porque é fundamental, a gente quer poder cuidar muito mais do (inaudível.) da escola, porque, eu quero muito menos cimento lá fora, queria muito mais terra. Eu não queria ter tanto corredor na escola como eu tenho, a idéia de corredor é ruim, ele até provoca esta corrida nas crianças, desenfreada, porque o espaço, ele estimula a correr. Se você vê um negócio bem comprido você fica totalmente estimulado a correr, não é? Até a gente, não dá vontade de sair correndo pelos corredores?

E: E a idéia de criar o grupo dos Vigilantes? Surgiu da Profa. coordenadora das atividades de EA?

Diretora UE-M São Paulo: Surgiu totalmente da Profa. coordenadora das atividades de EA. A Profa. coordenadora das atividades de EA é muito interessante porque ela vai fazendo empreitadas muito legais e ela vai dando corpo pra escola, as crianças, elas sabem quem é a Profa. coordenadora das atividades de EA, elas sabem quem é que cuida. Elas têm ela como referência.

E: E o fato de ser fora do horário de aula, não assustou no início?

Diretora UE-M São Paulo: É, eu acredito que sim, mas eu acho que é também bom porque são crianças que vêm porque querem. (inaudível) A escola tem que fazer um pouco este movimento, daqueles que querem e aqueles que vem por obrigação. Então eu acho legal daquelas que querem poderem ter mais. Porque aquelas que querem têm oportunidade de aprender mais, têm oportunidade de cuidar mais da horta, enfim ter mais oportunidade é muito importante pra escola, é uma opção de vida, é uma opção crítica. Como é que você vai ser enquanto cidadão. Aquele que participa que se lança nessa perspectiva, do cuidado do bem comum ou você vai ser aquele que cidadão que faz a tua parte. Eu acho que na escola tem que caber tudo isso. Isso é diferente, tem diferença que está posto na sociedade. Outro dia estava lendo um trabalho que é de um grupo que estuda democracia no mundo, que é uma rede que tem na UNICAMP, tem em vários lugares e aí num desses textos que eu li, dizia que no mundo inteiro a porcentagem de pessoas que trabalham, que participam, que querem mudanças, que querem diferença é de 5%. Então quem faz a diferença, é pouca a diferença. Quem faz a diferença na sociedade é de 5% e tem alguma coisa que, que, que... faz com que elas se lancem nesta perspectiva do bem comum, de participação. Então você pode ver, você pega um dos meninos dos Vigilantes da Natureza, este menino está empenhado em um monte de coisas na escola, não só nos vigilantes. Então isso vai mostrando pra gente como que estas crianças são, o que é que elas querem e a escola vai podendo trabalhar isso. Então você vai com a Profa. coordenadora das atividades de EA nos Vigilantes e o projeto dela é muito variado, o que eu acho muito legal, por exemplo, a idéia é fazer uma horta num determinado momento, é preparar alguma comida com o que foi colhido nesta horta, as crianças apresentam o que prepararam, o que colheram, o que plantaram. É catar lixo um dia com o saco, sair por aí catando lixo, é molhar as plantas da escola, é cuidar do jardim, é fazer uma, um calendário do advento. Tem uma coisa conectada com o tempo que é muito bacana, é... fazer um... jacarezinho de miçanga, que é uma coisa de artesanato mas que está ligado com a questão do meio ambiente, né?! Com os bichos, enfim. Então as crianças vão tendo uma amplitude de pensamento de Educação Ambiental que é muito legal. Porque tem gente que acha que Educação Ambiental é só uma coisinha e Educação Ambiental é tudo. Então lembra ano passado, ano passado não, dois anos atrás, não mais, quatro, logo que a Marina Silva assumiu a secretaria do meio ambiente, o ministério, ela organizou um material maravilhoso pra ser discutido nas escolas, é lindo o material. Então ela mostrava, o material inteiro é sobre tudo o que tem na escola. Tudo! Por exemplo, todas as questões da escola são questões relacionadas com o meio ambiente e isso veio pra escola. O problema é porque veio como pacote de obrigação pras escolas. E não se pode começar, mesmo que caiba ao ministério, pensar em ações. Mas, se a escola não se apropria disso, vira uma coisa burocrática. Então Educação Ambiental não dá pra ser uma coisa burocrática. Por isso que eu penso que a Profa. coordenadora das atividades de EA é uma pessoa fantástica e ela não é nem um pouco burocrática. Mas as vezes a gente pode perguntar, mas porque que ela está fazendo isso né? Mas tem um motivo, tem uma razão na perspectiva do pensamento dela da Educação Ambiental e uma coisa do meu ponto de vista é que ela faz com muito amor. Então assim, acho que a Educação Ambiental nesta questão do amor parece bobeira, a gente não pode falar disso, ainda mais numa escola pública principalmente. Mas eu acho que o amor é um ingrediente fundamental nas relações com a escola, com as coisas que a gente faz. Porque se você tem amor, as coisas, podem até ser ruins, mas você releva, você dá um desconto, você acha que tudo bem, olha, não é como eu queria, viu como não é, tenho certeza que envolvendo a Profa. coordenadora das atividades de EA, ela entra em piripaque, mas como ela ama tanto esta perspectiva de essa uma, uma cidadania mais completa, ela releva e aí ela continua fazendo. Porque muitas vezes ela ficou muito brava, muitas vezes a gente arrumou

muitas coisas aqui na escola e eles quebraram, roubaram, enfim. Então como tudo isso aconteceu neste percurso? Mas a gente consegue relevar, a gente consegue entender o que é que está neste jogo. Porque se é boa, porque o amor é diferente de você é... ter uma relação... é... Eu sou tão boa! Eu me preocupo tanto com esses comentários que eu vou ensinar estas pessoas que não sabem nada. Então você fica achando que você, você é tão boa e a pessoa tão ruim, então você vai dar tudo a ela e ela vai achar que aquilo é a comida que ela queria comer. E não é assim! Então eu acho que tem que ter essa troca e quando você ama, você leva, você consegue entender o que é que está acontecendo, você consegue trabalhar de um lado e do outro lado está caótico e você consegue agüentar e você espera. Né?! Você espera, tem paciência. Então eu sempre, desde que a gente veio pra cá, eu sempre me preocupei pra não colocar isso como uma disciplina, como uma, vamos dizer assim como uma coisa que tem que acontecer na sala de aula. Porque se acontecer na sala de aula, não acontece na vida. Né? Escola tem muito isso. A escola transforma a vida em um conteúdo muito fechado e como a gente faz pra não fazer isso? Eu acho que a Educação Ambiental daqui da escola, ela conseguiu fazer isso, ela consegue ser arejada.

E: E essa oficina no fundamental, no 1ºano?

Diretora UE-M São Paulo: Então, mas no 1ºano tem uma perspectiva que é muito mais, porque as crianças do primeiro ano tem uma coisa que, o amor pela escola, pelo lugar, ela são justas, elas querem discutir justiça e eu acho que é interessante porque daí você vai mudar, vai mexer num pontinho delas que é muito palpável, vamos dizer assim. Muito legal você dar um material para elas pensarem de o que é justo e o que é injusto no meio ambiente, na nossa sociedade. E nesse momento eu acho legal pra elas, elas podem, elas estão entrando na escola, elas estão aprendendo a cuidar, elas vão podendo fazer uma passagem da casa delas para a escola muito..., vamos dizer assim, ela vai aprender a gostar da escola de outro jeito. Até porque vocês fazem as brincadeiras que vocês inventam e tal, elas ficam encantadas. As crianças que participam, mesmo as que não são da mesma turma, elas vão se enturmando. Por exemplo, hoje chegou uma menina do segundo ano e outra do primeiro, daí elas se abraçaram e se beijaram. Uma da manhã e outra a tarde e isso porque, por causa da semana passada que elas já tiveram aula e que teve a história da apresentação dentro da bexiga. Então eu penso que isso dentro do primeiro ano é fundamental, porque daí elas estão entrando na escola. Até porque elas tem um monte de coisas, elas começam a se apropriar destas coisas, elas preferem dar atenção a terra, daí começam a mexer na terra, elas podem ficar descalças, elas fazem trabalhos manuais que tem cuidado, elas podem discutir sobre os bichos, que é o encantamento delas que pode vir a tona. Elas podem falar das coisas da casa delas de uma maneira ou forma muito mais tranqüila. Elas não... não... se escondem, né? Elas falam a verdade. Então se a mãe não cuida, elas contam, elas contam como é o hábito delas, então elas podem de certa forma entrar muito mais em confronto com a realidade delas, com uma realidade possível de ambiente muito mais fácil que um adolescente que fica se escondendo aqui, se escondendo ali. Não se abrem mais. Ahhh... as vezes tem as mais diferentes questões, mas as crianças não, elas são muito mais abertas. Hoje por exemplo teve uma coisa com um menino que trazia todos os dias uma moedinha pra escola, no primeiro ano. E com essa moedinha de dez centavos dava uma confusão total porque era a avó que dava pra ele e ele ficava alucinado porque se ele perdesse essa moedinha ele não fazia nada. As crianças trazem a família dela pra dentro da escola porque “não é a moedinha, é a minha avó!”

Problemas técnicos provocaram uma breve interrupção na entrevista.

E: Mas já teve alguma avaliação formal, não?

Diretora UE-M São Paulo: Nunca!

(pausa)

E: Foi só acompanhando o trabalho e vendo a evolução na escola?

Diretora UE-M São Paulo: Vendo a evolução na escola, por exemplo, hoje a escola está muito diferente, está muito diferente. Cada ano que passa, eu penso que a gente muda muito e a escola muda muito, a gente se apropria mais. E também sabe Elen, aqui tem uma coisa de se apropriar do espaço público que não é fácil na nossa sociedade, porque tem muitos espaços privados. Agora a gente entender que o espaço público também é nosso, esse é um caminho muito grande pra gente trilhar, aliás ele é o mais nosso possível. Né? Porque o privado...é... ele é... um mundo restrito. Agora esse espaço público, ele é o mais nosso. Então assim, as pessoas entenderem que cuidar desse espaço público é cuidar de si, é cuidar do que é verdadeiramente seu, é muito difícil. Você tira algo desta escola, porque a escola é minha, os professores não tem filhos aqui, ninguém tem filho aqui. Por que é que eu vou ter que cuidar?

E: E existe alguma expectativa desse projeto para os próximos anos?

Diretora UE-M São Paulo: Olha! Eu acho que a gente tem que sempre pensar que a gente tem que melhorar. A gente sempre precisa melhorar na medida em que a gente precisa ter mais coisas, mais coisas no sentido de mais cuidados, por exemplo, a horta pode ser maior, por exemplo, essa coisa de tirar um pouco esse cimento da escola, eu acho super importante, melhorar o espaço que a gente tem, como é que a gente organiza este espaço. Organizar mais árvores, estudar mais estas árvores porque, por exemplo, a gente tem... Mais de 30 tipos de árvores aqui dentro, frutíferas e podia fazer muito mais parte da vida das crianças. A gente podia viver um pouco mais essa coisa que a gente tem aqui dentro, por exemplo, o pé de mamão está cheio de mamão. A gente devia poder fazer um ritual com estes mamões, sabe? A gente tem que incorporar mais isso numa prática pedagógica. Né? Sem descuidar pra virar algo pedagogizado, mas daí as coisas iriam fazer mais parte, por exemplo, a criança de rua conseguir olhar mais para a natureza, uma coisa que saiu do currículo da escola, a gente aprende, por exemplo, tem uma diferença muito grande agora que é a questão das estações do ano. As crianças aprendem as estações do ano de uma forma muito burocrática. A gente não aprendia assim. De fato, hoje o tempo está mais bagunçado, mas tudo bagunçou um pouco, então a gente não consegue fazer uma marcação tão forte como era um tempo atrás, mas você ter um lugar pra reparar que ao longo do ano as coisas mudam e todos os anos. Isso também faz sentido em você? Você faz parte dessa mudança? No verão você fica de um jeito, no inverno você fica de outro, no outono de outro e na primavera você fica de outro, isso tem haver com a tua vida, com o teu físico. É maravilhoso! Eu bato nestas questões, eu penso que isso deveria ser mais trabalhado. Como que isso deveria ser?

E: Uma outra questão, ninguém quer que isso aconteça, mas se a Profa. coordenadora das atividades de EA sair aqui da escola?

Diretora UE-M São Paulo: Pois é! Essa é que é a questão. A gente aqui na escola precisa ter, em primeiro lugar a gente precisa ter pessoas empenhadas em pensar isso junto com ela. Se ela sair da escola, a gente vai ter... Isso não pode acabar, né... Assim a gente não está pensando em sucessor, mas eu penso que a gente tem essa linha mestra aqui dentro que isso não vai poder acabar. O que eu acho que a gente tem que começar a pensar a partir de agora como é que a gente tem outras pessoas para fazer isso. Lógico que vai haver uma quebra. Vai haver uma dificuldade, mas eu acho que a Profa. coordenadora das atividades de EA já conseguiu uma coisa aqui na escola que é uma necessidade em todos nós. Ela criou essa necessidade em toda escola, então isso eu acho bacana. Óbvio que nem tudo, mas as coisas só continuam se a gente quiser, se as pessoas que ficarem quiserem. Por mais que a gente queira, têm aqueles que dizem, eu vou ensinar esse, daí o cara vai embora e o sucessor pode “dar na

louca” e pode fazer completamente diferente. Então isso é a vida! Mas eu penso que a gente tem que ir pensando e ir construindo isso, por exemplo, a medida que a gente tem pais que participam, acho que isso é importante. Você vai tendo que lugares de participação da comunidade e dos educadores.

Entrevista com a diretora da Unidade Escolar Estadual de Taboão da Serra/SP, que será identificada como **Diretora da UE-E Taboão da Serra**, e a entrevistadora será identificada por **E**.

E: Eu queria saber um pouco de como foi a idéia de recuperar e fazer este parque neste terreno da escola que soube que estava abandonado e tinha lixo:

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Então, na verdade eu estava até procurando as fotos de quando ele não existia. Como o terreno estava todo troncado, eu não consegui recuperar todo não, tá? Quando eu cheguei o terreno era todo mato, então eu consegui desmatar um pouco que é a biblioteca da escola, neste cantinho aqui (mostrando com o dedo em uma foto). E aqui é o que a gente tinha e aqui o que a gente tem, só que hoje a gente já conseguiu plantar mais algumas, como se chama aquela, como é o nome daquela plantinha? Uhhh... [tentando lembrar] Então a gente fez um trabalho quando a gente começou a preparar a terra, a horta aí, que você conseguiu ver, a horta da escola.

E: A Profa. Coordenadora das atividades de EA me levou pra ver de perto as composteiras. [confirmei a informação]

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Exato. Aqui era o trabalho que eu estava explicando para os alunos como a gente ia fazer pra plantar as mudinhas de flores. Eu tinha umas fotos de quando a gente estava distribuindo as mudinhas para os alunos, mas eu não sei onde eu guardei. Na verdade, o que acontece: eu venho de uma outra escola do Embu [município próximo de Taboão da Serra], era uma escola que ficava numa região rural, praticamente rural. Apesar de ser 6km do centro de Embu, era um bairro ali totalmente esquecido pelo próprio município, a própria comunidade não utilizava o Embu pra nada, porque só tinha um ônibus de manhã, um início da tarde e um as 18h. Então o acesso era muito difícil, então todo mundo ia para Cotia que era um pouco mais distante, mas tinha uma condução pra lá. Pois tinha uma condução de meia em meia hora. Todo o acesso da comunidade era pra lá. Então a gente começou a fazer um trabalho porque eles não tinham nenhuma perspectiva. Eles terminavam a oitava série e por lá eles ficavam, porque os pais trabalhavam na agricultura ou então tomavam conta de chácaras, ou iam ser caseiros, enfim eles não tinham perspectivas, eles terminavam a oitava série e lá eles ficavam, porque os pais trabalhavam na agricultura ou então tomavam conta de chácaras ou iam ser caseiros. Então pra eles não tinha nenhum interesse em estudar. Então a gente começou lá um trabalho de preservação do meio ambiente, cuidado, respeito, trabalhar um pouco a ética, cidadania, e aí fazer com que eles tivessem outras ambições, e mostrar pra eles que eles tinham outras possibilidades, que precisavam se reunir pra poder conseguir alguma coisa melhor. Foi buscando isso, tentando melhorar a auto-estima deles, e de mostrar para esses meninos, de ter acesso a posto de saúde, que era num bairro do município de Embu, e aí a gente começou junto com a comunidade, mostrando a eles como é que a gente faria, a gente foi a Prefeitura, a gente conseguiu ter acesso ao Posto de Saúde, a Escola passou a ser um ponto de contato com os postos de saúde. A gente conseguiu que eles fossem fazer as atividades na escola. Mais pra frente a gente conseguiu, junto a prefeitura, porque as crianças chegavam na escola, sem nenhum conhecimento, então a gente começou a fazer esse trabalho, e aí a maneira como gente conseguiu, não adianta só a gente trabalhar com os alunos, a gente tinha que trabalhar com a

família, daí a gente começou a trazer a família pra dentro da escola, mostrar pra família toda, que os pais precisavam se entrosar com a escola, e a gente foi trabalhando de uma forma que pudesse conscientizar as crianças com a família, ter como desenvolver um ambiente sustentável ali. E aí a gente começou a buscar parcerias, com as parcerias a gente foi procurar primeiro as voluntárias que pudessem ensinar, que ali perto tem vários condomínios de alto padrão, as pessoas ali não tinham uma profissionalização então, eles não tinham uma mão de obra qualificada, então o que acontece, tinha um monte de gente que tomava conta de chácara, essas coisas, não tinha mais nada, então, por exemplo, muitas mães passavam algumas necessidades mas não tinha como ir buscar, no trabalho porque não tinha noção de higiene, então a gente começou a trazer voluntários, para que pudessem ensinar as pessoas a fazer a comida com um pouco de higiene, as noções básicas mesmo. E a gente conseguiu alguns voluntários que foram bastante importantes pra vida da gente, dali a gente conseguiu.

E: E lá a senhora era diretora?

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Sim, fiquei quatro anos na escola, e aí a gente começou a fazer um trabalho, esse daqui a gente montou a agenda 21 da escola, primeiro a gente começou a trabalhar noções de sustentabilidade, e aí a gente viu que havia possibilidade de montagem da Agenda 21, aí a gente começou lá na escola, depois a gente montou a agenda 21 do município de Embu, depois quando a gente fez esse trabalho da agenda 21 do município de Embu, nós conseguimos essa voluntária, conseguimos um patrocínio, que permitiu que fossem feitas em 10 escola, mais de 5 estaduais que nós fizemos a agenda 21 da escola, aí cada um da escola contou montou sua própria agenda 21, então vim de lá, na hora que a gente conseguiu terminar a agenda 21 da escola e vim pra cá, e vim com essa intenção de montar essa agenda 21 aqui na escola, mas eu estou um tanto quanto frustrada, porque eu trabalhei aqui dois anos e meio sabe, vejo aqui muito pouca a evolução, estou muito triste, porque acho que eu não consegui envolver os professores da maneira que eu gostaria, tentei fazer no começo do ano passado a implantação da reciclagem aqui, a gente arrumou os tambores, esse trabalho da compostagem, mas aqui eu não vejo nenhum professor que esteja envolvido com esse trabalho e aqui direção fica muito difícil esse contato, porque o objetivo maior é fazer com que os alunos trabalhem, e que os professores trabalhem com os alunos e desenvolvam, então eu sinto dificuldades. Aí a gente foi buscar parcerias com a prefeitura pra melhoras desse ambiente.

E: Mas isso já foi uma evolução, porque eu não imaginava, eu não tinha visto nenhuma foto como essa aqui, apenas por descrição, que tinha buraco até no muro, que até acabava favorecendo a marginalização, que tinha pessoas que acabavam colocando lixo, vinham catar o que interessava e já uma evolução...

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Agora eu sinto assim, mesmo que aquele espaço fosse utilizado pelos alunos sabe que os alunos pudessem pelo menos caminhar por ali, que a gente pudesse ter essa sociabilização entre os alunos, mas eu vejo também que é muito difícil. Agora também nesse começo de ano a gente recebeu uma carta da secretaria da educação, com essa proposta curricular, que os professores aqui já tinham essa idéia sabe, de que precisa dar conteúdo em todas as séries, eu sempre digo assim pra eles: trabalho interdisciplinar ou transdisciplinar não é que não tenha que dar o conteúdo, o conteúdo vem a partir das necessidades da nossa comunidade, eles não conseguem enxergar muito, não conseguem ter essa visão. A gente teve primeiro que trabalhar a autoestima e tratar do relacionamento com cada um, nós crescemos muito, nós aprendemos com os alunos, eles tem muito a nos ensinar. Lá na escola onde eu trabalhava, quando a gente foi fazer aquele trabalho de campo, a gente aprendeu muito com as crianças, o quanto as crianças conhecem muito dos pássaros que tem lá, qual é a rotina de muito desses animais, então a gente viu as crianças aprendendo a

preservar, a gente via a cada dia que as crianças estavam lá aprendendo, e elas não precisavam muito, então foi uma troca muito gostosa, foram 3 anos e meio que eu trabalhei lá, então eu acho que a gente deve trabalhar não mais que 4 anos numa unidade escolar, acho que a gente entra na rotina e perde sentido do trabalho, eu tinha intenção de ficar quatro anos mas eu acho que só vou ficar três.

E: Eu conheci duas professoras daqui e elas já criticaram bastante essa visão da proposta de ter todas as aulas programadas, de não ter essa abertura de elas se organizarem com os alunos...

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Mas eu acho que a gente tem sim, essa proposta veio pra quem não tinha uma proposta, a gente já tinha uma proposta de trabalho, então a gente tinha mais é que batalhar em cima daquilo que a gente acredita e desenvolver. Quanto ao conteúdo, é uma consequência sabe, não adianta você dar um conteúdo pros alunos da maneira como veio, se tu não despertar nos alunos aquele desejo de buscar, a gente tinha que fazer um trabalho primeiro de aproximação com os alunos.

E: E mesmo agora que a área já está bem organizada, as outras vezes que eu vim o tempo estava melhor, com mais sol, eu sempre via aluno ali, até com algum professor, e mesmo agora com a área já está bem organizada, os professores não estão acreditando mais, se envolvendo mais de uma maneira geral?

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Olha, são poucos os professores que se envolvem, é muito triste até pra gente, e não é por falta da gente estar comentando com eles, pedindo, e se eu dissesse pra você que a gente está fazendo um trabalho de preservação ambiental, eu acho muito pouco o avanço que a gente conseguiu, a gente conseguiu com certeza, mas eu acho que muito pouco, pelo número de professores que a gente tem, eu acho que a gente podia ter produzido muito mais. Uma comunidade, digamos, a gente tem uma comunidade 70% dos nossos alunos são do município de SP, portanto são alunos, são pessoas, de uma classe bem baixa e os problemas mesmos, sociais, a gente sente isso, mas a gente tem aí quase 30% do pessoal que tem condições financeiras, que se você for trabalhar com esses alunos do período da manhã, todos eles vêm com mp3, celular, tudo isso, então é um pessoal que tem um poder aquisitivo, daria pra gente trabalhar, eu sinto assim, eu não consigo trabalhar a reciclagem do lixo até hoje, é uma coisa, básica, não consigo ver esse resultado, é uma coisa inacreditável.

E: E quando a senhora veio, que viu a área, começou a organizar ela?

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Aí eu falei, vamos começar a buscar parcerias e vamos limpar isso, vamos fazer desse espaço alguma coisa, algo útil, que a gente possa usufruir não deixar que o mato tomasse conta, era mato por todos os lados.

E: E aí a dificuldade de conseguir mover os professores e os alunos, a senhora lembra-se de alguma dificuldade maior?

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Olha; a comunidade também não participa, nós temos aqui mil e poucos alunos, se a gente conseguir reunir 15 pais pra uma reunião, é uma reunião bem complicada, outro dia eles fizeram uma reunião, pra tratar de notas, eles vem, mas é só pra isso, mas se você for aprofundar pra outra coisa eles já estão querendo ir embora, porque ai, eu to com pressa, eu tenho um problema lá pra resolver sabe, são pessoas não se envolvem com o que ela pode fazer.

E: E agora que já está bem mais organizado, a senhora tem a perspectiva de fazer mais alguma coisa?

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Mais alguma coisa? Na verdade o que eu queria fazer lá era abrir pra comunidade, que a intenção era que a comunidade pudesse se aproximar um pouco mais da escola, que a gente pudesse agir e fazer uma pracinha ali mesmo, que as pessoas pudessem caminhar tranquilamente, porque as pessoas que caminham por aqui são assaltadas com muita frequência, então a gente tem visto aí muitos assaltos, então a gente queria fazer isso, que a comunidade viesse aqui trazer os filhos que pudessem caminhar, que a gente pudesse ensinar alguma, fazer essa troca de experiências mesmo, trabalhar com lixo, o ano passado a gente ainda conseguiu recolher óleo, óleo usado pra fazer sabão, dá pra fazer essa troca, de vir aqui pra escola e fazer esse trabalho. Então a gente pediu até, pra abrir a escola da família, que a gente tinha até o ano retrasado. Você conhece a escola da família? O governo do estado de SP tinha um projeto chamado Escola da Família, que a escola abria aos sábados e domingos e eles tinham uma parceria que agora eu não me lembro, com uma ONG que ajudava a dar bolsa de estudos para os estudantes universitários, então eles estavam no final de semana e trabalhavam na escola, 8 horas no sábado e 8 horas no domingo, e fazia mais 4 horas durante a semana, faziam relatório, enfim, ganhava essa bolsa, a faculdade dava a metade e a Secretaria do Estado com essa ONG, que agora eu não lembro, sei que era uma entidade muito forte, então a gente tinha isso, então quando mudou o governo, passou o Serra, daí ele cortou, estavam poucas escolas com esse projeto. Então era um projeto que gostaria de implantar na escola, pra gente trazer a comunidade pra escola, pra eles perceberem que o espaço da escola é também deles, pra que a gente possa fazer o trabalho e melhorar a escola, a comunidade, o entorno, melhorar o município e aí a gente ter alguma coisa melhor. Aqui em baixo, conhece o bairro das Hortênsias?

E: [Sinalizei que não com a cabeça.]

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Aproveita a hora que você tiver uma oportunidade vai conhecer o Parque das Hortênsias tem uma fonte de água, é uma fonte de uma água limpíssima sabe e a gente tem aqui, nós fizemos um passeio aqui na região, pra conhecer o local quando eu vim pra cá, a gente foi conhecer e observou que tem várias fontes, tem uns olhos d'água aqui na região, então é coisa que a gente deveria estar ajudando a limpar, a preservar pra gente manter essas bicas que eles chamam, no entanto a gente vê assim um monte de entulho, um monte de lixo, eu gostaria assim que a Prefeitura fizesse alguma coisa, agora de tanto a gente insistir com a Prefeitura e tudo, parece-me que agora eles vão fazer um projeto de reciclagem. Porque até na época, um ano e meio atrás, estive lá na prefeitura, até pra oferecer esse espaço, que a gente pudesse usar esse espaço, pra gente fazer uma coleta seletiva aqui, um ponto de coleta seletiva, foi daí que surgiu essa parceria de montar, de fazer a pracinha, o espaço.

E: É, vice-diretora, com quem conversei um pouco outro dia comentou da dificuldade que se tem aqui na escola, ainda não se tem quem vem pegar, é bem complicado, por que junta muito.

Diretora da UE-E Taboão da Serra: É e começam a ter ratos, e agora parece-me que a Prefeitura está começando a pensar nessa reciclagem, montar uma usina aqui.

E: E além desse projeto, além dos registros com foto a senhora tem alguma coisa relatada por escrito?

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Não tem. Pois é, eu ia te mostrar [abrindo no computador um material sobre a escola anterior que estava trabalhando e desenvolveu um artigo sobre o desenvolvimento da Agenda 21 na escola], mas eu não tenho aqui impresso, porque na outra escola, até parece que eu sou saudosista, mas a gente tinha um grupo todo motivado sabe.

E: Mas a senhora escutando com os alunos – “olha que legal, a gente tem uma praça”...

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Não, olha, porque você não tem idéia, eu estava me sentindo muito só, tentando fazer alguma coisa e só sabe ouvindo assim, tipo piadinha mesmo de alguns professores, intitulavam “o projeto da diretora” sabe esse tipo de coisa. E aí um dia eu falei – eu não quero mais saber de vocês - Aí eu falei – Eu vou catar as minhas coisa e vou-me embora. Isso deve fazer o que, uns 40 dias mais ou menos.

E: Então a senhora já ganhou a sua remoção.

Diretora da UE-E Taboão da Serra: É, acho que até o final do ano eu vou-me embora. Olha, é que essa semana eu levei ele, acho que semana passada, porque na verdade eu to assim, de mudança já, porque eu vou fazer uma cirurgia, olha, é uma parte do trabalho que eu fiz lá, é da outra escola. Olha lá a gente conseguiu fazer está vendo, todo um processo, a gente tinha um mato também, reunimos a comunidade aqui, os alunos os pais, então lá nós plantamos flores, cada aluno plantou a sua plantinha, aí depois nesse terreno nós fizemos uma horta comunitária, uma horta hidropônica e a gente conseguiu implantar na escola uma horta irrigada.

E: E qual a formação da senhora?

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Sou professora de matemática, fiz pedagogia, trabalhei no IPAN por 20 anos, trabalhei numa escola em Embu durante 20 anos, depois em 1994 eu tive câncer, aí a gente muda um pouco, os valores, aí eu falei bom, vou trabalhar na escola pública, vou tentar fazer alguma coisa. Então eu tento desenvolver um projeto social.

E: E como é que a senhora entrou nesse meio da Educação Ambiental?

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Na verdade eu trabalhei numa escola, eu nasci numa área rural, estudei numa escola pequena, aquilo que gostaria de ter aprendido eu tento passar para os alunos e mostrar que a gente tem que ter perspectiva, que a gente precisa enxergar um pouco mais longe, fazer alguma coisa. Então eu fiz esse trabalho, e é por isso que eu to tentando me remover pra uma escola não na mesma, mas próxima da minha casa, que tenha assim, uma clientela extremamente pobre, onde a gente possa fazer alguma coisa, melhorar o ambiente.

E: Para senhora o que é meio ambiente?

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Pra mim é o espaço onde a gente vive, de uma maneira agradável que a gente possa ter qualidade de vida.

E: E natureza?

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Natureza é tudo o que tem vida.

E: E qual a idéia que a senhora tem de Educação Ambiental?

Diretora da UE-E Taboão da Serra: Eu acho que basicamente pra mim é encontrar o equilíbrio, ter um benefício da beleza, que a gente possa voltar as origens e não ter aquelas coisas, tem ênfase, uma qualidade boa de água, que a gente possa usar com racionalidade, que a gente não polua, que a gente possa manter esse equilíbrio. Usar o ambiente em benefício, para melhoria da qualidade de vida.

Entrevista com o diretor da Unidade Escolar Estadual 2 de Blumenau/SC, que será identificado como **Diretor UE2-E Blumenau**, e a entrevistadora será identificada por **E**.

E: Qual a formação do senhor?

Diretor UE2-E Blumenau: Educação Física

E: O senhor então tem faculdade de Educação Física?

Diretor UE2-E Blumenau: [Fez sinal com a cabeça de afirmativo]

E: Tem alguma especialização ou algum outro curso na área de gestão?

Diretor UE2-E Blumenau: Na realidade eu comecei, mas não terminei, por isso não tenho não, só a faculdade mesmo.

E: E o curso é licenciatura então?

Diretor UE2-E Blumenau: [Novamente fez sinal positivo com a cabeça]

E: Eu queria saber como surgiu a idéia do projeto da horta e da coleta do material reciclável?

Diretor UE2-E Blumenau: Olha, da horta já vinha acontecendo quando eu retornei pra cá, em 2006 já vinham fazendo. A gente só deu uma continuidade da horta, tanto da horta quanto do lixo reciclável. Esses já eram projetos que existiam dentro da escola que a gente está dando continuidade.

E: Ah ta! Quanto ao reciclável, já existia a casinha de armazenamento do material?

Diretor UE2-E Blumenau: Não, daí a gente fez lá o depósito, pra não deixar jogado. Porque reciclável é assim, uma vez por mês as crianças tem que trazer o lixo reciclável, com uma data marcada e tudo mais, daí não tinha onde deixar. Daí deixavam na sala, mas o problema era que lixo reciclável a gente sabe que tem que ter cuidado, senão dá barata, rato, dá mau cheiro; por isso resolvemos (inaudível) fazer perto da horta já, pra poder ter um espaço mais adequado pro lixo reciclável pra não ter problema, né! Daí poderia dar o problema de os bichinhos começarem a invadir a escola, daí era pior, né!?

E: É. Se torna daí um problema de saúde pública!

Diretor UE2-E Blumenau: Exatamente! A gente quer ajudar daí começa a criar outros problemas. Então deixa lá.

E: Quais foram as maiores dificuldades até agora?

Diretor UE2-E Blumenau: Assim, eu acho... a pouca participação, o pouco interesse dos alunos, dos pais dos alunos. Parece que eles não entenderam qual é a finalidade do lixo reciclável. Na realidade (inaudível) em casa já não fazem a separação, também por causa do meio ambiente pra ajudar e na realidade assim, traz uma série de benefícios pra escola, como de participação, pras crianças saberem o que é reciclável e o que não é. Dentro disso os professores podem trabalhar uma infinidade de coisas, porque não é o projeto só de vamos separar o que é lixo reciclável, na verdade o projeto deve ser assim ó, de uma série, envolvendo todas as disciplinas. Querendo ou não, tu acaba pegando (inaudível) qualquer coisa na disciplina da escola. Só que eu vejo assim, pouca participação dos próprios alunos, pouco interesse dos pais. De repente a gente está vendo também uma falha da escola no sentido de que os pais venham participar de realmente participar desse projetinho do lixo reciclável.

E: E na questão da horta?

Diretor UE2-E Blumenau: Na horta vem a questão de que (inaudível) o que eu digo, todos eles já estão interligados. Que tem alguma coisa do lixo que a gente pode aproveitar na horta,

que é o lixo orgânico, que querendo ou não é produzido de montão na escola, é o resto de comida lá que sobra, que a gente pode colocar na horta. E assim, (...) na verdade é saber como plantar, né! Saber como plantar, como fazer um canteiro, como é a questão de mudas, o que é que pode ser plantado com semente, o que se planta com mudas. Então também é uma coisa que (...) e com finalidade até de dar uma melhorada na própria merenda escolar, né! Com produtos produzidos na horta. Que tem muitas escolas que tem uma grande produção desses produtos. Então seria..., é uma questão... Eu vejo assim, tem o espaço tem, tem que aproveitar o espaço, mas se fosse um espaço maior seria até melhor, (...) maior aqui dentro da escola.

E: É, eu percebo até pela questão do acesso, né?

Diretor UE2-E Blumenau: Exatamente.

E: Ali a horta é ao lado das salas de aula?

Diretor UE2-E Blumenau: Exatamente, daí tem essa questão que fica ao lado da sala de aula, atrapalha um pouco. Tem aluno que vai pra lá e faz o trabalho bonitinho, mas tem aluno que vai pra lá, e por exemplo, uma turma toda se você levar pra lá, já vai incomodar as outras lá.

E: E também quase não tem material também, né?

Diretor UE2-E Blumenau: Exatamente, (...) na verdade deveria ser num lugar mais retirado, daqui também o acesso é não que seja tão difícil, mas evitar que as crianças estivessem aí. Porque da janelinha jogam lixo, é papel, tudo isso querendo ou não atrapalha.

[Entrevista interrompida]

E: E já foi percebido algum avanço, alguma... coisa conquistada com os dois projetos?

Diretor UE2-E Blumenau: Tem algumas crianças que até participam bastante, tem pais que também. Querendo ou não, mesmo que seja pequeno, já é um ganho na situação. Ali na horta também tem uns dois ou três alunos que estão aí uma vez por semana pra dar uma limpada e ajudar na plantação com a Professora coordenadora das atividades de EA e o problema é que o tempo não tem ajudado o projeto da horta. Esse tempo de chuva, meu Deus do céu, tem 18 dias que a gente não vê o que é um sol do início até o final do dia.

E: E o senhor percebe assim, de comentários dos alunos alguma mudança, alguma relação que eles têm com a questão do lixo ou com a horta?

Diretor UE2-E Blumenau: Não. Bem pouco, falta um pouco mais de um trabalho de conscientização nessa questão do lixo reciclável. Está faltando alguma coisa neste intermeio do recebimento da conscientização dos alunos.

E: E com relação aos professores, o senhor percebe algum envolvimento diferente?

Diretor UE2-E Blumenau: Olha dois ou três professores, querendo ou não, realmente dão valor a este projeto. (inaudível) Dava pra trabalhar em todas as disciplinas, então todos os professores podiam se envolver um pouquinho, um pouco mais na conscientização pra trabalhar o lixo reciclável. Por isso que eu digo, de repente há uma falha nossa que tem que a questão de que dentro dos planejamentos da escola, dentro do PPP incluir a questão do lixo reciclável, dentro dos planos de aula de todas as disciplinas. Que todos trabalhassem com essa questão, nós temos que no início do ano dar uma retomada nessa situação.

E: E existe alguma perspectiva de nos próximos anos estar se modificando os projetos?

Diretor UE2-E Blumenau: Olha, eu espero que sim. Nós é que temos que começar conosco (inaudível) um pouquinho mais (...) ver e rever e recomeçar pra que todos participem do projeto. Não só um ou dois professores isoladamente.

E: Eu fiquei curiosa, pois a Professora coordenadora das atividades de EA disse que “Eu não sei como é que foi que começou isso!” por que eu perguntei pra ela como é que surgiu a idéia do projeto, vamos continuar, vamos construir...

Diretor UE2-E Blumenau: Eu também na realidade peguei o barco andando, né! No início já vinha, vamos continuar esse projeto e alguns professores, a vamos continuar, a ta, vamos continuar. Há uma continuidade entre os professores, que eu lembre assim, querem dar uma continuidade no projeto, mas não tem aquele engajamento de todos, os “caras” acham a coisa bonita, importante, mas está faltando mais a participação, que eu vejo. Já houve anos atrás que a horta estava maravilhosa e tudo mais e o lixo reciclável que a gente começou mais no ano passado. Antes a escola fazia um dia por ano ou dois dias por ano, só! E ficava por isso, né! Agora não, então a partir do ano passado que a gente tem feito mês a mês.

E: Eu queria saber, qual é a opinião do senhor, o que o senhor sabe a respeito de Educação Ambiental?

Diretor UE2-E Blumenau: Olha na realidade, o que eu sei é pouca coisa assim. Mais, (inaudível) Educação Ambiental na escola. É pouco trabalhado, só se comenta, não há projeto a respeito, um grande projeto que abrange e faça parte do currículo dos alunos do projeto ambiental, de conscientização e tudo mais. E assim, são projetos isolados, de grupos, de ONGs, como o Greenpeace. Mas a escola só, tem bem pouca participação nessa questão ambiental assim. E onde deveria (inaudível) ser uma inclusão bem maior. Se se trabalhasse muito mais nisso em todas as séries, né, de trabalhar um pouco mais nessa questão de meio ambiente.

E: A idéia então é de se trabalhar mais intensamente esta questão?

Diretor UE2-E Blumenau: Exatamente, (inaudível) 5ª trabalha plantas, 6ª animais, então não só na 5ª série, mas já na 1ª série trabalhar essa questão da Educação Ambiental, mas tem que ter um cunho como disciplina, né, não só como disciplina, mas dentro do currículo da 1ª série, trabalhar a questão ambiental. Tem começar desde a 1ª série, daí começa a ter consciência do que a gente está fazendo, o que a gente precisa fazer pra viver num ambiente um pouquinho melhor.

E: E pro senhor o que é Educação Ambiental?

Diretor UE2-E Blumenau: Não sei, eu acho que é a conscientização daquilo que a gente faz com a natureza, (inaudível) querendo ou não da natureza, do meio ambiente (inaudível) uma série de mudanças climáticas que é uma questão que o que não trabalhar essa questão ambiental que quase não se falava, muito pouco ou quase nada. Porque não tinha essa preocupação com o meio ambiente que queria só o crescimento, o crescimento das cidades sem se preocupar com a questão do meio ambiente, o que é que iria acontecer. De repente nós estamos pagando caro por não termos a consciência, de não termos tido a consciência de que tudo... Ah vamos derrubar esta árvore, ah esta árvore está me estorvando, está me incomodando, vamos cortar, sem se preocupar em será que vai fazer falta, será que não vai fazer falta. Hoje todas estas conseqüências foram porque não tinha essa consciência ecológica pra essa questão ambiental, a gente achava que não precisava, de que a natureza ia se renovar como era o acesso as coisas da gente, mas a (inaudível) leva muito mais tempo do que nós (inaudível) Nós pagamos as contas por incompetência anteriores.

E: E o que é que é Meio Ambiente?

Diretor UE2-E Blumenau: Meio Ambiente eu acho que é o local onde a gente vive, convive com as pessoas. É o ambiente que nos cerca, a natureza, a casa, a área urbana, a área rural. Meio ambiente é o local em que a gente vive, bem ou mal, mas é o local em que a gente vive.

E: E natureza, o que é que é?

Diretor UE2-E Blumenau: Natureza... é o paraíso pra todo mundo, né!? A questão daí (...) os rios, os animais, isso é natureza. É coisa natural ali, que cresceu ali. Na realidade, o homem também faz parte da natureza. Só que o homem pra sobreviver, ele destrói essa natureza e ele vive pra que? Pra que em nome do progresso e da tecnologia quer ampliar seus horizontes e suas metas, né!? Só que inconsequentemente ele destrói a natureza, onde ele deveria cuidar.

Entrevista com a diretora da Unidade Escolar Estadual 1 de Blumenau/SC, que será identificado como **Diretora UE1-E Blumenau**, e a entrevistadora será identificada por **E**.

E: Qual a formação da senhora? A senhora é formada em que faculdade?

Diretora UE1-E Blumenau: Faculdade de Educação Física. E também tenho formação em gestão escolar e especialização em gestão escolar, a importância da inclusão.

E: Que bacana, que tem uma especialização para a área da direção escolar?

Diretora UE1-E Blumenau: Dois anos de Gestão Escolar e a especialização daí a monografia eu fiz em cima da necessidade de inclusão.

E: Eu queria saber, a partir de quando que a senhora passou a acompanhar estes projetos e estas atividades relacionadas a meio ambiente?

Diretora UE1-E Blumenau: Desde que eu nasci, eu acho. Porque eu nasci no meio da natureza, numa rua sem saída, andava no mato o dia inteiro e na realidade enquanto pessoa mesmo eu já planto árvores em praças e já tenho uma árvore grande que já está dando sombra numa praça inteira que é aquela na frente da “Best Time”, naquela pracinha. E se tu andares em Blumenau no meio das praças, o que tem de natureza, é o palmito que é o coqueiro pra não dar sujeira. Quando alguém vai pegar uma sombra pra utilizar deste espaço de lazer só mesmo com sombra, daí eu tinha uma criança pequena e daí eu plantei uma árvore e minha criança tinha uns 5 ou 6 anos, hoje ela tem 23. Peguei uma turma toda da rua, um carrinho de mão, uma pá, com barro, com esterco, com tudo. Daí plantamos, como é que o nome daquela planta com a folha bem fininha que dá aquela flor laranja, assim.

E: Laranja ou amarela?

Diretora UE1-E Blumenau: Amarela com meio de...

E: Sibipiruna?

Diretora UE1-E Blumenau: Não. Flamboyã, que abre assim e dá uma sombra boa. Então natureza assim faz parte pra mim desde que eu me conheço por ser humano, né?

E: E de quando a senhora entrou na direção?

Diretora UE1-E Blumenau: Desde o início. Tudo o que nós fizemos foi juntos, acho que é importante, é fundamental a gente conservar, preservar e dar esta consciência as nossas crianças.

E: E como surgiu a idéia de fazer todo ano esta semana do meio ambiente?

Diretora UE1-E Blumenau: Eu acho que foi pra acordar um pouquinho mais nossas crianças, porque para muitas crianças passa despercebido. Muitas crianças que tem a consciência natural e não sente nem diferença de a gente trabalhar um pouco mais esta conscientização. As crianças acham tudo normal o que vem fazendo, mas se não tem esta consciência por natureza de orientação de casa, quando a gente faz uma semana que mobiliza todos eles em consciência, fazendo um trabalho bem de conscientização sobre a água, sobre as questões do lixo, sobre as questões da natureza em si, das árvores e enfim de tudo que diz respeito a natureza, eles entendem as vezes pouca coisa, eles vão socializando poucas coisas ao longo de sua vida que passa, mas quando a gente vai... Como um chamamento assim, chama bastante atenção sobre aquilo que a gente realmente quer que eles prestem atenção e que realmente tomem consciência. Tem que ser algo que marca mais eles desta participação deles.

E: E aí, a idéia surgiu da Professora coordenadora das atividades de EA, na verdade e aí todas as pessoas acataram...?

Diretora UE1-E Blumenau: Com certeza. Ela conseguiu sensibilizar todo mundo, mobilizar todo mundo e todo mundo se envolver e se empenhar.

E: E além desta atividade a senhora citou numa outra conversa que eu tive com a senhora, outros trabalhos que os professores fazem isoladamente na sala as vezes. Quais são estes trabalhos?

Diretora UE1-E Blumenau: Eles trabalham a importância do plantio, nós sempre focamos em qualquer projeto tanto de fora como de dentro, todo mundo abraça, todo mundo se empenha porque acha que é válido. É altamente válido, acho que nosso pulmão, nosso ar é o que depende do que a gente vai garantir do futuro.

E: E a senhora percebe alguma diferença dos alunos havendo todos esses trabalhos e principalmente a semana do meio ambiente?

Diretora UE1-E Blumenau: Nossa! Eles são altamente participativos, eles levam pra casa qualquer informação mais acentuada, mais aprofundada que eles vêm a ter, eles ficam encantados com aquilo. Os pais logo aparecem em algum momento em que são chamados, eles conhecem e valorizam a escola, parabenizam a escola também. Acham fantástica e importante que a escola está dando esta conotação a consciência do meio ambiente, garantindo o nosso futuro ambiente também para gerações futuras, né?

E: E a senhora percebe alguma atitude diferente dos alunos?

Diretora UE1-E Blumenau: Sim, eu vejo que a conscientização começa a... Acredito pelo lixo que a gente já teve uma vez uma grande mobilização na rua no bairro, com faixas, com cartazes chamando a atenção sobre os esgotos que são lançados diretamente na... É... Como é que se chama? A maioria eles jogam direto no... Na... Eles não têm fossas em casa, eles jogam direto no riacho porque já é um esgoto puro. Há muitos anos atrás quando eu comecei a dar aula aqui, a gente fazia trabalhos sobre a água aqui na escola, e as crianças traziam é vidros com peixinhos com a água aqui da natureza de dentro do ribeirão, hoje é um esgoto puro que a vizinhança reclama. Os pais dos nossos alunos quando estudavam aqui, eles tinham um riacho que traziam vidros com peixinhos dentro. Hoje eles vêm trazer os filhos e eles vêm falando que suportam de tanto mosquito que tem em volta da casa deles como também o fedor do esgoto que é provavelmente lançado diretamente neste ribeirão. Então existe já, diante disso, dessa reclamação dessa comunidade, a gente sabendo disso fez uma campanha com redes, um monte de lixo. Uma campanha que ninguém é pra jogar sujeira, garrafas e móveis e

tudo o que se via. E a gente passava pela rua e via jogando fogão, pneu e inúmeras coisas pra dentro do riacho. E a gente já fez várias caminhadas com as crianças pelo ribeirão, nós fizemos um trabalho em cima da conscientização ambiental com eles da mata ciliar, do lixo, de tudo o que é jogado ali dentro e que acaba entupindo os esgotos e acaba inundando e enfim, né? E que ele tenha um outro destino, e um destino é... Positivo, pois esse lixo quando ele é reciclado ele pode ser reaproveitado, então evitando o corte de muitas árvores e etc e outras coisas. E as crianças vão ficando mais conscientizadas e elas levam pra casa essa mensagem e cobram dos pais, daí começa essa mudança, sabe? Eles cobram dos pais, quando eles estão convencidos de que aquilo está errado e está profundamente errado, eles chegam em casa e conseguem fazer este convencimento aos pais. Ai os pais vem pra escola: “É meu filho já me chamou a atenção, já me puxou a orelha, que a mãe não pode jogar o lixo ali, tem que reciclar.” E a gente faz campanhas, daí forçam os pais a selecionar o lixo e trazer pra escola. Então os pais vêm reclamando de que os filhos estão chamando a atenção dos pais e fazendo eles a ter esta consciência: “Mãe, não pode misturar o lixo!” “Mãe tem que separar o lixo!” Mãe, hoje é dia de levar o lixo reciclável!” Então, e é por aí. Porque os pais que não tiverem esta consciência pra eles tanto faz como fez. Mas a criança quando sabe que está errado e é ensinado na escola de uma forma motivadora, eles vêm como uma coisa positiva e a gente coloca a importância deles pra ter um ar melhor, de um dia quem sabe ter o riacho cheio de peixinhos pra eles verem a natureza viva, porque hoje está morta e além do mais faz mal pra saúde, porque o cheiro é terrível.

E: E entre os colegas de trabalho, todos eles estão engajados e tem esta preocupação e como é a relação entre eles mesmos nestes projetos relacionados ao meio ambiente?

Diretora UE1-E Blumenau: Ah! Eu vejo bastante apoio, bastante consciência e bastante entusiasmo. Acho que assim, quando a pessoa tem o poder de encantar a outra. Quando você consegue apresentar o projeto, por exemplo, quando eu venho te apresentar o projeto que ele vem a te convencer e ainda mais te encantar, não tem como você não aderir. Então a gente vê assim que há o engajamento sim pelos professores e eles conseguem passar uma boa mensagem porque as crianças também vão se encantando e aí as coisas acontecem assim com toda força. Os professores de português fazem redações, fazem enfim às vezes até acrósticos, fazem poesia, enfim trabalham de todas as formas. Professores de Geografia e História também vêm relacionando ao assunto deles e apresentando alguma coisa, às vezes... Como se chama aquilo que fazem?

E: Mapas? Planta?

Diretora UE1-E Blumenau: Que fala de natureza, relevo, enfim...

E: Maquete?

Diretora UE1-E Blumenau: Maquete! Enfim, aí têm outros que vão desenvolver e se aprofundar mais na questão da água, outros de mata ciliar, outros de lixo reciclável, outros... Enfim, de tudo que... É esta diversidade de forma de pensar diferente de cada professor não em ser só na natureza, mas de pegar um assunto relacionado ao meio ambiente faz com que ele... [interrompido por uma funcionária]

E: E esses trabalhos todos, os professores mesmo é que estão fazendo um registro disso?

Diretora UE1-E Blumenau: Sim, normalmente tudo é registrado. Isso é registrado, como se fosse... Como se fosse, não! Faz parte dos conteúdos.

E: Eu já vi fotos também! Eu vi alguns CDs com fotos que a professora me emprestou e vi várias fotografias.

Diretora UE1-E Blumenau: Em casa, tem caixas e caixas de fotos. Até tem uma mulher que tirou foto de todas as passeatas que a gente fez em virtude do ribeirão Jararaca. Ela hoje trabalha na OAB, acho que é presidente da OAB, ela me promete, me diz toda vida que vai trazer. Foi tudo filmado, daqui até lá, voltando, enfim. Várias palestras que aconteceram aqui na escola. Desde há muitos anos a gente já se mobilizava e vinha fazendo plantio de árvores aqui na escola. A gente já se mobilizava, a professora trazia sementes e fazia um canteiro de sementes e plantava aqui na escola. Daí os alunos plantavam.

E: Mas é feita avaliação? Principalmente da semana do meio ambiente que é um evento anual na escola? Não é feita alguma avaliação formal?

Diretora UE1-E Blumenau: Não. Avaliação formal não. A gente às vezes pára e conversa sugestões que a gente podia estar fazendo pra melhorar pro ano que vem. Neste sentido, mas assim, se foi bom ou se foi ruim até conversa, mas não é em forma de registro. Mas assim, de a gente conversar o que foi valioso, o que foi positivo. Até pra trabalhos bem relevantes assim desenvolvidos pelos alunos, algo além da expectativa é dos próprios professores que às vezes os alunos trazem até por incentivo de casa que eles vem com a sugestão, com a idéia do que trabalhar e como trabalhar e vem com sugestões até de materiais e coisas e formas de trabalhar também né incrementadas.

E: E quais as expectativas da senhora diante destes projetos e até da semana do meio ambiente?

Diretora UE1-E Blumenau: Eu acredito que é importante que continue porque além do trabalho normal que os professores tem já inserido no programa deles, anual. Mas esta semana é uma semana de chamamento maior, assim é de uma atenção especial maior devido a necessidade porque eu acho que a medida que tantos... Já que a gente passou tantos anos fazendo tanto mal e negligenciando diante da própria natureza. Acho que está mais do que na hora, né? Vê, faz assim, os últimos seis anos que se vê muito mais pássaros, uma época até então que todo mundo matava por matar, né? Hoje em dia a gente vê que está cheio de... tratadouros, cheio de coisas, todo mundo querendo dar uma atençãozinha, vendo que a natureza faz parte de nossa vida e o quanto ela é importante. Então eu acho que essa consciência já despertou nas pessoas, na própria água, eu acho que a gente está tomando hoje. E quanto mais se fala que a gente está errada, porque a gente joga tudo no esgoto, acaba caindo lá no rio Itajaí e essa água é bombada e vai ser tratada pra gente tomar. Que situação caótica! Quanto pensando na nossa água, já faz a gente pensar que nós estamos no fim dos tempos, porque ou a gente toma um passo pra prestar atenção o que a gente está fazendo pra este meio ambiente, que a gente está se matando, né?

E: E pra senhora o que é que é Educação Ambiental?

Diretora UE1-E Blumenau: É a consciência mesmo sobre a importância do meio em que vivemos. Se nós falamos meio ambiente, é o lugar onde nós moramos, então é a nossa casa, a nossa morada. Então é o bem que nós temos que cuidar, da nossa morada, do lugar que a gente vive.

E: Então é o cuidar do meio ambiente?

Diretora UE1-E Blumenau: Exatamente, como se fosse nossa casa. Porque meio ambiente, é o meio em que a gente vive. Então é o lugar em que a gente vive, a nossa morada, então é dessa forma que a gente tem que cuidar do nosso espaço.

E: E o que seria natureza?

Diretora UE1-E Blumenau: Tudo o que é vivo, né? Uma árvore, tudo o que é natureza, tudo o que se manifesta, tudo o que é vivo. Pelo menos eu... Seja ela uma questão de ambiental, seja ela natureza, é... O bicho se move porque com certeza, a vaca precisa do capim e também da água e... [inaudível]

Entrevista com o diretor da Unidade Escolar Municipal de Blumenau/SC, que será identificado como **Diretor da UE-M Blumenau**, e a entrevistadora será identificada por **E**.

E: Eu queria saber como é que surgiu as idéias iniciais, como é que surgiu a idéia desse projeto que envolve toda a escola no plantio plantas frutíferas, ornamentais como flores, a horta e as plantas medicinais?

Diretor da UE-M Blumenau: É, esse projeto ele surgiu é... Enquanto professor das quartas-séries no ano de 2005. Como a SEMED, a Unimed e estavam incorporando na escola vários projetos e esses projetos estavam sendo trabalhados isoladamente e... a gente enquanto professor é cobrado: “Como é que você está fazendo o projeto saber saúde?” “E o outro projeto da Unimed, né?” “E a prevenção?” Então a gente ficava pensando como é que a gente vai fazer, o que é prioridade pra mim. Então enquanto professor surgiu a necessidade, eu percebi a necessidade de estar fazendo uma junção destes projetos todos de um projeto único. E aí assim, observando, vendo o espaço, a área da escola, começou a surgir idéias, né. Porque assim, inicialmente o projeto Saber Viver enfocava três focos, ele fazia três focos, né, que era o foco orgânico, referente a alimentação, né; o preventivo, né, toda questão da saúde e o... qual era o outro que eu não lembro mais; o orgânico, o físico, o preventivo, é o físico e o orgânico. Né, daí assim, eu estruturei o projeto, apresentei pra coordenação e direção. Gostaram do projeto e aí numa assembleia de pais, eu fiz a explanação do projeto pra comunidade, né! Claro que teoricamente, né! A gente iniciou a prática depois. Então assim, a comunidade aceitou muito bem, tanto é que eles contribuíram bastante com vasos de plantas que inicialmente era pra ser feito tudo em vasos. E foi feito em vasos, inicialmente a direção organizou uma área de abrigo e nós tínhamos estantes e cada estante era específica de uma cultura e de uma turma, então do pré a oitava série. Todas eram responsáveis por uma cultura, né. Aí entrou a questão do paisagismo, as flores, entrou as bioativas e as hortaliças, né. Daí a gente começou a investir nesse lado, né! No decorrer do projeto a gente enfrentava problemas, mas sempre tentando contornar e fazer o projeto continuar. Porque é muito difícil fazer o projeto caminhar e a gente investiu muito em exames, em exames clínicos, onde a escola providenciou transporte até os ambulatórios médicos, né, os laboratórios aliás. Juntamente com a autorização do postinho, na qual o médico autorizou mais de 600 requisições de exames de tipagem sanguínea, colesterol, triglicérides, né. Foram feitos também, nós convidamos a FURB, o pessoal da Educação Física, da Fisioterapia para fazer exames biométricos, o IMC (Índice de Massa Corporal). Fizemos tudo né, tínhamos umas planilhas de acompanhamento nos três focos. Existiam e ainda existem estas planilhas e foi muito interessante pois naquele ano, mexeu com a comunidade inteira, pois aí, nós fomos chamando nutricionista, o médico veio fazer atendimento individual. A família do aluno que estava com problema de colesterol, diabetes, né. Então foi muito interessante, muito gratificante naquela época, né. E aí assim, ó, através do projeto a gente conseguiu eliminar muitas questões de vícios, na questão da prevenção e até na questão da alimentação porque a gente conseguiu incorporar em prática tudo aquilo que a gente estava fazendo na nossa cozinha, na merenda, né. Então assim, de acordo com a colheita, vamos colher hoje alface, então era feito um cardápio com pesquisas e a sala era responsável de enviar para a cozinha e a cozinha ia fazer o cardápio sugerido, né! Então fazia a refeição de acordo com o cardápio. Foi muito interessante!

E: E uma curiosidade... é teve algum dado que vocês não esperavam de número de alunos com algum índice...?

Diretor da UE-M Blumenau: Teve e foi espantoso porque a gente não esperava. Assim ó vendo o biótipo de uma criança obesa e uma criança normal. A criança obesa não tinha colesterol, a criança normal tinha colesterol. Então a gente rotula muito: “Essa criança deve ter colesterol altíssimo.” Bem pelo contrário, o colesterol dela estava normal e da criança dita normal estava alterado, alteradíssimo. E assim, números alarmantes, críticos que o médico falou pra imediatamente chamar esta mãe ou este pai para fazer uma reeducação alimentar porque esta criança está com um nível altíssimo de colesterol e até crianças com nível baixo de colesterol que não é o normal, né; de açúcares também. A gente ficou bastante preocupado e assim, foi um alerta e com os pais, com a família então começou com a gerenciar esta questão da reeducação alimentar.

E: Que legal! E isso foi na época em que o senhor era professor, no caso?

Diretor da UE-M Blumenau: Professor. O projeto é de minha autoria. O projeto “Saber Viver” era de minha autoria.

E: Então depois... este ano é que teve a idéia de fazer a horta, o plantio de outras plantas? E o Prof. coordenador das atividades de EA só pra cuidar disso?

Diretor da EU-M Blumenau: O Prof. coordenador das atividades de EA na época não tinha esta função, né. Este ano é que ele entrou no projeto que nós enviamos para a Educação, no projeto jornada ampliada e a gente solicitou então 20 horas e assim né, ele está dando conta. Porque anteriormente quem fazia isso era eu mesmo nas minhas horas de folga e nos finais de semana eu vinha fazer a manutenção das plantas que estavam no abrigo e da horta. Eu vinha porque tinha muita vontade mesmo, vontade própria, de dar continuidade ao projeto né!

E: E quais foram as maiores dificuldades até encontrar uma pessoa que ficasse um período todo?

Diretor da UE-M Blumenau: Essa é a nossa maior dificuldade, um responsável específico para o projeto, que desse continuidade ao projeto, né! E hoje a gente percebe que um professor é pouco. Ele está dando conta, tu visse ontem na apresentação dos slides do projeto, ele está fazendo um trabalho de pré a 8ª série, com 20 horas só de projeto, é bastante complicado. E é um trabalho bastante significativo e importante, né! Porque assim, né, ele está mostrando pras crianças, está levando em lócus, né! Eles estão fazendo a prática e estão fazendo a teoria. Assim, melhor do que isso é humanamente impossível, né! Ainda falta muito, ainda precisamos desprender valores para estar re-estruturando aquela parte lá de baixo, onde está a horta e as composteiras. A gente tem uma vontade muito grande de fazer uma sementeira, porque assim, inicialmente junto com o projeto do Prof. coordenador das atividades de EA tem o projeto Jovem Empreendedor. O que nós queremos fazer? A gente quer produzir flores, hortaliças e bioativas e quer comercializar isso a um preço mais acessível pra comunidade. Estar produzindo, fazendo uma logomarca e estar fazendo o beneficiamento dos chás, por exemplo, fazer um chazinho de sálvia, por exemplo. Fazer o saquinho, fazer a logomarca e estar fazendo uma interação com a comunidade a um preço mais acessível. Até para incutir nas crianças de 7ª e 8ª série já para o Ensino Médio, ou uma faculdade, para já estarem abrindo mais os horizontes do que eu quero ser na minha vida, a questão da profissão.

E: Estes então são os próximos objetivos que se quer atingir no projeto?

Diretor da UE-M Blumenau: Isso, a produção, nós não queremos mais doações de saquinhos, porque nós tivemos uma doação tão grande no início do projeto de flores e

hortaliças que eu falei pro Prof. coordenador das atividades de EA, nós temos que plantar isso porque senão isso vai vencer e nós não vamos conseguir colher nada. A comunidade nos atendeu muito nesse sentido e o que nós queremos agora é produzir. Produzir tudo e depois estar comercializando.

E: E a comunidade que o senhor fala, são os pais dos alunos?

Diretor da UE-M Blumenau: Sim, são os pais. Traziam esterco, traziam vasos, sementes, mudas. Tinham famílias que passavam na agropecuária e traziam três dúzias de mudas, que ficaram muito interessados. Porque viram que surtiu efeito, né! A coisa aconteceu, então houve respaldo da comunidade neste sentido, porque aconteceu. Foi muito interessante!

E: E como é a relação entre os outros professores?

Diretor da UE-M Blumenau: Houve alguma relutância de alguns professores, porque falaram “Eu nunca plantei nada!”, olha só “Eu nunca plantei nada!”, “Eu não sei mexer na terra!”, “Eu não sei o que é um repolho e o que é um alface!”, olha lá. Tudo bem que você não saiba, mas vamos aprender. Vamos aprender junto com a criança, vamos aprender, vamos pesquisar, vamos atrás. E assim, todo mundo incorporou, até porque existia uma tabela de acompanhamento da planta. Eu de manhã tinha as 4^a séries e a tarde eu tinha uma 1^a série. E a minha turma da tarde, a 1^a série éramos responsáveis pelo cultivo, né, da couve-flor. Então as minhas crianças eu levava toda semana. Toda semana eu levava pra eles fazerem a limpeza, verem se tinha algum bichinho na planta, o crescimento da planta, eles levavam a régua e a prancheta e anotavam certinho. Olhavam que cresceu tantos centímetros, já na primeira série. Então foi muito interessante nesse sentido, né! As 4^a séries também, mas houve relutância de alguns professores porque assim, dá trabalho. Eu tenho que sair da minha rotina, da minha sala, da carteirinha e ir lá no campo e ver como é que está, anotar, fazer o planejamento voltado as informações. Tudo foi pensando em ele tirar de lá as informações e colocar em prática em sala de aula, incluir no currículo dele. Esse era o objetivo, no que diz respeito a parte pedagógica. E a maioria dos professores fez isso!

E: E não teve... Porque eu já passei por essa dificuldade de não saber como inserir o projeto no currículo como é proposto! Tiveram professores que também tiveram essa dificuldade, as vezes não queriam fazer por causa disso?

Diretor da UE-M Blumenau: Não, não, porque no próprio projeto, eu incorporei no projeto as várias formas que ele poderia estar inserindo nas várias áreas do conhecimento e até porque a gente sentou e foi pedido que os professores inserissem no planejamento o que aquela cultura poderia ser inserida na aula de inglês, ou da batata na aula de inglês. Então eles tinham que fazer uma pesquisa e fazer um planejamento, então a 7^a série A, responsável pelo cultivo da batata vai trabalhar dentro dos países de Inglês, os países de origem da batata, foi feito um planejamento prévio, né! Então assim, eles estavam amarrados, não tinha como eles saírem. Eles tinham que apresentar alguma coisa dentro do currículo deles.

E: E dos alunos, eu já percebi algumas coisas, nas poucas vezes em que eu venho. E vocês no dia-a-dia, vocês percebem diferenças nos alunos de eles estarem envolvidos no projeto?

Diretor da UE-M Blumenau: Bastante. Assim, o que é mais latente é essa saída da sala de aula, sabe, a prática é pobríssima, sabe a prática é muito pobre do aluno, é muita teoria então ele não está tendo prática. Assim, ele não está conseguindo ter relação daquilo que ele está ouvindo, daquilo que ele está pesquisando, né com a prática. A gente percebe que a simples fato de eles pegarem aqui os potes de onde tem os restos das cascas da cozinha e levarem pra composteira, já é o paraíso pra eles. Eles estão fazendo alguma coisa importante, porque foi mostrado que aquilo que eles estão fazendo é importante. Ao invés de jogar tudo aquilo no

lixo e ficar lá no portão fedendo, como eles mesmo observaram. Porque ficava lá e a coleta do lixo é de terças e quintas. Então imagina, eu boto numa sexta-feira, os restos de batata, a casca da batata, por exemplo que fede, né. Todas fedem, mas a batata pede mais. Bota aí, só na terça-feira, são quatro dias que vai ficar fermentando, né? Então eles já perceberam isso. É muito gratificante né! Senti isso, a questão da alimentação. A merenda nunca mais foi... Não sobra mais merenda. Não sobra mais, e nós temos uma riqueza muito grande no cardápio. Nós temos frutas, nós temos saladas e as filas são quilométricas e eles repetem duas, três vezes, até acabar com a merenda. E eles adoram a merenda! Não gostavam de alface, tão comento alface. Não gostavam de beterraba, tão comendo beterraba; repolho, cenoura. Sabe então assim, a gente jogou a semente e a semente está germinando. Não está dando frutos ainda, mas está germinando.

E: É mas os frutos, normalmente são a longo prazo, né?

Diretor da UE-M Blumenau: É a longo prazo.

E: E uma curiosidade, esse projeto “Saber saúde” e o projeto “UNIMED” foram incorporados por esse projeto?

Diretor da UE-M Blumenau: Nós incorporamos dentro do ...

E: A temática acaba sendo a mesma, né?

Diretor da UE-M Blumenau: É porque assim, são mais específicos, né! A UNIMED é mais a prevenção, na época é mais prevenção aos acidentes no trajeto, na escola e em casa, o “Saber Saúde” era mais voltado para a alimentação, né! E não tinha nada voltado para a parte física. Então a gente inseriu os três que eram o foco principal do projeto. Inserimos num só e começamos a trabalhar.

E: E pro senhor, o que seria Educação Ambiental? Com as palavras do senhor mesmo?

Diretor da UE-M Blumenau: Ahh... Consciência, consciência. Começa pela consciência, não adianta eu falar uma coisa e praticar outra né. Não adianta eu ensinar o meu aluno e chegar lá fora no portão e ver o que eu via e que hoje não vejo mais. Isso eu acho que é uma consciência ambiental, eles cuidarem primeiro da onde eles estão. Depois eles tem que cuidar de longe, de fora. Como é que eu vou poder pensar na mata ciliar, da área de preservação se eu não cuido nem da minha casa, se eu não cuido da escola. Isso é uma prática minha e da vice-diretora, que assim ó, eu acabo o recreio hoje tem a mínima sujeira que eu vejo no pátio da escola, então eu acho que eles estão tendo consciência e se eu tenho latão de lixo porque eu vou jogar o lixo aí, está ali ó, há dois metros de alcance porque que eu não vou colocar. Então isso é motivo de orgulho, orgulho meu enquanto gestor que assim, no que diz respeito a essa questão da preservação do cuidado, eles estão atendendo as minhas perspectivas, eu fico contente em relação a isso, porque eles estão tendo consciência. Muitas vezes eu pego crianças pensando em fazer o ato de jogar no chão, daí ele olha pra mim. Eu faço um click. Eram vícios que não eram trabalhados porque tu falar é uma coisa, agora tu mostrar pra eles. É claro que vai da consciência. A partir do momento que ele começa a adquirir uma consciência ambiental é claro que eu não vou precisar ficar toda hora mostrando pra ele. Ele vai ter essa consciência e vai fazer. Tranqüilo!

E: E o que seria meio ambiente?

Diretor da UE-M Blumenau: O meio ambiente é tudo o que cerca o indivíduo. Tudo, tudo o que cerca o indivíduo, até a sala de aula é um meio ambiente. Porque ele vai estar respirando um ar que faz parte do meio ambiente, ele está recebendo luz que vem do meio ambiente, o vento que vem do meio ambiente, que cerca ele, né!

E: E a natureza?

Diretor da UE-M Blumenau: A natureza é esse conjunto que a gente sente, que a gente olha todos os dias. Chuva é natureza. Chuva demais é natureza! Sol demais é natureza, então tudo é um conjunto, né.

Anexo E- Entrevistas dos professores coordenadores dos projetos nas escolas

Entrevista com a professora coordenadora da Unidade Escolar Municipal de São Paulo/SP, que será identificado como **Profa. da UE-M São Paulo** e a entrevistadora será identificada por **E**.

E: Profa. da UE-M São Paulo, o que é Educação Ambiental pra ti, com tuas próprias palavras?

Profa. da UE-M São Paulo: Educação Ambiental perpassa as instâncias sociais, econômicas, políticas, culturais, além da Educação formal.

E: E o que é meio ambiente?

Profa. da UE-M São Paulo: É um conjunto de elementos que..., né? Indicadores biológicos e que... que, que os seres vivos que você interage e que o homem e a natureza não está convivendo, não está conseguindo viver como homem, né? Em função desta degradação ambiental.

E: A senhora falou que fez uma especialização, uma pós latu senso em Educação Ambiental, né? Aonde mesmo?

Profa. da UE-M São Paulo: Na Faculdade de Saúde Pública da USP.

E: Isso foi em que ano?

Profa. da UE-M São Paulo: Foi em 96, nossa fazem mais de 10 anos.

E: O que levou você a trabalhar com Educação Ambiental? O que é que motivou para fazer a especialização, o curso, né? E ainda trabalhar na escola com isso?

Profa. da UE-M São Paulo: Eu, eu... a minha formação é Pedagogia, professora de Educação Infantil de nível 1. Então eu tive um problema de saúde que eu não pude trabalhar, eu tive que me afastar de sala de aula, aí eu fui para o Órgão Central na gestão da Erundina, daí cai no órgão de Educação Ambiental da Prefeitura, aí me apaixonei. E de lá pra cá eu né, isso foi nos anos de 89 e 90. Então 90, 2000 de lá pra cá eu há quase 20 anos atuo na área de Educação Ambiental.

E: E aqui na escola como é que a senhora veio pra cá?

Profa. da UE-M São Paulo: Eu fiquei mais de 8 anos atrabalhando num espaço de área verde, eram 3000 metros de área verde e era um espaço de formação de educadores na área de Educação Ambiental e lá tinham cursos, né? Oficinas e aí me mandaram fazer curso e oficinas de jardinagem, horticultura, né? Uma vez que eu nasci em fazenda, no interior de Minas, né? Pra mim foi fácil, foi prazeroso e aprendi com meu pai a cuidar de horta, aí eu me incorporei e virei oficineira e fiz “n” cursos de Educação Ambiental, participei de fórum, seminários, né?

Aí me dediquei anos nesta área e até hoje. Então assim, estou sempre ligada no que acontece na SOS Mata Atlântica, no Ministério do Meio Ambiente, já participei de concursos, né? É... estou sempre envolvida e assim será... Porque assim interada no que acontece e atuando no local, nesta coisa de saber o que acontece no mundo, no planeta e atuar com a comunidade onde está a escola, né? E assim, aqui na escola eu estou como professora readaptada.

E: Mas a senhora já veio para trabalhar com a proposta de Educação Ambiental?

Profa. da UE-M São Paulo: É, aí como eu já tinha essa formação. A diretora sempre me deu força, né? E espaço para eu trabalhar e aqui né... sempre estou, já até atuei na área com educação ambiental, mas é difícil porque é um trabalho de formiguinha. Você vê que há mais de dez anos que estou aqui e ainda se vê coisas que precisam melhorar mas o pouco que eu trabalho dá diferença né?

E: E como começou o trabalho com os Vigilantes da Natureza?

Profa. da UE-M São Paulo: Então logo que eu cheguei aqui eu disse que eu precisava né... Essa coisa de grupo pra mim faz a diferença, é através de grupo que você cresce, então eu senti que precisava criar um grupo e o nome veio... E assim... Mas a idéia é que todo mundo seja Vigilante da Natureza, né? Mas a gente, é... É difícil porque o adolescente, ele agride muito o meio ambiente no seu contexto assim de adolescência, ele precisa protestar, ele precisa agredir, então ele faz isso pixando, quebrando planta, né? E eu sofro muito vendo isso acontecer, mas é reflexo da sociedade.

E: E os Vigilantes da Natureza sempre tiveram esse foco nos pequenininhos?

Profa. da UE-M São Paulo: Como eu te falei eu comecei com os maiores, mas depois eu vi que se não começasse com os pequenos... E quanto maior pior, então é... quem passa pelo grupo sai com uma postura mais consciente, isso acontece.

E: Daí no caso, resolveram chamar mais os pequenos. Como é feito o convite?

Profa. da UE-M São Paulo: Todo ano, no início do ano eu distribuo uma carta convite dizendo... “Eu... fulano de tal, estudante do Amorim Lima” aí pra ele preencher né? Gostaria de assumir um compromisso de ser um Vigilante e assumir um compromisso com o planeta Terra e ser Vigilante da Natureza, aí esse ano que passou eu fiz algumas linhas e puz assim: Porque... Pra ele né? Pôr que que ele quer? E assim, muitos respondem porque querem cuidar do meio ambiente, por causa das oficinas, pra aprender a fazer artesanato com material reciclado, né? Então eu acho que foi interessante de eu dar este espaço pra eles escreverem.

E: E além da questão do adolescente, teve alguma outra dificuldade maior que a senhora lembra de já ter vivido no grupo? Que vocês tiveram que ver outra maneira de tentar solucionar?

Profa. da UE-M São Paulo: Olha, assim que eu lembre é que é difícil fazer assumir compromissos, assim de responsabilidade ambiental, né? Como no caso, cuidar da escola, regar a planta, fazer reciclagem, porque o horário de brincar é sagrado, então eu garanto que eles participam só se for no horário de aula, mas por outro lado para participar do grupo é depois do horário, né?

E: E qual é o objetivo central? Ou tem vários objetivos menores?

Profa. da UE-M São Paulo: É saber lidar com a questão ambiental, né? De sensibilizar mesmo, a importância de respeitar o meio ambiente, de respeitar-se, respeitar os colegas. Porque meio ambiente e Educação Ambiental começa na alma, no seu corpo, no seu entorno, na sua rua, na sua casa, na sua escola, no seu bairro, na sua comunidade, é interdisciplinar.

E: Estes objetivos já existem desde o início do grupo?

Profa. da UE-M São Paulo: É

E: Nunca houve uma mudança?

Profa. da UE-M São Paulo: Não

E: O que muda é a proposta de trabalho?

Profa. da UE-M São Paulo: Sim, as atividades mudam, né? Mas o objetivo, assim, cuidar, respeitar-se, né? Porque você também começa por dentro de você, da sua postura, do seu comprometimento, né? É uma coisa que começa no seu interior. Você tem que ter essa postura para ser um cidadão comprometido. É mais uma questão de cidadania, né? Então, pra ser um cidadão crítico, participativo, comprometido de saber respeitar a natureza e o colega, só assim ele será um cidadão.

E: E como vocês percebem isso? Vocês percebem alguma diferença nos alunos que trabalham com vocês?

Profa. da UE-M São Paulo: É como eu já te falei isso. É, no fundo, no fundo eles acabam virando bons meninos, são mais educados, mais respeitadores com os colegas.

E: Então vocês percebem uma mudança de atitude deles?

Profa. da UE-M São Paulo: Sim, porque fica incoerente ser um estudante, assim, não comprometido com os seus objetivos porque né?

E: E na escola, vocês percebem mudanças com o projeto?

Profa. da UE-M São Paulo: Sim porque o Vigilante da Natureza é ser assim desrespeitador, descomprometido consigo ou com a escola, fica numa situação difícil de entender, então a gente está sempre que possível depois de cada encontro fazer uma roda de conversa para eles dizerem alguma coisa sobre o que ele aprendeu com este encontro e essa coisa de reponsabilidade ambiental, ano que vem nós vamos fortalecer mais. Porque esse ano atrasou um pouco.

E: Mas na escola assim, já que vocês já estão desde 1999 com esse trabalho. Vocês percebem mudanças?

Profa. da UE-M São Paulo: Olha, todo mundo que chega aqui, fala aí que escola assim, com uma cara diferente das demais. Então é, se tem aluno que detona o meio ambiente, são casos assim que dá pra contar no dedo, mas de modo geral, eles respeitam a escola. Você vê, ontem o Carlinhos, como você contribuiu este ano nos Vigilantes da Natureza? Então ele na brincadeira dele, eles fazem reciclagem.

E: E como que é a relação com os outros professores?

Profa. da UE-M São Paulo: Assim, toda a escola é convidada para participar do projeto horta e então todos os alunos de 1º a 4º ano fazem o plantio na horta, depois do plantio, os cuidados, regar, tirar erva daninha. Muitos já aprenderam a respeito das ervas daninhas que nascem na horta. Então em São Paulo, eles não tem esse hábito. Então essa coisa de regar horta, a paixão é maior. E a gente faz colheita e depois salada coletiva. Esta semana ia acontecer a colheita e a salada coletiva, mas com a chuva ficou para semana que vem. Acontece dois plantios no ano, um no primeiro semestre o plantio e com acompanhamento dos 1º, 2º e 3º anos com ficha de acompanhamento.

E: Eu vi a professora do primeiro ano, no dia de tutoria, em que ela estava cuidando de um canteiro de cenoura e eles colheram e fizeram bolo de cenoura. Até o bolo ficou meio “polentinha” porque colocaram muita cenoura. Ela até ofereceu.

E: A senhora tem registrado em algum lugar tudo o que acontece no grupo?

Profa. da UE-M São Paulo: Recentemente foi feito um Power point.

E: Além da avaliação que os alunos fazem, é feita alguma outra avaliação?

Profa. da UE-M São Paulo: Ah, sim eu tenho comigo alguns projetos, eu preciso entrar em contato com uma menina que no ano passado ela fez uma monografia sobre os vigilantes da Natureza. Acompanhou o grupo Vigilantes da Natureza o ano todo e ela ficou de me mandar o relatório.

E: E qual é a perspectiva do ano que vem do grupo?

Profa. da UE-M São Paulo: É criar um grupo de responsabilidade ambiental para funcionar com mais rigor e mais força e... criar o hábito de todo mundo ter a sua sacola de pano, dizer não a sacola plástica e... Temos uma prefeitura não comprometida com a reciclagem, então a gente vai continuar reciclando o papel, às vezes se vende a cada bimestre e o dinheiro é revertido em plantas para a escola e... é isso.

Entrevista com a professora da Unidade Escolar Estadual de Taboão da Serra/SP, que será identificada como **Profa. UE-E Taboão da Serra** e a entrevistadora será identificada por **E**.

E: Primeiro eu queria saber se a tua formação é no curso de Ciências Biológicas mesmo?

Profa. UE-E Taboão da Serra : É

E: Eu também queria saber se fizeste algum curso de formação em Educação Ambiental ou Meio Ambiente?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Não, eu fiz um curso de Ecologia, né! Em 2000, lá na USP, né! O único curso, estudo para o meio ambiente que fiz, o mais sério é este, daí eu fiz um curso de agenda 21 em Embu, também durou 6 meses, mas não achei que fosse voltado totalmente para o meio ambiente, foi mais um curso organizado para usar uma verba e usar um parque que estava ocioso. Ummm, aquele da USP, da Agenda 21 lá em Embu e agora eu to fazendo aquele, “Educando nas águas do Pirajuçara”.

E: E como partiu o interesse em fazer atividades relacionadas ao meio ambiente e a Educação Ambiental e até da criação desta praça? Como é que começou isso?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Assim, é... Quando eu cheguei aqui, eu sempre quis trabalhar numa escola que tivesse um laboratório e uma área verde que eu pudesse trabalhar com os alunos; e quando eu cheguei aqui, eu olhava pra lá e era um matagal só e eu já tinha feito outras experiências em outra escola que eu trabalho também, lá eu dou aula de Ciências e aqui eu dou aula de Biologia e... A gente começou a fazer junto, mas a gente não tinha conversado. A diretora e eu, então eu propus que os alunos se organizassem em grupos, tanto o 2º colegial, quanto o 3º e fizessem um projeto do que eles gostariam que fosse feito dessa área aí. E daí a primeira idéia foi a seguinte, que o melhor projeto, seria executado quando eu fui levar este projeto pra direção a diretora já estava, já tinha entrado em contato com a prefeitura para fazer algo parecido. Então os alunos fizeram os projetos e a prefeitura como estava envolvida, os engenheiros pegaram todos os projetos e transformaram em um só e a

gente colocou em execução. Eu acho assim, pra você dar aula de Biologia ou Ciências, quando você tem uma área verde quando você tem um laboratório, a coisa rende mais porque são poucas aulas, são só duas aulas por semana e você ficar só utilizando questionário, só utilizando a lousa, você não consegue fazer com que o aluno se sinta atraído pelo meio ambiente e pela natureza. Porque é assim, pra ele preservar, ele tem que gostar, pra ele gostar, ele tem que conhecer. Ele não pode ficar conhecendo só com a fotografia né? Ele tem que ter algum contato com a natureza, mais ou menos isso que eu penso.

E: E como curiosidade, quanto tempo estais trabalhando aqui?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Nesta escola ou no projeto?

E: Na escola mesmo?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Nesta escola, este é o meu segundo ano.

E: Então sua vinda também é recente! A vinda da diretora foi quase paralela com a tua vinda?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Ela chegou três meses antes de mim aqui.

E: Então, na verdade até bateu esta questão dos interesses, né?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Bateu os interesses.

E: E como é que surgiu o projeto com a diretora, então? Como é que de repente casou esta idéia com a diretora?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Porque foi assim, na outra escola no ano passado, a prefeitura do Taboão, junto com o estado selecionou cinco escolas para um projeto chamado fruto de quintal. Então este projeto, o original seria o seguinte que acabou numa área muito adensada [inaudível] Então se você pegar cada terreno de cada escola e construir esta área, então se você somar a área de todos os terrenos, será uma área grande florestada. Então o projeto no original, é lindo. Só que depois, o que acontece? Você traz o projeto, eles trazem as mudas e depois vira tudo política, é política pra plantar uma árvore e tem que chamar a comunidade pra dar o lançamento do projeto e depois que tem aquela peça de abertura, eles praticamente abandonam daí na outra escola eu e outra professora, ligávamos e insistimos daí eles mandaram uma pessoa pra ficar auxiliando, porque não é só você plantar a árvore, tem que cuidar da árvore, né! Você tem que fazer que o aluno goste daquilo e queira preservar. Porque eu acho que qualquer projeto de Educação Ambiental ele tem começo, mas não tem fim. Porque você não pode dizer que este bimestre nós vamos cuidar do meio ambiente, vamos preservar as águas, vamos plantar árvores e o outro, agora não é mais isso, vamos fazer outra coisa. Então não é assim! Daí quando eu vim pra cá eu tinha preferência por esse projeto e quando eu pedi aos alunos que eles fizessem um projeto do que eles gostariam que fosse aquela área lá, foi na mesma época que a prefeitura procurou a escola para fazer parte do outro projeto. Foi algo que casou as datas, mas que foi pensado separadamente. Daí quando eu comecei a diretora falou que tinha que fazer uma reunião para tal coisa, daí na reunião eu falei que já estou com o projeto disso, daí aproveitaram a idéia e fizeram com os próprios alunos. Se você conversar na coordenação tem uma planta lá que tem tudo o que a gente planejou. Só que assim, quando assim, quando você planeja é uma coisa, quando você coloca no papel a coisa vai se modificando um pouco, a quantidade de árvores diminui, o que mais? Os bancos ficam de outro jeito em outro lugar, mas assim, a área está aí. Já está melhor do que quando não tinha nada. Um dos problemas pra você utilizar esta área, é porque ela tem várias fossas aí, então por exemplo, não pode ter horta, porque no projeto tinha uma horta. Porque assim, antes de ter um esgoto, porque a escola é antiga então antes de ter a rede de esgoto, todo esgoto era canalizado e jogado para a fossa, essa fossa enchia, eles fechavam e

abriam outra. Então na planta você olha e não pode ter como a horta, canteiro de plantas medicinais. Então o que deu pra fazer foi isso, a pista de Cooper e... a pista de atletismo, só que ela está um pouco irregular, agora eu não sei exatamente porque foi feito daquele jeito porque não era pra ser feita aí. Então é isso que tem que ficar sempre em cima pra coisa sair firme e nem sempre saí tão boa quanto você esperava.

E: E além das dificuldades do próprio terreno, que tinha as fossas, o terreno ter uma parte irregular, quais foram as outras dificuldades maiores que vocês tiveram que enfrentar?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Quando se inicia um projeto, você inicia o projeto pensando que vai ser interdisciplinar. Mas isso eu acho que é difícil ocorrer em qualquer escola, você realmente fazer um projeto interdisciplinar. Por quê? Porque assim, o horário do professor dentro da escola é muito assim,... muito fechadinho. E o dia em que eu estou o outro professor não está. Tem aqueles professores que realmente não gostam de se envolver. Tem professor de matemática que acha que não tem nada haver com praça, né!?! O professor... e assim por diante, então a maior dificuldade a princípio foi você conseguir reunir todo mundo junto pra tentar organizar um projeto onde todo mundo colocasse um pouquinho daquilo que achasse legal. Como na minha matéria eu acho legal pôr isso, por exemplo, eu como Bióloga acho importante você ter árvores, ter uma horta, tanto que minha horta era pra ser lá, mas foi colocada lá pro fundo. Mas tudo bem! Agora também deveria ter o professor de Física, não eu gostaria que os canteiros fossem feitos dentro da Geometria pra poder analisar, ou então um espaço pra poder ver as estrelas porque dá pra fazer, né? Então alguns professores não se envolvem. Eles acham que Matemática não consegue achar destino, Filosofia; esta parte é difícil. Mas se eu ajudar todo mundo, mas é quase impossível. A princípio estava todo mundo junto. Mas depois de um tempo, algumas pessoas continuam levando e as outras não. Acho que é difícil.

E: Mas para solucionar estes problemas foram só levando e tentando interar mais os professores que estão mais envolvidos e que gostam mais e tem mais afinidade. Teve alguma estratégia que vocês tiveram para tentar resolver isso?

Profa. UE-E Taboão da Serra: Não, não teve. Principalmente este ano, que o quê atrapalhou bastante foi essa nova proposta pedagógica do governo que deixou todo mundo louco, muita coisa aconteceu. O que eu gostaria de fazer, não deu para fazer porque tinha que cumprir a proposta e... Não, não foi feito nada que integrasse mais os professores. Porque não deu, este ano foi um ano atípico mesmo. No outro ano teve mais grupos trabalhando junto e a gente é que resolveu empurrar, no bom sentido pra coisa não parar. Porque tem horas que a coisa murcha e precisa dar uma forcinha mesmo. Agora este ano, este ano mais envolvido mesmo foi a área de Biologia, um pouco dos professores da tarde. Tem a colaboração de todo mundo, como no dia em que a prefeitura mandava os caminhões de grama, o dia em que eu não podia estar junto eu pedia pra outro professor descer. O professor descia e organizava, mas não é uma coisa espontânea. Mas não é porque não gosta do meio ambiente, não é porque não gosta de área verde, assim, porque não sobra tempo mesmo. Tem que subir, tem que dar aula, você não pode largar a sala. Mais ou menos isso.

E: Você percebe alguma diferença com os professores, os alunos com relação a este espaço que foi criado aí?

Profa. UE-E Taboão da Serra: Acho realmente que eles acham que é um espaço deles. Eu estava no pátio dando aula no mês passado ou retrasado pro terceiro. Daí tinha outros alunos com outro professor pra correr na grama e a gente tinha na semana anterior colocado a grama lá. Os alunos falavam: “Não professora, a gente colocou, sujou toda a camisa, toda a mão, agora eles vão correr lá, vai soltar tudo, né?” Então assim, isso demonstra que eles têm

interesse de que a coisa fique preservada né? Daí eu descii, falei com a professora que não poderia deixar fazer aquilo, porque eles estavam chutando, estavam fazendo muita [inaudível] e como ainda não está pronto. Então eu achei legal isso! E outra coisa, quando está muito frio, eles pedem vamos um pouco naquela praça, estudar lá? E a gente desce até lá, uns realmente cumprem e estudam outros não, deitam no sol e ficam que nem calango lá. Mas é... É assim toda a vida [risos].

E: E com relação aos professores, quando surgiu esta praça, quando ela saiu do papel e surgiu a praça mesmo, tu percebeste algum comentário, alguma reação dos professores?

Profa. UE-E Taboão da Serra: Assim, alguns professores quando começa qualquer projeto tem aquele lado negativo. “Ah, não vai dar certo, não vai sair, ah não vai durar, então”. Mas depois a coisa começa a acontecer e eles acabam entrando. Agora geralmente eu vejo os professores utilizando lá. Não dá muito certo porque não dá com a pista de Cooper né. Porque a professora de Educação Física começou a puxar muito, daí alguns alunos acharam que não deveriam correr né. Porque tinham que dar tantas voltas em tanto tempo. Daí alguns pais reclamaram, mandaram um papel não autorizando a filha a participar de atletismo. Então este ano, nesta parte foi evitado, daí ficou uma área ociosa. Porque assim, surgem problemas mas a gente tem que sentar e tentar resolver. Vamos então.... Fazer um circuito menor, né? Mas nem todo mundo tem essa flexibilidade então, nesse ponto agora e o ano inteiro desde março ou abril, quando aconteceu este problema ficou ocioso pra essa atividade, né! Mas daí o outro professor de treino utiliza lá com os alunos.

E: Os alunos até comentaram que eles queriam jogar vôlei... [comentário escutado em conversa informal].

Profa. UE-E Taboão da Serra : E agora nós temos umas raquetes, umas raquetes de jogo que você joga peteca, eu fui ver o preço, está R\$150,00. Acho até que eu vou comprar, vou falar com os meus sobrinhos. E conseguimos dois jogos destes pra poder utilizar. Porque daqui a pouco não utilizar vai ficar estragando.

E: E daqui a pouco quando a grama estiver mais firme...

Profa. UE-E Taboão da Serra : Eu acho que agora já está firme.

E: Daí já vai dar pra usar a área da grama.

Profa. UE-E Taboão da Serra : Sim, dá.

E: E quanto ao registro, vocês têm algum registro da evolução que tem acontecido nesta área?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Os registros são estes, da minha parte tem as fotos, tem as fotos que eu tirei antes, tem algumas fotos que eu e outros professores tiramos depois, tem as fotos das festas, uma delas veio o prefeito e os registros assim aquele trabalho que eu escrevi e mostrei pra você foi em cima do projeto [referindo-se aos projetos dos alunos de como organizar a praça] e agora nós vamos dar continuidade transplantando as árvores. Mas o registro é esse mesmo.

E: E além do transplante das árvores tem algum trabalho que vocês têm intenção de fazer além? Talvez não neste ano, pode ser nos próximos anos.

Profa. UE-E Taboão da Serra : Assim... eu gosto muito de trabalhar com plantas medicinais. Eu gosto de Botânica, gosto de trabalhar com plantas medicinais, mas assim, enquanto eu estiver aqui nesta escola, sou efetiva aqui né, mas por algum motivo posso pedir minha transferência, por enquanto eu gosto daqui, gosto do laboratório. Esse laboratório aqui é enorme, né? Pro estado é um laboratório bom porque tem microscópio, tem lupa, tem a sala

de preparação aqui do lado. Então eu percebo que aqui, pra escola, eu tenho condições de fazer alguma coisa. Eu estou há 12 anos trabalhando com educação e você pode achar que é pouco, porque eu não sei as condições que você tem na sua cidade, né? Mas é... Pro bairro esta escola me dá condições de trabalhar, então eu ainda vou ficando aqui, mas futuramente eu quero utilizar aquela área lá mais para eles observarem mesmo, sabe a grama, as árvores, os pássaros que visitam determinadas plantas, a preservação, dá pra utilizar para estudo de sucessões ecológicas em áreas que não está com a grama. E de acordo com o dia-a-dia, de acordo com o planejamento eu vejo que dá para ser feito, né?

E: Por que é feita alguma avaliação, de repente, até por parte da prefeitura ou outro órgão?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Isso não tem.

E: Eu conversei com a diretora e ela me mostrou as fotos, as idéias, mas...

Profa. UE-E Taboão da Serra : Não tem nada esquematizado. A única coisa que normalmente é mais esquematizado é quando eu vou fazer alguma atividade, eu costumo escrever alguma coisa, né! Mas eu também não sei fazer se não tiver uma receitinha lá. Eu não gosto de fazer tipo, hoje eu tenho colheita, olha lá. Se ela... Acho que não tem não, ano passado tinha sim. Ano passado a coisa estava bem mais amarrada, mesmo com essa dificuldade de reunir todo mundo, nós fizemos algumas reuniões. Mas este ano foi e está difícil. Mas foi difícil, mas ao mesmo tempo foi divertido porque eu percebi em um dos dias pra descarregar o caminhão de grama foi muito engraçado. O aluno pega uma pilha de quatro ou cinco pedaços de grama e fala: “Olha professora, eu estou fazendo, heim!” [risos] Aí quando terminou de descarregar, depois tinha alguém “coloca uma pilha”, “você é do primeiro A, você é do primeiro B, vamos ver quem traz a pilha maior”. Então, brincando a coisa vai sendo feita, vai acontecendo. Tem aquele que finalmente gostam, tem aqueles que detestam e que falam: “Professora, eu nunca mais vou fazer isso!” “Então vai estudar, daí não precisa mais fazer!” E é isso.

E: E sobre o trabalho das plantas medicinais, tiveram muitos alunos que comentaram, estais fazendo ainda com eles?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Olha, toda escola que eu entro, eu trabalho com plantas medicinais, porque meu trabalho de graduação, foi sobre plantas medicinais, né! E quando eu estava terminando os projetos eu fui convidada pra fazer mestrado na USP, só que daí não dava né, eu queria comprar meu apartamento, comprar meu carro, porque eu já tinha feito Biologia, já tinha parado muito a faculdade. Então eu abri mão deste convite e fui trabalhar. E... Então eu acho assim que... Plantas medicinais além de ser um projeto barato, porque você encontra em todo lugar uma mudinha de hortelã, erva cidreira, é uma coisa que faz com que o aluno sinta uma importância, que não vem tudo pronto, tudo em comprimido, que ele pode ao invés de comprar um comprimido, procurar um chá, ter um jardinzinho ou ao menos um vasinho em casa. Então este projeto de plantas medicinais quando eu fiz ano passado, eu percebi que eles desenvolveram muito, tinha aluno que vinha fora do horário regar, sabe? Eu achei muito, muito gostoso, mesmo. Este ano não deu pra dar continuidade, quero ver se ano que vem eu pego novamente.

E: Durante as entrevistas eles (os alunos) comentaram bastante das plantas medicinais, houve um aluno que chegou a falar sobre a propriedade do morango, comentou sobre uma planta que faz bem para a dor de cabeça. Como foi exatamente o projeto?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Era assim... As plantas medicinais, cada aluno se responsabilizou em trazer uma muda de planta medicinal e cuidar dessa muda até o dia da árvore. Então o aluno trazia, a gente pegava aqueles potes que vinham a merenda, furava e

replantava, porque a muda vem num pote pequenininho, né? E daí aí, cada aluno ia lá, via e molhava. Alguns que não dava pra molhar durante a aula, eu ia embora ao meio dia e meio e eles ficavam aqui mexendo com aquilo. Depois de um tempo, separamos alguns exemplares e colocamos em pranchas pra poder desbravar e fizemos no final do ano uma exposição com vários, várias mudas de plantas medicinais, fizemos também alguns xaropes e a exposição das plantas desidratadas e modéstia parte ficou muito bonito. Não couberam muitas, mas, e... Diferente da construção da praça que todo mundo fez o projeto, a maioria se envolveu, mas eles que escolhiam a mudinha, a plantinha. “Vai, pergunta pro seu avô, pra sua avó.” Então eles traziam uma coisa que eles já sabiam, foram eles que escolheram a planta que já estavam cuidando e cuidaram bastante tempo. Acho que tem umas fotos. Então essa parte, acho que fixou mais do que a organização da praça. A praça é uma coisa bem maior. O projeto das plantas medicinais era um projeto menor, mas o aluno realmente estava lá, porque ele é que queria fazer com aquela planta. Isso é que foi legal.

[Interrupção]

E: E o que é meio ambiente pra ti?

Profa. UE-E Taboão da Serra : O meio ambiente... É engraçado, né! A gente não quer se deixar levar, mas a gente tenta fazer uma coisa mais ligada a literatura científica. Mas vou tentar dar realmente minha opinião. Acho que meio ambiente é onde você vive, né? Você tem que pegar este ambiente em que você vive e deixar de uma forma que seja a mais agradável pra você. Não tem porquê eu eu ficar falando com o pessoal assim, porque o mico-leão-dourado está em extinção ou vamos preservar as baleias se eu não ensinar a eles que não se deve jogar lixo no chão dentro da sala, que eles tem que preservar a escola em que eles estudam. Não que outras coisas não sejam importantes, mas a gente tem que preservar isso daqui que está ao nosso lado, se cada um cuidar de seu quintal, futuramente acho que um grupo maior tem como ter força para outras coisas mais importantes. Aí sim temos como contribuir para a preservação mico-leão-dourado, as baleias, né?

E: E natureza. O que é natureza pra ti?

[Nova interrupção.]

Profa. UE-E Taboão da Serra : Natureza pra mim, acho que é... [longa pausa] Não sei. Acho que as plantas, os animais, entendeu? [pausa]

E: E Educação Ambiental?

Profa. UE-E Taboão da Serra : Olha, Educação Ambiental... Acho que ninguém realmente sabe o que é Educação Ambiental, né? Mas eu acho que é você desenvolver no aluno um respeito e ao mesmo tempo um gostar da natureza, né? Eu acho assim que... e fazer com que ele preste atenção no mundo que está ao seu redor pra ele preservar do jeito que está ou tentar melhorar. Né? Eu acho que Educação Ambiental é isso. Educação Ambiental eu acho que uma coisa para a vida inteira, não adianta você falar assim: “Não jogue papel no chão”, ele não joga porque está na sua frente e na hora que ele está sozinho ele joga no chão. Eu acho assim. Eu acho que Educação Ambiental deveria fazer isso, ensinar o aluno a respeitar o ser humano, né? Educação Ambiental não uma coisa só da escola. Ela precisa ser ensinada as pessoas que ainda não estão em idade escolar e aquelas que já saíram da idade escolar. E o respeito pela natureza e pelo próximo. Eu acho mais ou menos isso.

Entrevista com a professora da Unidade Escolar Estadual 2 de Blumenau/SC, que será identificada como professora **Profa. da UE2-E Blumenau** e a entrevistadora será identificada por **E**.

E: Como foi o processo de construção da horta?

Profa. da UE2-E Blumenau : A construção da horta, meio que entrei de gaiato. Uma professora de Ciências começou a levar os alunos, aí capinavam, faziam os canteiros e tal. Estava meio parado e eu pra dar uma injeção de ânimo me propus a ir buscar com carro as mudinhas e levei alguns alunos pra lá pra fazer o plantio dessas mudinhas e aí a outra professora foi se afastando e eu fui tendo que tomar conta, daí as mudinhas já estavam ali, já estava acontecendo, né? A horta já estava... As verduras já estavam crescendo e tal e eu consegui alguns alunos pra gente sempre ir dando uma olhada, regando, capinando. Aí alguns alunos meio desestimulados iam desistindo, daí eu ia conseguindo outro grupo e assim a gente foi levando até que começou a parte da colheita, né? E as verduras foram para a merenda da escola, só que como não foram semeadas, a gente comprou estas mudinhas. Foram compradas poucas mudinhas para muita merenda na escola. Agora nós estamos no processo de semear novamente porque aquelas verduras já foram.

E: Mas teve alguma reunião antes em que foi falado para fazer a horta ou algo do tipo?

Profa. da UE2-E Blumenau : Olha, teve uma reunião em que o diretor colocou se a gente queria continuar com a horta porque já teve outros professores que já estavam cuidando da horta. Ele meio que incumbiu a professora de Ciências.

E: Foi algo meio imposto então?

Profa. da UE2-E Blumenau : Exatamente.

E: Por que nos anos anteriores os professores de Ciências tocavam?

Profa. da UE2-E Blumenau : Exatamente.

E: Não teve no ano passado um professor de Matemática que veio substituir a professora que começou a tocar a horta? [Tal fato foi relatado durante uma conversa informal anterior a entrevista em que foi relatado este fato.]

Profa. da UE2-E Blumenau : É, mas também saiu, daí a horta ficou abandonada e assim começam e não terminam. E depois não é um grupo fechado de mais professores, é uma coisa meio individual que acompanham.

E: Mesmo nesta reunião o diretor estabeleceu algum objetivo na verdade?

Profa. da UE2-E Blumenau : Não, nós só estamos continuando o que já foi começado há alguns anos atrás. Né, que já teve projeto na escola, tudo bonitinho, daí começaram a horta com os alunos. Daí sai um professor entra outro. Daí este outro já tem outro jeito de ver a coisa, outro jeito de fazer.

E: Por que o objetivo mesmo é complementar a merenda?

Profa. da UE2-E Blumenau : Principal sim.

E: E percebes alguma diferença entre os alunos e os professores com relação a horta, a existência da horta?

Profa. da UE2-E Blumenau : Os professores todos acham bonitinho, né? Mas pra colocar a mão na massa foi meio difícil. Agora os alunos, por exemplo, agora tem um grupo muito bom. Que eu consegui arranjar um grupo legal, tão empolgados, querem melhorar a merenda,

querem capinar, querem ajeitar as coisas, querem fazer alguma coisa. Vamos ver se vai dar certo. Tomara que dê e a gente siga isso em frente, né? Mas não vieram hoje!

E: E os outros que não participam?

Profa. da UE2-E Blumenau : Aí tem uns que dizem assim: “Ah seu bobalhão, tais aí trabalhando de graça pros outros!” e tem alguns que acham legal que eles tão vindo ajudar a escola e tal, mas... É meio complicado, muita gente pra desestimular e poucos pra ajudar, né?

E: Dá para perceber inclusive que a merendeira mudou, pois antes ela nem ia até ali atrás [referindo o espaço da horta e relatos de conversas informais anteriores a entrevista] agora ta indo!

Profa. da UE2-E Blumenau : É, esse lado aí sim, porque daí eu peço pra ela ir junto pra ver o que está precisando, né? Pra colocar na comida e aí tem a cebolinha, salsinha, estas coisas pra estar sempre complementando, né? Pelo menos pra dar um saborzinho, né?

E: E está sendo registrado alguma coisa relacionada a horta?

Profa. da UE2-E Blumenau : Não está sendo registrado.

E: Nem em fotos, nem em registro escrito?

Profa. da UE2-E Blumenau : Não. Uma que nossa máquina fotográfica está estragada, a da escola.

E: E quais são as expectativas de continuidade da horta? Tem algo que vocês pretendem implantar ou fazer além da horta?

Profa. da UE2-E Blumenau : Não. O negócio é plantar o ano inteiro. Este ano está dando certo, o que é a época de plantar a gente está plantando. Isso dá pro ano inteiro, né? Sempre tem alguma coisa pra também não estar criando capim ali [referindo-se ao espaço da horta] no lado da escola. E pra sempre ter alguma coisa diferente na merenda.

E: E do projeto de reciclagem, como começou este projeto?

Profa. da UE2-E Blumenau : A reciclagem começou como uma gincana, né? De arrecadação, pra nós estarmos vendendo pra arrecadar fundos pra escola e aí foi formando um processo em que os pais acharam muito bacana porque as crianças estavam se conscientizando não jogando nas ruas, na escola, jogar o papel fora que estava ocupando, né? E estavam se conscientizando em jogar no lixo, né? E daí passa o lixeiro carregava, ia para o aterro, essa parte! E depois assim, no final do ano, tinha a premiação dessa gincana e aí deu certo, funcionou ano passado. A gente começou este ano de novo. A gente tem um calendário em que todo mês, eles têm um dia para a entrega desse reciclável, aí vem um pessoal aqui e leva. E a gente arrecada este dinheiro. Tivemos muitos depoimentos de pais que gostaram, pois estão ensinando os filhos a não jogar lixo por aí. E a gente tinha muito costume aqui de que aos redores da escola, principalmente lá embaixo perto do rio que jogavam muito material reciclável. Perto do rio!

E: Só de curiosidade o que foi dado de prêmio aos alunos?

Profa. da UE2-E Blumenau : Foi um dia na pizzaria. Ganharam um rodízio de pizza e teve uma tarde num parque aquático.

E: Ah! Foram vários alunos premiados?

Profa. da UE2-E Blumenau : Foram vários alunos, os quinze melhores foram pro rodízio e depois os outros quinze foram para o parque aquático. Este ano se eu não me engano é só

parque aquático. Aí leva a gurizada lá, eles brincam a tarde toda; gostam e isso é um incentivo pra eles trazerem mais recicláveis, né? E a gente recebe, ele já vem separado, plástico, ferro, vidro, é pesado e é anotado o nome de cada criança e tem uma pontuação pra esse reciclável e aí todo mês é contado, colocado o nome da criança, a pontuação que ela tem. Final do ano quem tiver maior pontuação, ganha a premiação.

E: E foi a partir disso que foi construída aquela área [local ao lado da horta, onde guardam os materiais recicláveis arrecadados]?

Profa. da UE2-E Blumenau : Sim, foi com o dinheiro que a gente arrecadou. A gente sempre recebia o reciclável numa sala. Como esta sala ficava com cheiro, aí as pessoas não traziam sempre no mesmo dia, né? No dia da entrega, esqueciam traziam um dia depois, dois dias depois. Aí tinha o problema da pessoa que vinha receber que não vinha, pois não estava sempre disponível pra vir. Aí com dinheiro disso a gente fez o local mesmo apropriado para depositar este reciclável. Então se tem alguém fora daquela data ou da comunidade, ou aluno que vem fora da data trazer fora da data a gente também recebe.

E: E tem alguma expectativa de continuidade deste trabalho com o reciclável?

Profa. da UE2-E Blumenau : Olha, tomara que continuasse. Mas aqui o envolvimento das pessoas, o trabalho em equipe é meio complicado.

E: Como é que é a relação com os professores com relação a este projeto do reciclável?

Profa. da UE2-E Blumenau : Todo mundo acha legal, todo mundo acha bonito, mas quando é pra colocar a mão na massa fica difícil né? “Isso eu não pego!” “Ai que bom que estais fazendo!” Ajudam no sentido de tirar a caixinha de reciclável da sala e pedir para um aluno levar lá, mas que isso é complicado.

E: E quanto ao registro também não está sendo feito nada? Foi escrito algum projeto?

Profa. da UE2-E Blumenau : Foi já no ano passado, mas este ano nós só demos continuidade ao projeto.

E: E além desta questão da competição, tu percebes entre os alunos, no convívio nas aulas alguma diferença deles quanto a esta questão da conscientização?

Profa. da UE2-E Blumenau : Eu percebo sim, porque já lá embaixo na quadra onde nós estamos trabalhando onde é um pátio aberto. Eles já sabem que não é pra deixar lixo ao redor e depois na sala mesmo, eles não jogam o papel no lixo, já tem a caixinha e que o papel vai nesta caixa de reciclável. Na hora do recreio eles não são de jogar muita coisa no lixo, vem mais para o reciclável. Sempre tem aquele que ajuda mais e aquele que ajuda menos. O mais consciente e o menos consciente. Tem aquele que joga na caixinha e tem aquele que joga na horta, tem aquele que joga no lixo comum e assim vai. Mas já tem bastante gente bastante consciente do seu papel. E temos aqui na comunidade muita gente que junta latinha, que já está vendendo pra ajudar financeiramente em casa e assim, alguns dizem “Professora eu não vou mais trazer porque eu tô juntando pra dar um dinheirinho!” Não ajuda a escola, mas está ajudando o meio ambiente. Não está jogando fora no lixo comum.

E: E pra ti, o que é meio ambiente?

Profa. da UE2-E Blumenau : Pois é, o que é meio ambiente? Tantos conceitos! [risos] O que é meio ambiente? Bom, eu como professora de Educação Física não tenho o conceito definido de meio ambiente. A gente sabe o que é, mas não tem o conceito definido dele. Pra mim, meio ambiente é o local em que a gente vive. É olhar pro lado e eu já vou ver o meio ambiente, porque eu trabalho num local muito bonito, cheio de árvores, tem rio, às vezes a gente fica

triste porque este rio já está ficando muito poluído. Já aqui numa parte em que é o começo do rio, a gente está numa área em que é o começo do rio, bem dizer. Daqui pra cidade tem mais uma eternidade do rio. Fico triste quando chego e vejo muita coisa jogada, muita sujeira perto desse rio. Meio ambiente pra mim é isso aí! São árvores bonitas, horta, um pasto enorme que eu tenho do meu lado [referindo-se ao pasto de gado que era possível ver ao lado da sala em que estávamos].

E: Tu achas que é a mesma coisa que natureza?

Profa. da UE2-E Blumenau : Não deixa de ser, né? O meio ambiente, claro que se eu perguntar pra uma professora de Ciências ela vai dizer mais bonito que eu né? [risos] O meio ambiente tem relação com tudo né? Pra te dizer aí... ai, agora tu me pegou! [grande pausa] Ah! Esquece! Fugiu a idéia agora!

E: E o que é Educação Ambiental pra ti?

Profa. da UE-M São Paulo: Olha um conceito mais bonitinho de Educação Ambiental... Eu fiz um conceito muito bonitinho né: “É a conscientização das pessoas em relação ao mundo em que vivem e que passamos a ter uma melhor qualidade de vida.” [antes da entrevista pediu para ver o que seria perguntado e antes da entrevista em si, pesquisou e rascunhou o conceito de Educação Ambiental que leu] O que é que eu quis colocar, que Educação Ambiental também é qualidade de vida, sendo que qualidade de vida também está relacionado à Educação Física. Então a gente tem que educar, na minha concepção, nós temos que educar os nossos alunos. Deixar que eles tenham uma consciência ambiental que tanto se fala, não estar jogando a latinha na quadra de futebol que ali ao redor é grama, é não estar jogando a sua garrafinha plástica de refrigerante quando vem jogar o seu futebolzinho lá embaixo no rio. É estar recolhendo! E assim por diante, a gente começa pelas pequenas coisas pra atingir as grandes coisas. Tanto é que aí nós estamos entrando nessa da reciclagem. Tirar o que eles acham que é lixo em casa, que está lá amontoado num canto trazendo pra escola e dando um destino certo pra esse lixo que é a reciclagem.

Entrevista com a professora da Unidade Escolar Estadual 1 de Blumenau/SC, que será identificada como professora **Profa. da UE1-E Blumenau** e a entrevistadora será identificada por **E**.

E: Tu és formada em Ciências Biológicas?

Profa. da UE1-E Blumenau : Ahah... [confirmando]

E: Fizestes alguma especialização?

Profa. da UE1-E Blumenau : Fiz. Gestão, Orientação e Supervisão Escolar.

E: Eu queria saber na verdade como surgiu a idéia? A idéia inicial, como apareceu na escola pra começar a fazer o projeto da semana do meio ambiente?

Profa. da UE1-E Blumenau : Foi uma coisa que eu sempre pensei, assim, a questão do diferente. Trazer algo diferente pra eles, uma novidade sempre todo o ano e o conhecimento de fora, né? Porque a gente sempre precisa de capacitação, precisa de aperfeiçoamento e a gente nunca tem. Então, chamando as parcerias a gente poderia estar conseguindo agregar conhecimentos, agregar mais coisas na escola. Então o objetivo principal foi ser diferente mesmo.

E: E a idéia a princípio surgiu de ti mesmo?

Profa. da UE1-E Blumenau : Sim.

E: E numa reunião pedagógica tu colocastes esta proposta?

Profa. da UE1-E Blumenau : Sim, eu coloquei. Coloquei que existia a possibilidade e o que eles achavam. Daí eles acharam interessante. Só que muito vago, né? Nunca fiz, então queria ter uma noção. Primeiro ano não foi aquilo tudo, mas saiu. Depois a gente vai aperfeiçoando, né?

E: E tu colocastes esta idéia no início do ano ou no decorrer do ano?

Profa. da UE1-E Blumenau : No início do ano. Primeiro foi a sala ambiente que ela propôs, né? Ela [a diretora] deu espaço pra eu trabalhar. Então primeiro eu trabalhei a sala ambiente e na segunda reunião eu coloquei a idéia da semana do meio ambiente.

E: E todos concordaram? Gostaram da idéia?

Profa. da UE1-E Blumenau : É... “Legal!” Se engajar na idéia, quase ninguém se engaja, mas como é um momento diferente de parada, eles [os demais professores] topam. As vezes, eles até não querem ficar junto, as vezes eles querem mandar os alunos e sair da proposta, daí eu vou atrás e faço ficar junto [da atividade que está sendo desenvolvida com os alunos durante a semana do meio ambiente]. Porque eu acho que é o mínimo que eles tem que fazer.

E: Nesta época [do início do projeto] já era a mesma diretora de agora?

Profa. da UE1-E Blumenau : Sim. Já são cinco anos que ela está aqui.

E: E a diretora sempre acatou a idéia, sempre apoio?

Profa. da UE1-E Blumenau : Sim, a gente sempre teve assim nem! Ela tem uma visão ambiental bem legal, com a questão da importância do meio ambiente, das questões ecológicas, ela é uma grande parceira. Quando a gente tem a direção voltada para esse lado é bom.

E: E nestes anos todos, teve alguma vez em que tiveram que redefinir algum objetivo, algo que não estava dando certo?

Profa. da UE1-E Blumenau : É eu tive, tipo assim, você marcar a palestra e a pessoa não aparecer. Daí você tem que remanejar. Ou assim também, eu fazia sempre na semana do meio ambiente. Só que na semana do meio ambiente tem coisas paralelas acontecendo e isso é ruim. Então eu costumo fazer na segunda semana do mês. Porque daí está todo mundo liberado, os parceiros estão liberados e eles podem vir, dar uma palestra, trazer um material. Porque a gente batia, por ser uma data mundial, a gente batia com os outros compromissos das pessoas, então eu faço na segunda semana já. Rever objetivo, a gente sempre está revendo já. Por exemplo, eu penso que a semana que menos deu certo foi da Agenda 21. Que foi a do ano passado. Porque eu sonhei alto demais, porque quando tu vez a agenda 21 tu pensas que vais dominar o mundo, todos os teus problemas tu vais resolver, risos, só que não dá, né? É a vontade de tu resolver tudo de uma vez só. Mas não dá pra resolver, então, eu fiquei muito frustrada ano passado. Agenda 21, Carta da Terra é tudo muito difícil e tu pensas que é fácil, né? Vamos escrever aí, alinhar, vamos cobrar e vamos atrás, mas sozinho, não.

E: E por que exatamente que não deu certo? Além da questão de haver um discurso muito forte?

Profa. da UE1-E Blumenau : Por exemplo, este talude, já era para ter sido resolvido na Agenda 21 do ano passado. Quer dizer todo o ano ele aparece. [risos] Talude está todo o ano. Por causa do homem que a escola tinha aí [dono de terras próximas a escola] e o servente,

como não tem mais estes dois homens no caminho eu penso que agora este talude vai ‘decolar’. Então eu penso que este talude já era para ter sido feito ano passado. Mas nós não conseguimos. A questão da classificação das plantas que eu quero fazer agora também. Já não consegui fazer ano passado. Então ano passado eu consegui fazer implantar o sistema de gestão ambiental de lixo, só que assim, conseguimos as lixeiras, conseguimos isso, conseguimos aquilo e olha onde estão as lixeiras agora? As lixeiras de papel viraram sucata, ficaram imundas, colocaram comida dentro, as próprias serventes não colaboram. Por exemplo, nós ganhamos um joguinho de lixeira, cada escola ganhou da UNIMED. Eu consegui mais dois joguinhos ano passado por causa do SGA, mas está ali. Tu vê a lixeira e não são colocadas, estão sujas. Então tu te frustras, porque tu pensas que tu vais conseguir fazer um bom trabalho. Ah! Tu conseguiu material, material é talvez o de menos. Tu consegues o material, mas tu não consegues com que as pessoas te ajudem.

E: Tu falaste a respeito, o que é a sigla SGA?

Profa. da UE1-E Blumenau : Sistema de Gestão Ambiental. Isto está previsto para gerir seus resíduos, então cada escola ou cada empresa tem o seu SGA. Então aqui a gente tinha, separação do lixo, claro com comercialização, mas enfim infelizmente as pessoas enxergam esta questão de dinheiro. Se a gente conseguisse pelo menos separar aí tinha, aí tinha aquele “Troque lixo por livro”, que eles traziam pra escola.

E: Aqui também foi abrangido este projeto?

Profa. da UE1-E Blumenau : Sim. Deteste aquele projeto, mas fazer o que, né?

E: Foi mais a prefeitura que se envolveu?

Profa. da UE1-E Blumenau : É um ano foi a prefeitura, depois outro ano veio pra cá. Foi ano passado, mas no caso era só de Pré a quarta. Este ano era pra ser de quinta a oitava mas daí não fizemos.

E: Agora, este talude que estavas falando, quando foi que teve aquele plantio que reuniu um monte de crianças?

Profa. da UE1-E Blumenau : Aquele acho que foi em... 2003 acho. 2003? Não! Não, 2003 eu tava na faculdade ainda. Acho que foi 2005 ou 2006. Todo o ano tem uma ação ali. Todo ano tem!

E: E ainda não conseguiram resolver?

Profa. da UE1-E Blumenau : Não. Porque no ano retrasado [2006] teve aquele desbarrancamento e ficou quase um ano interditado. Mas assim, não é fácil de resolver aquilo ali, porque aquilo ali é capim elefante, né? E como ali tinha bananeira ficava aquela coisa toda retida de água.

E: E agora vocês ganharam mais mudas, né?

Profa. da UE1-E Blumenau : Ganhamos, foi da FAEMA, a parceira deste ano. Na parceria deste ano eles trouxeram a empresa “Queico”, que é uma empresa de informática, então eles tinham mudas pra dar. Só que como eu tinha as mudas, eu não me interessei. Eu queria mesmo alguém pra plantar. Aí os caras vieram pra plantar. Vieram dia 11 [setembro], e plantaram. Só que ela viu a minha caixinha de mudas e disse: “Não eu compro mais.” Daí ela comprou umas mudas maiores, o presidente da FAEMA escolheu as mudas. Trouxeram as mudas pra cá. Daí não tinha estaca, mas tinha cabo de vassoura velha e foi o cabo de vassoura mesmo. Daí ela comprou umas estacas e também comprou esterco. Eu não sei se eles estão pagando multa ambiental, mas enfim pelo que entendi é uma forma de ficar ambientalmente

correto. Tem assim selo verde, estas coisas que eles visam. Mas é legal, eles vieram num sábado de manhã trabalhar.

E: Agora o bom é que pegaram umas mudas maiores, né?

Profa. da UE1-E Blumenau : Sim

E: Eu lembro aquelas que tu trouxeste eram mudas pequenininhas, né? [já que mostrou anteriormente em outra conversa]

Profa. da UE1-E Blumenau : É eram pequenas. E ainda tem aquelas ali pra plantar que a gente ainda não conseguiu plantar. Só que assim, foi legal porque foi fora de horário. Imagina o pessoal largar seu sábado pra vir aqui. Isso foi bem bacana. E também a parte de eles virem a escola conhecer foi legal. E também assim, eles só atendem prefeitura. Eu consigo muito com o presidente da FAEMA, por isso que eu não largo deles. Eles sempre estão ajudando a gente.

E: E eles foram os parceiros deste ano na semana do Meio Ambiente?

Profa. da UE1-E Blumenau : É.

E: E a FATMA, né?

Profa. da UE1-E Blumenau : É, esse ano foi a FATMA, o Horto Florestal de novo, pois algumas mudas vieram do Horto, a Bunge com a questão da gente levar os alunos pra fazer a visita e deram mudinhas e... foi esse ano foi isso, só de parceiro. Foram poucos parceiros, mas...

E: Mas para a escola que não tem nada, já faz uma diferença, né?

Profa. da UE1-E Blumenau : É, só que é cansativo, sabe? Tu manda ofício, tu liga... Fulano dá, fulano pode ser. Aí tu tens que estar... No horário, né? Aí ele veio aqui e conversou, daí tanto tempo depois voltou. É lento o negócio, né? Não é uma coisa rápida.

E: Então tu começa a organizar esta semana do meio ambiente...

Profa. da UE1-E Blumenau : Em fevereiro já.

E: Já no início do ano então?

Profa. da UE1-E Blumenau : No início do ano eu já venho com a idéia e vou amadurecendo. Vou vendo o que dá pra fazer, as vezes eles [os professores] falam alguma coisa, porque muito pouco eles falam aqui pra contribuir aqui dentro. Aí quando a gente pega uma sugestão legal... Ah! Eles até dão a sugestão, mas não dão assim, por exemplo, um ano eu coloquei assim pra eles citarem que palestras eles gostariam, eles queriam uma palestra de minerais, rochas e não sei o que mais, mas eu não tenho quem trazer. Não conheço.

E: Trazer o professor professor de Geologia da FURB?

Profa. da UE1-E Blumenau : Ah, pois é. Vai jogar uma pedra neles ainda! [risos] Mas assim, é difícil sabe não tem também...

E: Aqui na região, chega um momento que satura, né? [de empresas parceira]

Profa. da UE1-E Blumenau : Exatamente isso, depois de 5 anos quem eu vou trazer? Mas a técnica do laboratório de taxidermia da FURB já veio duas vezes, o ornitólogo da FURB veio dois anos, o PET (Programa Educacional Tutorial de Biologia da FURB) vem todo ano. E ano passado como era SGA eu trouxe o pessoal do... Como é? É tipo do almoxarifado da FURB. Lá eles tem... quem coordenada o SGA de lá, veio pra cá. Daí eu trouxe palestra e fez ali com

as crianças a separação de lixo, foi bem bacana. Só que chega uma hora que esgota. Este ano, o que é que eu fiz? Eu pensei no tema, mas quem é que eu vou trazer. Ah! Eu queria trabalhar Mata Atlântica, surgiu a FATMA. E nessa de Mata Atlântica o que ainda mais eu posso fazer? Mais plantio, né? E chega uma hora que acaba!

E: E como tu percebes a relação dos alunos com o projeto?

Profa. da UE1-E Blumenau : Eles gostam. É um momento que eles esperam. Sabe, é uma coisa diferente. Eles têm vontade de fazer uma coisa diferente. Alguns ficam até frustrados porque não podiam plantar, por exemplo. Eu levei na época, a sétima e a oitava pra plantar aqui. Mas a quinta série queria ir. Mas não vou por pequenos. [afirma isso, pois o morro é bastante íngreme] Então eles gostam assim, esperam esta semana. O que é que vai ter? Quem vem pra cá? E isso é muito bom!

E: E depois da semana, tu percebes alguma coisa de retorno dos alunos?

Profa. da UE1-E Blumenau : Sim, eles mudam bastante as atitudes. As vezes pouca coisa, mas mudam. Por exemplo, a questão do lixo, ano passado eles observavam mais as lixeiras, viam que não tinha tanto lixo espalhado pelo pátio. Um pouquinho mais de consciência na própria fala deles, a gente percebe um pouco mais de conceito. Umás coisas mais científicas, não com um vocabulário tão pobrezinho.

E: E com os colegas? Os professores? Como é a relação com eles?

Profa. da UE1-E Blumenau : É um problema sério. Porque aqui dentro não é todo mundo que gosta do meu trabalho, porque eles acham que eu estou aqui pra me exhibir, me achar e puxar o saco da diretora. Então muitos, claro que sempre tem o lado que gosta e o lado que detesta. Então o lado que detesta faz o que pode pra quebrar e o lado que gosta, dentro do possível ajuda. Mas, é difícil! Porque eles acham que o único objetivo é a minha promoção na semana do meio ambiente. E não é isso! Meu objetivo não é me promover, é promover a escola e melhorar a escola. Pra mim se isso daí sair na televisão, se aquilo ali saiu no jornal, beleza! Mas não é com esse cunho.

E: Então não percebes um apoio?

Profa. da UE1-E Blumenau : Não. De muitos não. Já começa porque eles nem querem assistir a palestra as vezes. Nem querem participar.

E: E mesmo estes que acham legal, tu percebes alguma coisa de retorno deles?

Profa. da UE1-E Blumenau : Sim, eles trazem trabalhos a respeito. Porque a semana do Meio Ambiente entra no projeto da UNIMED também. Então é uma forma de ter a coisa meio agregada. Ah! Trabalha meio ambiente na semana do meio ambiente e tens como expor algo pra UNIMED. Tanto que eles [os alunos] também produzem coisas para a UNIMED.

E: Querendo ou não tem haver, né? Já que o projeto da UNIMED “prega” questões relacionadas a qualidade de vida...

Profa. da UE1-E Blumenau : Sim. Saúde ambiental, qualidade ambiental, então a gente trabalha bem estas questões aí. É um puxa pra lá, né?

E: Então eles costumam vincular este projeto com o da UNIMED?

Profa. da UE1-E Blumenau : Sim. É na verdade pra você trabalhar muitos projetos na escola, tem que fazer a coisa vinculada. Se não agregar e puxar um com o outro não dá. Não sai, não consegue. É muito pouco tempo pra trabalhar e cada vez mais esse negócio dos 200 dias letivos e calendário apertado. Ta louco! Você não consegue fazer o que tu queres. Projeto

é algo muito legal, mas também tem os conteúdos de sala de aula. 100% não dá! É como a Rigesa, chegou material não faz 15 dias, atrasado, já que era pra vir em março. Veio tudo agora. Me desculpem! Vou fazer o que der. O material é bacana, mas não há tempo para se trabalhar tudo.

E: E como vocês fazem os registros? Há o registro do planejamento? Do cronograma, dos convites?

Profa. da UE1-E Blumenau : E também assim eu procuro parar e avaliar como foi a semana do ano pra ver o que a gente pode estar melhorando ano que vem ou no outro. Agregando o que deu certo e corrigindo o que deu errado, sempre tem um momento de avaliação. Só que não é algo assim, vamos sentar e vamos conversar, isso não existe. É tudo eu comigo ou as vezes com uma outra pessoa. É assim também, este ano veio este material da Rigesa, veio ali um material de como construir projetos e tal e veio uma pergunta que eu achei até interessante. Eles te dão passos pra construir projetos, só que assim, eles te dão passos sugerem, ajudam. Mas você não consegue parar para uma reunião e conversar com o pessoal, “Olha vamos discutir hoje a semana do meio ambiente!” ou “Vamos discutir projeto de saúde!” Não tem, não tem tempo pra sentar e conversar com ninguém. Não existe momento. A maior dificuldade que a gente tem, é sentar e conversar. Talvez até este projeto poderia ser muito melhor, eu penso. Poderia ter muito mais coisas, só que não tem gente que senta e conversa.

E: E... quais são as expectativas para os próximos anos?

Profa. da UE1-E Blumenau : Eu espero aprimorar mais, mais e mais. Agregar mais para a escola, para que a escola melhore. Retomar a questão do lixo. Continuar o trabalho com o talude. [risos] E ver o que eu consigo de parceria nova. Porque é sempre importante a gente conhecer novas pessoas, novas instituições e estar trazendo. Então esta parceria com a FATMA surgiu pelo Rotari, por exemplo, eu só consegui pra esta escola aqui. Eu não consegui para outra escola. Eles não são tão abertos pra conseguir pra todas as escolas. Principalmente porque o foco deles é o município [referindo-se as escolas municipais]. Então de novo o estado se meteu, embora a FATMA ser um órgão estadual. Mas como é o Rotari que mantém a diária, ou a gasolina do ônibus [referindo-se ao projeto que visitou a escola na semana do meio ambiente], ou não sei o quê. Daí eles tem que fazer o que o Rotari quer. E o Rotari é voltado para a prefeitura, daí tu lidas com politicagem de novo.

E: Eu não lembro de nenhum órgão aqui que beneficia mais as escolas estaduais!

Profa. da UE1-E Blumenau : Não tem mesmo.

E: A maioria é mais voltada para as escolas municipais! Ao invés de beneficiar a escola pública de modo geral!

Profa. da UE1-E Blumenau : E acabou, tudo é igual. Pra não haver richa. Por que já existe aquela richa entre nós, estado e município sempre teve richa. Então quando tu chegas numa parte de querer alguma coisa de pedir alguma coisa, piorou! Aí que tu não prestas pra nada, pois tu és do estado.

E: Pra ano que vem, já surgiu alguma idéia?

Profa. da UE1-E Blumenau : Não. Ainda não pensei.

E: Pra ti, o que é que é Educação Ambiental?

Profa. da UE1-E Blumenau : É uma coisa muito ampla, que a gente tem que trabalhar todos os dias, em todos os momentos a gente faz Educação Ambiental. Acho que não existe uma

disciplina como querem, né? Na verdade, eu acho que eles querem que gostaria que entrasse uma disciplina pra ter a obrigatoriedade de trabalhar meio ambiente. Porque assim, só tem aquela coisa vaga, né? Trabalhar meio ambiente na semana da água e no dia do meio ambiente e acabou, né? Mas eu acho assim, é... É muito importante e só com Educação Ambiental a gente vai conseguir construir os futuros cidadãos do nosso país. Porque é muito complicado. Enquanto a gente faz uma pequena ação, pra eles agregarem e irem junto naquela ação as vezes demora. Então só falando, toda hora construindo com eles é que a gente consegue construir a idéia mesmo. Eu penso que semana passada na outra escola, eu fui escovar os dentes ao meio dia e eu vi a pia do moço, o técnico pedagógico escovando os dentes com a torneira fechada, eu fiquei maravilhada. Eu digo, gente, funciona! De tanto a gente falar, falta água, economize água, feche a torneira e ele escovando os dentes com a torneira fechada. Então, são pequenas ações e vai funcionar. Eu acredito muito.

E: E o que seria pra ti, meio ambiente?

Profa. da UE1-E Blumenau : Ah, é uma coisa grande também. Todo meio em que a gente está inserido, todas as nossas ações. Todos os seres vivos que tem. Toda a interação que a gente tem é meio ambiente. Tudo o que tu fazes repercute no teu meio ambiente. Tu alteras o teu meio ambiente. Meio ambiente na verdade, somos todos nós.

E: E natureza?

Profa. da UE1-E Blumenau : Meu Deus! Tu perguntas cada coisa também! Natureza? Caramba! O que é natureza? Bom, natureza é uma coisa muito bela que a gente está estragando com as nossas ações e infelizmente a gente não está valorizando do jeito que deveria. Eu acho que é todo um estado de espírito, todos os seres vivos que tem com este ambiente. Acho que é uma coisa muito bela. Que a gente está acabando.

Entrevista com o professor da Unidade Escolar Municipal de São Paulo/SP, que será identificado como professora **Prof. da UE-M Blumenau** e a entrevistadora será identificada por **E**.

E: Eu gostaria de saber qual é a formação do senhor?

Prof. da UE-M Blumenau : Eu sou formado em Ciências Biológicas pela FURB [Fundação Universidade Regional de Blumenau] de Blumenau. Me formei em 1993.

E: O senhor tem alguma formação ou mesmo algum curso na área de Educação Ambiental?

Prof. da UE-M Blumenau : Não.

E: Como surgiu a idéia do projeto? Deste projeto que vocês estão desenvolvendo com o plantio de plantas frutíferas, árvores frutíferas, flores e ainda horta.

Prof. da UE-M Blumenau : Ano passado já havia uma certa divisão, os alunos da pré-escola trabalhavam com flores, os canteiros. A horta estava meio parada, um senhor da comunidade que vinha pra trabalhar na horta e não tinha nenhuma pessoa específica pra trabalhar isso, aí por necessidade da própria escola, o diretor conversando com os professores, achou melhor montar este projeto e pegar uma pessoa específica pra trabalhar nele. Então foi feita a divisão por turmas, teve outro ano que a gente já tinha feito outro projeto, cada turma plantava uma determinada hortaliça, cada turma plantava a sua e cuidava, só que não tinha ninguém específico pra trabalhar então agora uma pessoa só trabalhando, as turmas de pré-escolar trabalham plantando flores, de primeiro ano a terceiro ano trabalham com árvores frutíferas, 3ª série, 4ª série, 5ª série e 6ª série estão trabalhando com hortaliças na horta; as 7ª séries

trabalham com plantas bioativas, que são plantas as medicinais, então agora nós queremos montar um seminário agora em outubro e uma exposição destas plantas que estes alunos trazem e colocam em vasos grandes e vai ser exposto estas plantas; e as 8^{as} séries e a turma de reenturmação estão trabalhando com a compostagem com as composteiras.

E: E aí no caso, foi feita a proposta e aí o senhor logo se prontificou e foi escrito o projeto no caso, em conjunto, o diretor com o professor?

Prof. da UE-M Blumenau : Sim, no caso a direção enviou o projeto para a prefeitura que solicitou uma pessoa, que me indicou. Daí em abril, eles [a prefeitura] me liberaram. Só final de abril eles me liberaram pra vir pra cá.

E: E como foi a receptividade dos alunos com esse projeto? Pois ele foi sendo feito aos poucos, com as atividades em si, né?

Prof. da UE-M Blumenau : Sim. Olha, eles gostaram, na verdade gostam bastante, é uma atividade diferente. Então inicialmente eu trabalhei em sala com eles, levei o microscópio, mostrei sementes pequenas, grandes. Vimos células vegetais no microscópio, a maioria nunca tinha visto, não conhecia então eu comecei cedo a habituar eles a trabalhar com microscópio e em seguida começamos a montar o lugar em que eles iriam plantar e aos poucos a gente vai levando as turmas aqueles que vão plantar. Aqueles que vão plantar árvores frutífera, muitos já trouxeram semente, plantamos em saquinhos, algumas já nasceram, já estão germinando e outras estamos plantando. Só falta umas duas turmas plantar as árvores frutíferas, mas todas já plantaram algum tipo de árvore frutífera. Importante pra incentivar eles a se alimentarem de maneira correta, comer frutas, verduras. Também foi enviado pros pais dos alunos que trabalham na horta, os alunos que estão envolvidos na horta, um questionário pros pais responderem a respeito das preferências, se tem horta em casa. Se acha importante a horta em casa e na escola.

E: Todos os alunos apóiam o projeto? Inclusive os alunos de 5^a a 8^a, que são adolescentes?

Prof. da UE-M Blumenau : Na realidade alguns não gostam, fazem corpo mole. Mas a maioria pede “O professor, vamos pra horta hoje? Vamos pra horta?” Aí nem sempre dá pra levar, nem sempre tem uma atividade pra eles desenvolverem lá, então não dá pra levar a todo instante. Cada turma tem o seu canteiro, se limpou o canteiro numa semana eu vou levar de novo já na outra semana? Então temos que fazer um cronograma pra quando houver necessidade levar, desde o momento em que eles plantem, eles estão cuidando, até o momento da colheita pra colher e consumir como alimento.

E: E o senhor percebe alguma coisa diferente dos alunos com relação ao que eles estão plantando? Ou o cuidado com a escola?

Prof. da UE-M Blumenau : Ah, sim. Porque eu já tenho falado com muitas turmas, principalmente os pequenos sobre a questão do lixo, de jogar lixo por aí. E a gente percebe que tem melhorado bastante e algumas turmas quando nós vamos lá pra baixo [referindo-se a área em que fica a horta] alguns alunos, a gente leva umas sacolinhas e na volta no caminho a gente já vai ajuntando os lixos que tem. Então, teve uma época em que aqui atrás, deste corredor que vai pro postinho [referindo-se ao Posto de Saúde, muito próximo da escola] estava bem cheio de lixo, agora dá pra ver que tem bem menos lixo. De vez em quando as turmas vão e a gente leva e já leva os saquinhos e já vão catando lá. Vamos ajudar o meio ambiente, vamos colaborar! Vamos evitar matar uma tartaruga! Eu digo que se vocês jogarem plástico e outros lixos, vocês estão ajudando a matar uma tartaruga, daí expliquei pra eles que as tartarugas engolem plástico, engolem isopor, náilon e acabam se intoxicando. De vez em quando eu pergunto: “Quem de vocês já ajudou a matar uma tartaruga?” Daí ninguém levanta

a mão, “quem já jogou plástico e lixo na rua?” Daí a metade. Metade acaba jogando um papelzinho de bala, chiclete, “então não façam mais isso!” Daí eu vou explicando tudo e tem melhorado esta questão. Agora nós temos um CD que nós ganhamos da UNIMED sobre desenvolvimento sustentável e quero organizar com algumas turmas. Levar por exemplo, as duas quartas, as duas terceiras séries pra trabalhar esta parte de Educação Ambiental também. Daí também envolvendo o Desenvolvimento Sustentável que fala também sobre aquecimento global e suas causas.

E: E com relação aos colegas de trabalho, os outros professores, como o senhor percebe a relação deles com o projeto e a própria visão que eles tem. O que eles demonstram em relação ao projeto?

Prof. da UE-M Blumenau : Olha, a gente percebe o interesse de alguns que tem bastante interesse, estão envolvidos no projeto e alguns a gente percebe que estão mais afastados e a maior dificuldade que a gente vê é lá da 5ª a 8ª série, trabalhar mesmo. Ali são poucos professores que estão engajados mesmo nas atividades do projeto, é uma questão até de se pensar pro próximo ano ver como a gente pode aumentar este envolvimento desses professores no projeto.

E: Com relação as dificuldades que vocês encontraram, além de faltar o servente, tempo os recursos [descritos no questionário], como vocês tem administrado estas dificuldades?

Prof. da UE-M Blumenau : Administrado? Olha, a gente montou um cronograma, muitas coisas foram surgindo ao longo do tempo, a questão da reativação do pomar, surgiu depois, não está no projeto. Nós tínhamos a área toda lá, então, deixamos uma parte de um lado, outra parte de outro lado pra poder administrar a questão do pomar. No começo do ano, por exemplo, não tinha servente, então no local onde foi construída a horta era um capinzal só. Tinha que arrumar roçadeira, então arrumamos a roçadeira com alguém da comunidade, aí eu mesmo rocei, porque não tinha servente, não tinha quem roçasse, eu mesmo fui limpando, depois fui levando os alunos pra ir ajudando a limpar, virar a terra. Aí a questão do adubo, a gente pediu, a escola arrumou. Foi buscar também. Então, muitas coisas, por exemplo, a gente pede, alguns alunos acabam trazendo e outras coisas a própria escola procura arrumar ou formas alternativas quando não tem algum material tenta-se com alguma forma alternativa.

E: Eu vi também que o senhor tem feito registro [o professor mostrou anteriormente em uma das conversas a pasta que parece um diário, em que anota tudo o que faz em determinada data com qual turma]. O que se pretende fazer com este registro? Tem alguma intencionalidade ou é só pra ter pra ter uma organização?

Prof. da UE-M Blumenau : O registro é importante pra quando nós montarmos o relatório final, ter tudo o que foi feito pra fazer uma análise final, né? Como foi o projeto? O que ficou faltando? Onde poderia ser melhorado? O que está bom? O que pode continuar sendo feito? Depois pra gente enviar este relatório para a própria prefeitura pra eles continuarem dando um apoio maior pra gente continuar o projeto.

E: Então este relatório servirá basicamente como uma avaliação?

Prof. da UE-M Blumenau : Também como uma avaliação e como uma forma de manter o projeto vivo.

E: E quais são as expectativas de continuidade do projeto? O que se pretende?

Prof. da UE-M Blumenau : Olha, a expectativa de continuidade boa, apesar de algumas coisas que a gente colocou no cronograma ainda não terem saído. Talvez algumas coisas fiquem só para o ano que vem, às vezes nem tudo se conquista de uma vez só. Vamos

conquistando aos poucos e para o ano que vem a gente está tentando, aliás, vamos tentar fazer uma estufa. Era pra ser feito este ano, mas vai ser difícil fazer este ano a estufa. A estufa pra gente mesmo produzir as próprias mudas de hortaliças e quem sabe comercializar sementes ou mudas de hortaliças.

E: Agora eu gostaria de saber com suas próprias palavras, o que é meio ambiente pro senhor?

Prof. da UE-M Blumenau : Mas é minha opinião ou do projeto?

E: Do senhor?

Prof. da UE-M Blumenau : Meio ambiente é tudo, né? Onde nós vivemos, onde estão todos os animais, todos os seres vivos e os seres não vivos também, como os fatores bióticos e abióticos. A própria biosfera é nosso meio ambiente, nossa vida onde os seres nascem, crescem, tem o seu ciclo vital, isso é meio ambiente que o ser humano está modificando milhares de anos, só que agora aumento mais esta modificação e o aumento da civilização, aumento da população. Eu acho que é isso!

E: E Educação Ambiental? O que é Educação Ambiental pro senhor? Com as próprias palavras?

Prof. da UE-M Blumenau : Pra mim, Educação Ambiental é o instrumento que nós temos em mãos pra mostrar pro aluno que nós estamos vivendo neste meio e temos que cuidar deste meio, não só pra nós mas também adiante pras outras gerações. É aqui que nós vivemos, então é aqui que a Educação Ambiental deve trabalhar todos estes aspectos negativos que vem acontecendo devido a própria ação do homem. Na realidade Educação Ambiental é um termo bastante abrangente, mas pra mim aqui na escola é conscientizar os alunos da importância que eles tem de preservar, né? De conservar o meio ambiente.